



Flávia Ferro Costa Veppo

COMO OS NOSSOS PAIS?

Uma investigação transcultural sobre Vinculação Parental e Amorosa

Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento,
apresentada à Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Setembro/2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Flávia Ferro Costa Veppo

COMO OS NOSSOS PAIS?
Uma investigação transcultural sobre
Vinculação Parental e Amorosa

Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento,
apresentada à Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Orientadores:

Prof. Doutor José Manuel Pacheco Miguel

Prof. Doutora Teresa de Sousa Machado

Coimbra/2016

Aos meus pais

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais por terem acreditado no meu sonho e por não terem medido esforços para que fosse possível concretizá-lo, dando-me sempre o apoio necessário para que eu seguisse o caminho que escolhi trilhar, e que apesar da distância que nos separa, o amor por nós construído está sempre presente e é o que me sustenta todos os dias. Agradeço ao meu irmão por todo incentivo e sabedoria que dedicou nos momentos em que mais precisei, além dos conselhos e perspectivas que me fizeram enxergar a dissertação sob uma ótica diferenciada.

Agradeço à Professora Doutora Teresa de Sousa Machado pela liberdade concedida na escrita e por ter sempre colocado como foco os meus interesses na pesquisa, dando-me a oportunidade de caminhar com as minhas próprias pernas e de acordo com o meu ritmo. Sou grata pela disponibilidade, pelas palavras e pela orientação que me foi tão preciosa.

Agradeço ao Professor Doutor José Manuel Pacheco Miguel pelas palavras de encorajamento, e que apesar de todos os percalços encontrados, *estatisticamente significativos*, não mediu esforços para que fosse possível o cumprimento dos prazos.

Agradeço aos meus avós Bety e Teodoro, que apesar de não estarem mais presentes fisicamente, estão sempre presentes em minha vida e em tudo o que faço. O incentivo nos estudos proporcionado por vocês foi um dos motivos mais importantes que me fizeram concluir esta etapa. Agradeço a minha avó Hélia que desde o meu nascimento tem sido a minha base, principalmente pelo dom que possui em transmitir paz através das suas palavras. Agradeço as minhas tias Fátima e Vera por todo carinho e apoio desde que souberam do meu interesse em seguir carreira académica e por continuarem sempre presentes como mães em minha vida, em especial a minha tia Marta por ter sido uma das responsáveis por eu ter conseguido concretizar esse sonho.

Agradeço ao amor da minha vida Roberto por ter compreendido a minha ausência durante esse período e por tudo que fez e faz por mim, principalmente

por sua cumplicidade, companheirismo e tranquilidade transmitida. Sem o seu amor seria infinitamente mais difícil a conclusão desta fase.

Agradeço as amigadas aqui constituídas, Glyssia, Jéssica e Renata, vocês foram essenciais neste percurso desde os meus primeiros dias em Coimbra e continuarão sendo em minha vida. Agradeço à Carolina por ter dividido comigo esse momento tão importante e que graças a ele nos tornámos ainda mais próximas. Agradeço à Gabriela por ter se mantido sempre tão presente durante todos esses anos de amizade e por ter sempre me apoiado em todas as minhas decisões. Agradeço à Daniele por ter orado por mim e pela força que me deu durante esse trajeto. Agradeço à Tamires pela leveza e por me ter feito sorrir nos momentos mais stressantes.

Agradeço ao restante dos meus familiares e amigos por todo o carinho e apoio que me deram durante esse momento!

E por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os que se dispuseram a responder ao questionário.

A todos vocês, o meu mais sincero e profundo agradecimento!

*Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando
Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os Nossos Pais*

(Belchior)

Resumo

Em síntese, a teoria da vinculação preconiza o estabelecimento de vínculos significativos com as figuras prestadoras de cuidado, sendo a variação da qualidade destes vínculos, decorrente em função dos cuidados dispensados pela figura de vinculação e no modo de como cada um os experiencia. Com base nos vínculos parentais, relativo à forma de como foram estruturados e sentidos afetivamente, são produzidas percepções, expectativas e comportamentos que influenciarão vinculações posteriores através dos modelos internos de si e do outro. Nesse estudo buscou-se compreender a percepção do suporte associado à segurança na vinculação, como um dos preditores mais significativos em termos de ajustamento e adequação a novos contextos relacionais, nomeadamente nas relações amorosas.

O objetivo da presente investigação consistiu em analisar as relações entre a vinculação parental e a vinculação amorosa reportada por jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18-39 anos, em uma amostra transcultural representada por sujeitos portugueses e brasileiros. A amostra foi constituída por 372 sujeitos de ambos os sexos, sendo utilizados para a coleta dos dados o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001) e o Questionário de Vinculação Amorosa (Matos, Cabral & Costa, 2008).

Os resultados obtidos revelaram correlações positivas significativas entre as dimensões: Confiança e Qualidade do Laço Emocional; Dependência e Inibição da Exploração e Individualidade, também relacionada a Ansiedade de Separação; Evitamento e Inibição da Exploração e Individualidade; e correlações negativas significativas entre as dimensões: Confiança e Inibição da Exploração e Individualidade; Evitamento e Qualidade do Laço Emocional. Quando comparadas ambas as amostras verificamos diferenças significativas no que diz respeito às formas de vinculação tanto parental, quanto amorosa, revelando deste modo, diferenças de cunho cultural.

Palavras-chave: Vinculação Parental; Vinculação Amorosa; Jovens Adultos.

Abstract

In conclusion, the attachment theory stipulate the establishment of significant bonds with the care providers, and the variation of quality of those links, arising due to the care given by attachment figure and how each person experience them. Based on the parental bonds, on the form of how they were structured and affectively senses, perceptions, expectations and behaviors will influence posterior bonds, trough internal working models of self and other. With this investigation we can try to understand the perception of support associated with security on linking, like one of the most significant predictors in terms of adjustment and adaptation to new relational contexts, especially in romantic relationships.

The objective of this investigation consisted in analyze the relations between parental bonds and romantic relationship reported by young adults, aged between 18 and 39 years old, on a sample represented by brazilian and portuguese people. The sample was constituted by 372 subjects of both sex, for the Father and Mother Attachment Questionnaire (Matos & Costa, 2001) and the Love Attachment Questionnaire (Matos, Cabral & Costa, 2008).

The results revealed positive correlations between dimensions like: Trust and Quality of Emotional Bond; Dependence and Inhibition of Exploration and Individuality, also related the Separation Anxiety; Avoidance and Inhibition of Exploration and Individuality; Avoidance and Quality of Emotional Bond. When both samples compared we found significant differences between the parental bond and romantic relationships, in a cultural way.

Keywords: Attachment Patterns; Love Attachment; Young Adults.

Índice de Figuras

Figura 1 – Modelo de transferência do processo de vinculação	38
Figura 2 – Modelo da vinculação no adulto	53
Figura 3 – Confiança em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)	104
Figura 4 – Dependência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)	105
Figura 5 – Evitamento em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais Portugueses)	105
Figura 6 – Ambivalência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)	106
Figura 7 – Confiança em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)	107
Figura 8 – Dependência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)	107
Figura 9 – Evitamento em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)	108
Figura 10 – Ambivalência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)	108

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Idade em função do gênero	65
Tabela 2 – Distribuição de acordo com o Grau Acadêmico	66
Tabela 3 – Distribuição de acordo com a Ocupação Profissional	67
Tabela 4 – Distribuição de acordo com a Relação Amorosa	67
Tabela 5 – Distribuição de acordo com o Estado Civil dos Pais	68
Tabela 6 – Distribuição de acordo com quem moram	68
Tabela 7 – Distribuição de acordo com o Acompanhamento Psicológico	69
Tabela 8 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe	71
Tabela 9 – Estatísticas descritivas da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe em função do sexo	72
Tabela 10 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai	73
Tabela 11 – Estatísticas descritivas da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai em função do sexo	74
Tabela 12 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe	75
Tabela 13 – Estatísticas descritivas da dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe em função do sexo	76
Tabela 14 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai	77
Tabela 15 – Estatísticas descritivas da dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai em função do sexo	78
Tabela 16 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe	79

Tabela 17 – Estatísticas descritivas da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe em função do sexo	80
Tabela 18 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai	81
Tabela 19 – Estatísticas descritivas da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai e em função do sexo	82
Tabela 20 – Factores do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	83
Tabela 21 – Correlação entre as subescalas e o valor total do QVPM	87
Tabela 22 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Confiança	89
Tabela 23 – Estatísticas descritivas da dimensão Confiança em função do sexo	90
Tabela 24 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Dependência	91
Tabela 25 – Estatísticas descritivas da dimensão Dependência em função do sexo	91
Tabela 26 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Evitamento	92
Tabela 27 – Estatísticas descritivas da dimensão Evitamento em função do sexo	93
Tabela 28 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Ambivalência	94
Tabela 29 – Estatísticas descritivas da dimensão Ambivalência em função do sexo	94
Tabela 30 – teste <i>t</i> de <i>Student</i> das dimensões do QVA em função do tempo de relacionamento	95
Tabela 31 – Factores do Questionário de Vinculação Amorosa	96
Tabela 32 – Correlação entre as subescalas e o valor total do QVA	98

Tabela 33 – Correlações entre o QVA e o QVPM (Portugueses)	99
Tabela 34 – Correlações entre o QVA e o QVPM (Brasileiros)	100
Tabela 35 – Análise de clusters do QVPM (Mãe/Portugueses)	101
Tabela 36 – Análise de clusters do QVPM (Pai/Portugueses)	101
Tabela 37 – Análise de clusters do QVPM (Mãe/Brasileiros)	102
Tabela 38 – Análise de clusters do QVPM (Pai/Brasileiros)	102
Tabela 39 – Análise de clusters do QVA (Portugueses)	103
Tabela 40 – Análise de clusters do QVA (Brasileiros)	103
Tabela 41 – Análise de clusters do QVPM em relação as dimensões do QVA (Portugueses)	104
Tabela 42 – Análise de clusters do QVPM em relação as dimensões do QVA (Brasileiros)	106

Índice de Abreviaturas

AAI – Adult Attachment Interview

ASD – Ansiedade de Separação e Dependência

IEI – Inibição e Exploração da Individualidade

QLE – Qualidade do Laço Emocional

QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

SUMÁRIO

Introdução	1
PARTE I - Enquadramento Conceptual	
Capítulo 1 – Teoria da Vinculação: Contexto e Desenvolvimento Teórico	6
<i>1.1 John Bowlby</i>	7
<i>1.2 Harry Harlow</i>	11
<i>1.3 Mary Ainsworth</i>	13
Capítulo 2 – Conceitos-chave	16
<i>2.1 Sistema Comportamental de Vinculação</i>	17
<i>2.2 Procura de Proximidade, Porto Seguro, Protesto de Separação e Base Segura</i>	20
<i>2.3 Padrões Clássicos de Vinculação</i>	21
<i>2.4 Modelos Internos Dinâmicos</i>	23
Capítulo 3 – Vinculação Parental	28
<i>3.1 Dos Pais aos Filhos: Percepções acerca si e dos outros</i>	29
<i>3.2 Diferenças entre Vinculação Materna e Paterna</i>	31
<i>3.3 Adult Attachment Interview e os padrões de vinculação</i>	35
<i>3.4 Transferência do Processo de Vinculação</i>	37
Capítulo 4 – Vinculação Amorosa	41
<i>4.1 Teorias sobre o amor</i>	42
<i>4.2 Escolha (?) do companheiro amoroso</i>	46
<i>4.3 Qualidade e Satisfação Conjugal</i>	48
<i>4.4 Modelo de Kim Bartholomew</i>	51
PARTE II - Análise Empírica	
Capítulo 5 – Objetivos e Hipóteses	56
Capítulo 6 – Materiais/Instrumentos	59
<i>6.1 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)</i>	60

6.2	<i>Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)</i>	61
6.3	<i>Procedimentos de Investigação Adoptados</i>	62
6.4	<i>Tratamento Estatístico dos Dados</i>	62
Capítulo 7 – Caracterização da Amostra		64
7.1	<i>Caracterização Sociodemográfica</i>	65
Capítulo 8 – Apresentação dos Resultados		70
8.1	<i>Estatísticas Descritivas e Estudos de Fidelidade do QVPM</i>	71
8.1.1	<i>Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe</i>	71
8.1.2	<i>Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai</i>	72
8.1.3	<i>Qualidade do Laço Emocional à Mãe</i>	74
8.1.4	<i>Qualidade do Laço Emocional ao Pai</i>	76
8.1.5	<i>Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe</i>	78
8.1.6	<i>Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai</i>	80
8.2	<i>Análise Fatorial Exploratória</i>	82
8.3	<i>Estudos de Validade</i>	87
8.4	<i>Estatísticas Descritivas e Estudos de Fidelidade do QVA</i>	88
8.4.1	<i>Confiança</i>	89
8.4.2	<i>Dependência</i>	90
8.4.3	<i>Evitamento</i>	92
8.4.4	<i>Ambivalência</i>	93
8.5	<i>Análise Fatorial Exploratória</i>	95
8.6	<i>Estudos de Validade</i>	97
8.7	<i>Correlações entre os Questionários</i>	98
8.8	<i>Análise de Clusters</i>	100
Capítulo 9 – Discussão dos Resultados		109
Capítulo 10 – Conclusão		122
Referências Bibliográficas		126
ANEXOS		135

Introdução

A teoria da vinculação, originária na década de 50, foi essencialmente desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth. Esta teoria baseia-se na premissa de que o comportamento de vinculação apresenta-se ancorado na história evolutiva, em que as emoções são percebidas como constituídas por funções fundamentais a sobrevivência, sendo estas de natureza primária e não limitadas somente à infância. De acordo com a teoria da vinculação, os sujeitos internalizam modelos comportamentais a partir de repetidas interações com os cuidadores, servindo assim como um mapa cognitivo que guiarão os relacionamentos posteriores.

Em sua formulação seminal a respeito da vinculação, Bowlby postulou dois tipos de modelos internos, sendo estes distintos e complementares, abstraídos a partir de experiências precoces: um modelo de si ou do *self* e um modelo do outro (Bowlby, 1969, 1973). O modelo de si reflete crenças sobre cuidado e aceitabilidade da figura de vinculação, enquanto o modelo do outro, refere-se às expectativas sobre disponibilidade de cuidado e capacidade de resposta durante períodos de angústia. Estes modelos servem como base do sistema comportamental de vinculação, pensados de acordo com o desenvolvimento precoce, sendo que uma vez consolidados, tornam-se relativamente estáveis ao longo da vida (Feeney, 2004; Hazan & Shaver, 1994).

Paralelamente ao comportamento de vinculação, desenvolve-se o comportamento de exploração, em que se participa de diferentes atividades com os pais/pares a fim de explorar o ambiente. Quando o sujeito possui um padrão de vinculação seguro, ele explora o ambiente de maneira tranquila, e quando torna-se alarmado/assustado ou se sente desconfortável, a necessidade de proximidade é aumentada. Estudos na área da vinculação baseiam-se em observações de tradição etológica, sendo projetadas para revelar estratégias adaptativas.

Com base no experimento conhecido por *Situação Estranha*, desenvolvido a partir de um paradigma de observação para identificar as diferenças individuais na vinculação entre a díade mãe-filho (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978), derivou-se três estilos de vinculação (segura, evitante e ansiosa-ambivalente). Hazan e Shaver (1987) posteriormente sugeriram que os mesmos padrões de vinculação seriam similares em relacionamentos amorosos. Desta forma, desde a

concepção formulada por estes autores, um considerável número de pesquisas tem documentado o emprego da teoria da vinculação sob a perspectiva das relações amorosas (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Mikulincer, 2006).

A capacidade para estabelecer vínculo a outras pessoas é considerada como uma característica fundamental e central no desenvolvimento da personalidade, de modo a considerar a sua eficácia e saúde psíquica a partir das formas de vinculação. A condição *sine qua son* da vinculação está na tendência de manter proximidade ao companheiro, e assim, manter o sistema de vinculação desativado (Bowlby, 1988/1992). Mais especificamente, seria como se o companheiro se mantivesse próximo de modo que as suas funções de cuidado fossem percebidas como acessíveis, ou seja, não refere-se a proximidade física em si, mas a proximidade caracterizada pela crença no seu acesso, sendo estas atuantes de acordo com as representações mentais de cada um.

Desta forma, podemos perceber que a vinculação refere-se a um sistema que se desenvolve ao longo do ciclo da vida, e que tem por consideração: a segurança, o afeto e os comportamentos relacionais emocionalmente significativos (Bowlby, 1988; Mikulincer & Shaver, 2003, 2007). De acordo com Bowlby (1979), a "*formation of a bond is described as falling in love, maintaining a bond as loving someone*" (p. 130.), sendo que nenhum comportamento acompanha sensação mais forte que o comportamento de vinculação, de acordo com o autor.

Em uma relação amorosa, quando um dos parceiros exhibe sinais de necessidade, o outro geralmente está motivado para fornecer funções de cuidado, descritas pela teoria da vinculação como: (a) porto seguro; (b) base segura; e (c) proteção contra ameaças internas ou externas (Bowlby, 1969/1982). Estas funções são acompanhadas por fortes emoções que envolvem a acessibilidade ao companheiro, e que culminam em sentimentos de segurança. Tanto para a vinculação e o cuidado, o comportamento do adulto reflete o seu modelo interno dinâmico, geralmente ligado a sua história infantil.

De acordo com esta perspectiva, desenvolvemos a presente investigação, no intuito de verificar a correspondência entre a vinculação parental e a vinculação amorosa reportada por jovens adultos, especificamente com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos. Sendo assim, na primeira parte do estudo

apontamos o desenvolvimento da teoria, algumas das suas variâncias e os pressupostos que a constituem.

O enquadramento conceptual possui o primeiro capítulo dedicado à contextualização da Teoria da Vinculação de acordo com o período decorrente da sua construção, de forma a tornar compreensíveis os motivos implicados no seu desenvolvimento, assim como a contribuição de alguns autores fundamentais à sua formulação. O segundo capítulo traz alguns conceitos-chave da Teoria da Vinculação que julgamos essenciais para a compreensão do nosso estudo. O terceiro capítulo aborda a vinculação parental, assim como o processo de transferência da vinculação e na sequência, o capítulo quatro apresenta a vinculação amorosa e o modelo de Bartholomew utilizado em nosso trabalho principalmente na descrição e interpretação dos *clusters*.

A análise empírica se constitui por 5 capítulos. O quinto capítulo apresenta os objetivos e as hipóteses delineadas em nossa investigação. O sexto capítulo expõe aspectos metodológicos, nomeadamente os materiais utilizados, os procedimentos por nós adotados e o tratamento estatístico dos dados. O sétimo capítulo apresenta a caracterização da amostra. O oitavo capítulo exhibe os resultados obtidos, seguido pelo nono capítulo com a discussão dos resultados. Por fim, apresentamos a conclusão do nosso estudo e algumas possíveis sugestões para investigações futuras.

PARTE I

Enquadramento Conceptual

Capítulo 1

Teoria da Vinculação: Contexto e Desenvolvimento Teórico

*“What cannot be communicated to the (m)other
cannot be communicated to the self”.*

(John Bowlby)

1. INTRODUÇÃO

Um dos dados que se faz consensual no campo académico é a compreensão de que todo o ser humano necessita ter pelo menos uma relação afetiva estável, contínua e significativa desde o início de sua vida para que possa desenvolver-se de forma emocionalmente satisfatória, de modo que usufrua de satisfação e prazer nesta relação. Portanto, analisar a qualidade das relações primárias faz-se central quando discorremos sobre relações as amorosas, para isso utilizámos como base a Teoria da Vinculação desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth¹, por ter como cerne o processo de desenvolvimento dos primeiros laços afetivos.

Outros autores como David Levy (1937), também trouxe contribuições relativa a estas questões, como a necessidade de afeto implícita na relação mãe-filho e as respostas psíquicas que incidem desta falta. No artigo *Primary Affect Hunger*, o autor verifica o surgimento de dificuldades nos relacionamentos interpessoais e a manifestação de sintomas psicopatológicos em crianças privadas de afeto maternal ou que sofreram rejeição materna nos primeiros anos de vida.

Anna Freud e Dorothy Burlingham (1943) foram as precursoras nos estudos sobre privação de contacto materno durante longos períodos (Bowlby, 1952). Em 1941, criaram um abrigo chamado *Hampstead War Nursery*, destinado a receber bebês e crianças vítimas da guerra, onde puderam observar diretamente os efeitos devastadores da privação dos cuidados primários e assim, pesquisaram métodos que pudessem atuar na prevenção de transtornos mentais nestes casos (Benz & Axelrod, 2004).

Outros autores também merecem destaque por terem sido considerados pioneiros nesses estudos, como Himre Herman, que utilizou da base etológica para compreender o desenvolvimento afetivo dos primatas; William Fairbairn, psicanalista que propôs o abandono da teoria das pulsões, pois acreditava que o

¹ Há vários autores que mencionam somente Bowlby como criador da Teoria da Vinculação, porém, como o próprio autor reconhece a significativa contribuição de Ainsworth no desenvolvimento da teoria em *An ethological approach to personality development*, assim como dedica um de seus livros a autora, *A Secure Base*, referiremos ambos como mentores da teoria.

desenvolvimento humano dava-se mediante a necessidade inata que os sujeitos possuem de relacionarem-se uns com os outros; Michael Balint, autor do conceito de amor primário relativo a relação entre mãe-bebé; e René Spitz, por ter trazido discussões em torno da institucionalização de crianças (Guedeney, 2004a). Tais questões são presentes na Teoria da Vinculação e atualmente continuam a fomentar pesquisas e a intrigar profissionais de diversas áreas.

Antes de nos atermos aos principais conceitos da Teoria da Vinculação, abordaremos algumas questões relativas a dados biográficos de três autores em específico, Bowlby e Ainsworth como previsto, e Harlow devido a contribuição dos seus estudos de etologia com macacos *rhesus*, e a possibilidade de transpor os seus conhecimentos aos humanos. Alguns aspectos sociais também serão tratados, tendo em vista a importância do contexto histórico e sociocultural em que se deu o desenvolvimento desta teoria.

1.1 John Bowlby

Bowlby fundamentou a sua obra de acordo com teorias do desenvolvimento e da personalidade, mais especificamente na basilar interação entre os bebés e os seus pais e nas consequentes repercussões deste vínculo. Estudou medicina na Universidade de Cambridge e durante um trabalho voluntário que realizou em 1928, período da sua licenciatura em uma escola residencial para crianças desajustadas, dois casos o intrigaram em especial: um adolescente que se apresentava isolado e não demonstrava qualquer afeto, e o caso de uma criança ansiosa que o seguia como se este fosse a sua sombra, em ambos os casos os sujeitos não possuíam uma relação estável com as suas figuras maternas (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Cassidy, 1999; Machado, 2009).

Após concluir a graduação em medicina, Bowlby decidiu especializar-se em psiquiatria e em psicoterapia, tendo sido aceito como aluno para a formação psicanalítica no *British Psychoanalytic Institute*. Desde o início da formação ele preocupou-se com a ênfase excessiva atribuída à fantasia das crianças em detrimento dos eventos reais de suas vidas por seus professores. Sua experiência clínica e o contacto com Melanie Klein como supervisora de um dos seus casos

clínicos, o convenceram do papel significativo que a interação com os pais desempenhava no desenvolvimento da personalidade da criança e da influência das experiências iniciais dos pais com os seus próprios pais na criação dos seus filhos. A essa interação inicial Bowlby denominou de vinculação e atribuiu uma nova perspectiva a respeito do vínculo primário constituído (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992).

Bowlby colocou em questão o estatuto biológico da vinculação, tornando-a similar no grau de importância em relação a sobrevivência da espécie, ou seja, equiparou tanto a alimentação com a função da nutrição, quanto o comportamento sexual que tem por finalidade a reprodução, à consideração da vinculação ao desenvolvimento do sujeito. Para Bowlby são encaradas como funções independentes e compreende que estas devem ser assim analisadas para que se possa compreender a repercussão causada por um mau funcionamento em algum destes componentes.

Bowlby atribui como causa desencadeante de sintomas psicopatológicos na criança, o facto de essa ter tido uma vinculação mãe-bebe precária, tema abordado por Bowlby, Miller e Winnicott (1939) em uma carta de recomendação publicada pelo *British Medical Journal* intitulada *Evacuation of Small Children*. Nesta carta, os autores argumentam sobre as possíveis complicações ao desenvolvimento da criança decorrente do afastamento materno, como em casos de delinquência persistente. De acordo com a investigação desenvolvida pelo *London Child Guidance Clinic*, em mais da metade dos casos investigados, há evidências de que períodos de separação da criança do ambiente familiar, com duração de seis meses ou mais, durante os seus primeiros anos de vida, podem irromper problemas desenvolvimentais, tornando a separação um fator etológico notável nestes casos (Bowlby, Miller & Winnicott, 1939).

Devido a eclosão da Guerra em 1939, Bowlby teve de interromper a sua carreira como psiquiatra infantil, tendo trazido investigações credíveis de alguns casos que viriam a ser a base dos seus estudos. Durante a Segunda Guerra Mundial, Bowlby contratou Robertson para o ajudar na observação de crianças hospitalizadas e institucionalizadas quando separadas dos pais no *Hampstead War Nursery*. Após dois anos de coleta de dados para o projeto de Bowlby, Robertson produziu um filme com as filmagens que realizou durante as

observações – *A Two-Year-Old Goes to Hospital* (Bretherton, 1992; Kobak 1999).

Após a Segunda Guerra Mundial, as dificuldades decorrentes da separação precoce e duradoura foi tema reconhecido por Bowlby e Robertson como um dos mais significativos fatores desencadeantes de problemas desenvolvimentais. A falta de cuidados maternos, analisada em ocorrência das várias crianças separadas de seus familiares durante a guerra, sujeitas muitas vezes a institucionalização, tornaram-se o sustentáculo para o desenvolvimento da sua teoria (Ainsworth & Bowlby, 1991; Guedeney, 2004a).

Sua primeira pesquisa sistemática foi realizada com 44 jovens institucionalizados envolvidos em furtos, que quando comparados a um grupo controle, percebeu-se que experiências de privação prolongadas dos cuidados maternos eram muito mais recorrentes entre os delinquentes que no grupo controle, e que tais experiências estiveram especialmente relacionadas às crianças diagnosticadas como “desprovidas de afeto” (Kobak, 1999).

No início da década de 1950, Bowlby se tornou bastante influente, tendo participado de um grupo de estudo internacional e interdisciplinar sobre psicobiologia da infância convocada pela OMS, juntamente com autores como Jean Piaget, Konrad Lorenz, Margaret Mead, Julian Huxley, Bärbel Inhelder, von Bertalanffy e Erik Erikson. Em discussões com o grupo, pôde fortalecer as suas concepções teóricas de base sistêmica e evolutiva, tendo utilizado os conhecimentos provenientes destas reuniões como facilitador em um grupo de apoio semanal para jovens mães (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992).

Em decorrência da preocupação pós-guerra com as várias crianças sem família, Bowlby (1952) escreveu um relatório, denominado *Maternal Care and Mental Health*² a pedido da Organização Mundial da Saúde, sobre a importância da qualidade das relações primárias e as prováveis complicações resultantes das separações entre os progenitores. Bowlby afirmou que especialmente durante os três primeiros anos de vida, a criança possui maior risco de desenvolver doenças físicas e mentais quando sofrem de privação materna, sendo os danos muito reduzidos em casos de adoção entre os primeiros seis-nove meses de idade.

Várias pesquisas atualmente têm contribuído para averiguação

² Relatório traduzido em 14 línguas, com vendas de 400.000 exemplares na edição em inglês.

tristemente reconfirmada sobre os efeitos devastadores ao desenvolvimento (cognitivo, motor, de estrutura de personalidade) de crianças vítimas de abandono. Nesse contexto de guerra e privação surge a Teoria da Vinculação, representada pela trilogia *Attachment and Loss*³ (1969-1980), porém reconhecida somente após a publicação de *A Secure Base* (1988), sob influência: da psicanálise, no que diz respeito à influência dos primeiros anos de vida da criança na formação da personalidade e na relação traçada entre a ansiedade e a separação; da teoria do desenvolvimento e a avaliação da vinculação durante todo o ciclo de vida do sujeito; da etologia, ao buscar compreender os comportamentos inatos e em ambiente natural; da teoria evolucionista, base para a compreensão do sistema de vinculação dada a necessidade básica do sujeito vincular-se e manter-se seguro com um outro desde o nascimento até a morte; das ciências cognitivas, da informática e da cibernética com os contributos da observação, da reconstrução, da narração e dos mecanismos de feedback (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Guedeney, 2004b).

Importante destacar o ano de 1958, pois foi marcado por dois artigos escritos de forma independente, mas que apresentaram ideias bastante similares em que ambos contestam a teoria tradicional da afetividade. Um dos artigos foi escrito por Bowlby intitulado *The Nature of Child's Tie to His Mother*, baseado em experiências práticas com bebês humanos, e o outro artigo foi escrito pelo etólogo Harlow denominado *The Nature of Love*, realizado através de investigações com bebês macacos *rhesus*.

Neste período, Bowlby interessou-se pelas correspondências entre o objeto da etologia e da psicanálise, mais propriamente ao carácter elaborado da abordagem científica dos etólogos, aproximando-se de Robert Hinde, que viria a ser seu mestre em etologia. Foi com base na etologia que Bowlby encontrou o que acreditava ser parte importante para a sua teoria, pois a percepção de que a privação materna era extremamente prejudicial ao desenvolvimento também dos bebês macacos *rhesus*, impulsionou ainda mais as suas pesquisas de modo que pôde acrescentar estes achados as suas investigações.

³ Volume I – Attachment, Volume II – Separation – anxiety and anger e Volume III – Loss Sadness and Depression.

Dessa forma, Bowlby traz a vinculação para o campo da necessidade primária, rompendo com a crença de que o bebé por meio da aprendizagem passaria do seu estado biológico ao estatuto de ser social, em que a dependência física associada às necessidades fisiológicas de base, quando satisfeitas, produziriam necessidades emocionais no outro. Bowlby então percebe o vínculo formado como promotor da união do bebé ao meio, e compreende essa dependência inicial como inata e fundamental ao seu desenvolvimento.

Enquanto em abordagens tradicionais, a dependência é considerada como inevitável durante a infância, sendo ainda vista como regressiva e indesejável e sem nenhum valor biológico, Bowlby concebeu-a como inerente a esta fase e o comportamento de vinculação como um componente importante do comportamento humano, tendo a proteção função biológica, não só na infância, mas ao longo da vida, sendo a sua presença compreendida em muitas outras espécies e em termos da teoria da evolução.

1.2 Harry Harlow

Enquanto Bowlby buscou compreender a vinculação sob a perspectiva humana no intuito de responder as exigências da verificação científica até então não cumpridas pela psicanálise, Harlow investigou a relação entre cuidador-filho de acordo com a infância animal dos bebés macacos *rhesus*, em que percebia o amor⁴ como um comportamento inato e não como um meio para obtenção de prazer, sendo este comportamento antecedente a sexualidade, e que o prepararia para tal feito.

Harlow (1958) defende que as respostas iniciais de amor são estabelecidas entre a mãe (ou substituta) e o bebé, e que a partir dessa relação, formar-se-iam por aprendizagem e generalização múltiplas respostas afetivas. A necessidade de contacto físico e a procura em manter-se próximo à mãe também foi tema abordado por Harlow, sendo estes comportamentos observados independentemente da amamentação, tornando assim questionável o papel primordial que antes fora atribuído a alimentação.

⁴ O termo amor utilizado por Harlow (1958) apresenta-se análogo a designação de vinculação empregada por Bowlby.

Em estudo dirigido com bebês macacos, Harlow (1958) discriminou duas “mães” substitutas, uma feita de pano e outra de arame, e evidenciou o quanto o conforto do contacto se apresenta como uma variável importante para o desenvolvimento de respostas afetivas, enquanto a amamentação (vista somente como alimentação) apresenta-se como uma variável de importância negligenciável neste quesito. De acordo com este estudo, Harlow concluiu que a mãe feita de arame demonstrou-se biologicamente adequada pois fornecia alimento, porém, psicologicamente inapta, pois ainda que a mãe felpuda não fornecesse alimento, era preferida pelos bebês.

Os bebês privados do conforto do contacto da mãe felpuda e alimentados pela mãe feita de arame apresentaram perturbações emocionais e orgânicas, demonstrando-se não adaptados socialmente e incapazes de interagir com os pares, comportamento este persistente até a idade adulta. Concluiu-se assim, que o amor entre mãe-bebé era a base para outros laços afetivos, configurando-o como essencial para o desenvolvimento normal e para a saúde mental dos primatas (Harlow, 1958).

Harlow (1958) também investigou o processo de exploração do meio dos bebês macacos, e para isso, lançou objetos que fossem estranhos a eles para analisar as suas reações. Ao observar que estes retornavam ao contacto com a mãe a qualquer sinal de perigo emitido pelos objetos (como se o contacto materno dessensibilizasse ou descondicionasse o seu medo), concluiu sobre a importância do contacto com a mãe como meio de auxílio para exploração do meio.

Em outro estudo, Harlow juntamente com Suómi (1972), desenvolveram uma espécie de *Peer Therapy*, que consistia no tratamento de macacos que haviam sido criados isoladamente durante os primeiros seis/doze meses de idade. O tratamento consistia na inserção dos macacos isolados com um grupo de “macacos terapeutas”, com idades compreendidas entre os 3-4 meses, pois segundo os autores, nesta idade os macacos possuem um melhor repertório social e não demonstram agressividade a macacos estranhos, ocorrendo a socialização entre eles de maneira mais eficaz. Após algumas semanas de interação, os comportamentos de perturbação apresentaram-se diminuídos, e após seis meses, os macacos isolados já não distinguiam-se dos outros em aspectos comportamentais. A conclusão principal deste experimento foi que os macacos

criados em total isolamento social durante os primeiros meses de vida podem exibir recuperação significativa de praticamente todos os *deficits* comportamentais após uma reinserção social efetiva.

1.3 Mary Ainsworth

Ainsworth graduou-se em psicologia em 1939 pela Universidade de Toronto, na esperança de compreender os motivos que a fizeram tornar-se a pessoa que era e no modo de como os seus pais intervieram nessa construção. Durante a licenciatura, a autora pôde entrar em contacto com o exercício fascinante da pesquisa em um experimento desenvolvido por Chant sob à luz da teoria de William Blatz⁵, centrada no desenvolvimento da personalidade. Após a conclusão da graduação, Ainsworth deu continuidade na mesma Universidade como estudante de pós-graduação e recebeu uma proposta de Blatz para basear a sua pesquisa de acordo com a sua teoria, porém a eclosão da guerra não permitiu o seguimento desta investigação (Ainsworth & Bowlby, 1991).

Passado algum tempo, após Ainsworth responder a um anúncio de emprego em uma investigação sob a direção de Bowlby, pôde juntar-se a equipe e estabelecer um contacto mais próximo com o mesmo no período entre 1950-1954, ocasião em que deslocou-se para Uganda e desenvolveu o primeiro estudo sistemático de observação relatado em seu livro *Infancy in Uganda*, em que propôs um esquema de desenvolvimento de vinculação da criança, assim como o conhecimento sobre a Base Segura, fundamentado através de observações diretas no contexto familiar (Ainsworth & Bowlby, 1991; Cassidy, 1999; Guedeney, 2004a).

As pesquisas de Ainsworth (1989) viriam corroborar para a ideia de que o contacto com a mãe é essencial e de que o bebé exerce papel ativo na construção desta vinculação, principalmente quando está com medo devido ao afastamento da mãe ou em razão de fome. No melhor dos casos, a mãe é vista como base segura e o meio pelo qual o bebé se utiliza para explorar o seu mundo, pois será mais

⁵ William Blatz desenvolveu a Teoria da Segurança postulada na segurança sentida pelo sujeito como base para o desenvolvimento de aceitação do próprio comportamento e de confiança em um outro. De acordo com essa teoria, uma dependência segura com os progenitores é fundamental para que o sujeito possa efectuar uma exploração saudável do meio.

propriamente o vínculo materno o guia para as relações futuras e o agente preditor de como essas relações serão estabelecidas.

Outra investigação desenvolvida pela autora, conhecida como estudo de Baltimore, de carácter longitudinal, derivou das observações de 26 díades mãe-bebé em ambiente tanto natural quanto laboratorial, com bebés com idade de até um ano. Concomitante a esse estudo, Ainsworth desenvolveu o procedimento conhecido como Situação Estranha, demonstrado em seu livro *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation* (1978).

Ainsworth et al. (1978) ao desenvolver a Situação Estranha, primeiro instrumento de avaliação da vinculação, deu à Teoria da Vinculação o prolongamento experimental necessário para que esta pudesse ser posta cientificamente e de forma notória. A Situação Estranha foi desenvolvida com base no artigo de Jean Arsenian denominado *Young Children in a Insecure Situation*, que consistia na apresentação de um jogo livre com a presença/ausência da mãe (Bretherton, 1992).

Ainsworth utiliza então esse suporte como forma de ativar o sistema de vinculação da criança através de sucessivas separações do cuidador, e também como forma de avaliar o sistema de exploração da criança através de brinquedos. O interesse de Ainsworth esteve em perceber se/e quando a criança buscava proximidade e contacto com o cuidador, e em que grau era aceito e como era confortado com o contacto, e ainda se o comportamento de exploração era facilitado pelo cuidador (Guedeney, 2004a).

A observação direta⁶ nesse ambiente de cuidado impessoal, mostrou como uma criança passa do protesto angustiado inicial (choro, procura ativa e resistência aos outros) ao ser separada da mãe, ao desespero (estado de passividade e tristeza) e por fim, ao desapego (traduzido pelo distanciamento emocional, visto como defesa ativa em evitar a mãe quando esta retorna). O desapego foi visto especialmente em casos de separação excedida em mais de uma semana, sendo que o vínculo não desaparecia, porém, tornava-se ansioso (Ainsworth et. al, 1978; Hazan & Shaver, 1987; Kobak, 1999).

⁶ De acordo com essas observações, as crianças ambivalentes demonstraram níveis extremos de protesto e angústia, enquanto as crianças evitantes costumaram expressar sinais de desapego.

Ainsworth (1989) obteve notoriedade e reconhecimento dos seus contributos pelo foco dado a vinculação na infância à mãe e o desenvolvimento da vinculação durante o primeiro ano de vida do bebé através de observação direta e no próprio meio em que este vivia, tornando possível examinar diferenças individuais de vinculação. A autora também identificou os três principais padrões de vinculação em situação laboratorial, que serão discutidos posteriormente. Percebemos assim o quão essencial foi a sua pesquisa para que atualmente os trabalhos sobre vinculação pudessem ser reconhecidos e validados com base em várias das suas investigações.

Capítulo 2

Conceitos-chave

“There is nothing more practical than a good theory”.
(Kurt Lewin)

2. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a relevância dos conceitos desenvolvidos pela Teoria da Vinculação, exploraremos alguns dos quais se apresentam implicados ao processo da formação da vinculação, no intuito de tornar facilitada a compreensão dos próximos capítulos sobre vinculação parental e amorosa.

2.1 Sistema Comportamental de Vinculação

Bowlby (1969) desenvolveu o conceito de sistema comportamental de vinculação sob influência dos conhecimentos do etólogo Konrad Lorenz, em especial ao conceito de *imprinting* (cuja função biológica está em garantir a proteção da prole em situações adversas ou de perigo, em que há uma predisposição para a formação de vínculos afetivos), com o objetivo de explicar a regulação inata da formação de laços emocionais, em particular, na relação estabelecida entre mãe-bebé.

A criança ao nascer necessita de um adulto que promova a sua alimentação, proteção e cuidados, e como resultado, ela desenvolverá um repertório de comportamentos com a função de manter-se próxima do seu cuidador, sendo essa proximidade⁷ equivalente ao grau de ansiedade sentida por ela, relacionada ao seu estado físico e emocional. A proximidade tem por consequência gerar sentimentos de segurança e amor, ao passo que perturbações nesse relacionamento, geralmente causarão ansiedade, e por vezes, raiva ou tristeza.

Para um observador externo, o objetivo do sistema comportamental da vinculação está em estabelecer proximidade física com a figura de vinculação, de acordo com o contexto no qual a criança está inserida, porém, para a criança, o objetivo não está centrado na proximidade física, mas antes em sentir-se segura com esse contacto (Carvalho, Martins, Neves & Soares, 2007). O sistema

⁷ Um dos exemplos mais comuns e intensos do comportamento de vinculação em adultos pôde ser visto durante os ataques terroristas de 11 de Setembro, devido ao forte desejo de estarem próximos aos seus entes queridos (Collins & Feeney, 2013).

comportamental de vinculação abrange um conjunto de comportamentos de vinculação motivados intrinsecamente pela criança, ou seja, serão desenvolvidos de forma independente dos cuidadores satisfazerem ou não as suas necessidades (Cassidy, 1999; Guedeney, 2004b). Cabe ressaltar que a ausência de comportamentos de vinculação com uma figura emocionalmente significativa, expressa atitude defensiva face a alguma angústia experienciada, e não a ausência de vinculação.

As estratégias comportamentais da criança visam a adaptação com o objetivo de promover a vinculação, acompanhada por arranjos psicológicos específicos. Desde o seu nascimento, a criança é equipada por um repertório de comportamentos característicos da sua espécie que promoverão a proximidade do cuidador. A princípio são comportamentos simples, como comportamentos de sinalização (ex: choro) com a intenção de ativar o comportamento de cuidado do progenitor e de atraí-lo. No começo, os comportamentos são direcionados a qualquer pessoa, tornando-se discriminado a medida que o bebê passa a diferenciá-las, e torna esse comportamento dirigido a alguém em específico (Ainsworth, 1989).

As figuras de vinculação se organizarão de maneira hierárquica pela criança em função dos cuidados prestados e de acordo com a qualidade que esta relação se estabelece, sendo nomeada uma figura de vinculação privilegiada. Portanto, a figura de vinculação será a pessoa a quem a criança dirigirá o seu comportamento de aproximação e pode ser qualquer pessoa desde que esta desenvolva uma interação social e duradoura com ela (Guedeney, 2004b). A criança dirige-se preferencialmente a figuras discriminadas em busca de conforto, apoio e segurança, e se angustia diante de algum perigo ou protesta em casos de uma provável separação destas.

Ou seja, o seu comportamento de vinculação será organizado de forma dependente de indícios intrínsecos e extrínsecos, logo, os seus comportamentos serão condizentes ao que ela acredita serem úteis em determinada circunstância e de acordo com a forma de como as suas figuras de vinculação costumam comportar-se repetidamente de maneira estável (Figueiredo, 2003). De acordo Veríssimo et al. (2011), os comportamentos de vinculação equivalem-se de forma

funcional, ou seja, alteram-se com o decorrer do desenvolvimento em função da idade, sendo os sujeitos posteriormente capazes de regular os meios em busca de alguma finalidade.

O sistema comportamental de vinculação pode ser considerado com um sistema de retrocontrolo que se mantém permanentemente ativado como se fosse um sistema de vigilância, que conduz a procura de contacto com a figura de vinculação. Em condições que a criança interpreta o ambiente como sendo seguro, ela apresenta-se livre a prosseguir com os seus objetivos ou atividades, porém quando percebe o ambiente como ameaçador, torna-se retraída na busca dos seus objetivos, e a fim de diminuir a ansiedade nestas situações, ela apresenta resposta de hiperativação/desativação no seu sistema de vinculação (Bowlby, 1988).

Essas respostas são denominadas de estratégias de vinculação secundárias e são geradas a partir de experiências negativas com as figuras de vinculação. Ocorrem quando a presença do outro não é percebida como sendo capaz de responder as necessidades, e após sucessivas experiências ruins, o sujeito passa a não se considerar digno de ser amado e protegido. Nessas situações, são utilizadas defesas a fim de regular estes sentimentos, tornando as representações internas distorcidas e de carácter defensivo (Bowlby, 1969).

Em casos de hiperactivação do sistema de vinculação, a crença está em obter proteção e segurança, porém as estratégias primárias não se mostram suficientes, sendo necessário a criança adotar manifestações extremadas de aflição para obtenção de consolo, impedindo-a assim de explorar e se interessar pelo mundo exterior, havendo um forte desejo em manter-se próximo da figura de vinculação, demonstrada pela excessiva preocupação frente a disponibilidade da mesma. Nos casos de desactivação do sistema de vinculação, há a inibição de busca por proximidade, caracterizada por desconforto frente a proximidade da figura de vinculação, tornando preferível manter-se distante física e emocionalmente, sendo demonstrada uma postura de extrema independência (Bartholomew, 1990).

Há ainda casos em que as estratégias de vinculação falham e não se tornam coerentes, ocorrendo quando não se consegue adaptar-se ao progenitor, a chamada desorganização (Main & Solomon, 1988 *apud* Miljkovitch, 2004). A

desorganização ocorre quando há um conflito entre duas estratégias incompatíveis, havendo uma interrupção prematura do comportamento de vinculação ou quando há uma ativação simultânea de comportamentos contraditórios de procura e fuga (Miljkovitch, 2004).

2.2 Procura de Proximidade, Porto Seguro, Protesto de Separação e Base Segura

São quatro os comportamentos que definirão a vinculação e as funções de uma relação de vinculação: *procura de proximidade* (refere-se a procura por manter contacto físico com a figura de vinculação, demonstrando resistência frente a uma possível separação e angústia quando separado desta), *porto seguro* (representado pela busca por conforto, apoio e segurança em situações ansiógenas, sendo o cuidador utilizado como fonte de conforto e suporte), *protesto de separação* (reclamação seguida da separação da figura de vinculação) e *base segura*⁸ (vista a partir de incursões motivadas pelo cuidador a explorar objetos e pessoas, sendo o cuidador envolvido como base para essa exploração) (Bowlby, 1969; Cassidy, 1999; Kobak, 1999).

Bowlby descreve a função de porto seguro relacionada particularmente quando a criança sente medo e se apega a mãe com grande tenacidade. De acordo com Ainsworth (1967), quando a criança está vinculada a mãe de forma segura, ela não necessita manter-se próxima ou estar sempre em contacto com ela, portanto a criança consegue afastar-se, desde que saiba que a mãe estará lá quando dela precisar. A mãe é retratada como base segura quando a criança explora o meio de forma tranquila e sente-se segura mesmo quando a mãe não está presente (Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos & Fernandes, 2008).

Uma criança capaz de experienciar situações de exploração sem se sentir desconfortável, foi aquela que vinculou-se a figuras primárias capazes de potencializar as suas capacidades de exploração e que transmitiram segurança em caso de regresso da criança frente a alguma ameaça, dessa forma, a criança pôde efetuar as suas escolhas, na certeza de que poderia voltar e ser aceite caso algo

⁸ Tais actividades de exploração podem assumir diferentes formas nos adultos, por isso, uma base segura faz-se crucial para o funcionamento ideal e a saúde mental dos sujeitos (Collins & Feeney, 2013).

não corresse conforme o esperado (Bowlby, 1988). Logo, a capacidade de explorar o meio representa crescimento, pois uma criança que aprendeu a explorar o seu meio, será um adulto capaz de perseguir os seus anseios e sentir-se-á seguro mesmo em situações de *stress*.

2.3 Padrões Clássicos de Vinculação

Ainsworth et al. (1978) descreveu três padrões clássicos de vinculação, baseados em comportamentos manifestos durante o experimento conhecido por Situação Estranha em observações em contexto familiar, conhecidos por:

Vinculação Segura ou Padrão B – corresponde a sujeitos que demonstram comportamento de manutenção de proximidade e de busca de conforto, e utilizam a figura de vinculação como base segura para a exploração do meio. Manifestam perturbação quando a figura de vinculação não está presente e são confortadas por ela quando esta retorna. Uma pessoa segura tende a ser mais feliz e recompensadora, sendo caracterizada pela procura ativa de proximidade e interação com as figuras de vinculação que se apresentam afetuosas, sensíveis, aceitantes e responsivas no cuidado e na interação com os filhos (Verissimo et al., 2011), mostrando-se menos exigentes que um sujeito inseguro e ansioso. A vinculação segura é o padrão mais comum observado, apresentando uma média de 62% dos casos (Campos, Barrett, Lamb, Goldsmith & Stenberg, 1983 *apud* Hazan & Shaver, 1987).

Vinculação Ansiosa/Evitante ou Padrão A – refere-se a sujeitos que demonstram baixa busca por proximidade e conforto, com exploração constante do meio, porém sem tanto entusiasmo quanto os sujeitos seguros. Não apresentam ansiedade quando separadas dos seus cuidadores e não demonstram entusiasmo com o retorno destes, sendo evitado o contacto. Os cuidadores geralmente repelem sinais de contacto e formas de confortar a criança. Uma pessoa evitante tende a se manter distante e a agredir os outros, sendo que durante alguma separação da figura de vinculação, não manifesta preocupação em relação a sua ausência, mantendo aproximação e interação com objetos, ou seja, em constante exploração do ambiente. Esses sujeitos possuem baixa tendência em demonstrar comportamento de vinculação ou de procura de contacto físico. Geralmente são

classificados como rejeitantes, controladores e intrusivos, com um comportamento pouco afetuoso e de relutância ao contacto físico (Hendrick & Hendrick, 1989). Em média, 23% das pessoas estão inseridas nesta classificação (Campos et al., 1983 *apud* Hazan & Shaver, 1987).

Vinculação Ansiosa/Ambivalente ou Padrão C – relativo a pessoas que demonstram oscilação entre se aproximar ou evitar a figura de vinculação, dada a inconsistência da mãe em não conseguir perceber os seus sinais, ora respondendo de forma irresponsiva/indisponível e por vezes intrusiva, o que conseqüentemente tornará diminuída a capacidade em “prever” as reações desta. São sujeitos que estão sempre em busca de contacto com a figura de vinculação, apesar de resistirem o seu contacto. Demonstram receio em explorar o meio e de estar entre pessoas desconhecidas. Um sujeito ambivalente tende a se lamentar mais e ser mais apegado as pessoas, geralmente possui figuras de vinculação que prestam cuidado de forma inconsistente e pouco responsivas as suas necessidades. Apresenta-se associado a um nível elevado de ativação do sistema de vinculação, em que se faz constante a procura por proximidade da figura de vinculação, resultando em uma pobre exploração do ambiente, muitas vezes caracterizada pela passividade (Silva & Costa, 2014). A vinculação ambivalente é o padrão menos comum observado, apresentando uma média de 15% das pessoas (Campos et al., 1983 *apud* Hazan & Shaver, 1987).

Essas diferenças verificadas nos padrões de vinculação resultam de várias interações, como características particulares do filho e da figura materna, a qualidade dos cuidados, dentre outros fatores. A proximidade demandada será de acordo com a necessidade de manter os níveis de ansiedade baixos, tendo interferência de fatores endógenos e exógenos, seu estado físico e emocional e a percepção do ambiente como ameaçador, sendo que cada padrão apresentará estratégias diferenciadas na tentativa de resolver problemas adaptativos.

A Teoria da Vinculação possui como fundamento explicar as formas de como o sujeito lida e processa os episódios de dor e de angústia e em como procura restabelecer as suas emoções. As estratégias de regulação emocional condizem com os padrões de vinculação apreendidos na infância, ou seja, quando observa-se uma vinculação segura, menos níveis de ansiedade e vigilância se

apresentarão como reguladores das emoções.

2.4 Modelos Internos Dinâmicos

Segundo Feeney (2004), para se compreender a fonte da estabilidade ou instabilidade da vinculação amorosa dos adultos, faz-se necessário considerar em detalhe o conceito dos modelos internos, pois estes mecanismos afetarão as experiências afetivas dos sujeitos ao longo de suas vidas, portanto, daremos ênfase a esse conceito. De acordo com Schmidt e Argimon (2009) há uma transmissão entre as gerações da estabilidade e da continuidade do estilo de vínculo, que de forma intencional ou não, influenciariam os comportamentos das gerações futuras.

De acordo com Bowlby (1969/1982), o bebê apesar de não conseguir formar estruturas simbólicas apoiado nas interações que possui, é capaz de interiorizá-las em sua memória processual e adaptar as suas respostas de acordo com as experiências vividas. Essas experiências serão relevantes para a compreensão do seu próprio *self*, dos outros e das suas relações interpessoais, pois servirão como modelo e meio pelo qual a criança se baseará para interpretar comportamentos e antever as reações de outras pessoas. Essa estrutura afetiva desenvolvida pela criança é denominada de modelo interno dinâmico e influenciará as interações familiares, amorosas e sociais do sujeito (Miljkovitch, 2004).

Bowlby fundamentou a idade em que esses modelos começariam a funcionar baseado nos trabalhos de Piaget (1947/1948) sobre a permanência do objeto, descrito como sendo aos cinco meses a idade em que a criança seria capaz de reconhecer um objeto. De acordo com Bowlby, o reconhecimento da mãe seria muito antes de a criança conseguir reconhecer qualquer outra pessoa, pois as interações com esta possuem um carácter afetivo muito mais significativo que qualquer outra interação, sendo que antes dos cinco meses as crianças já demonstram preferência relativamente à mãe (Miljkovitch, 2004).

Esse modelo então seria estruturado durante a infância e influenciaria as formas de vínculo do sujeito, passando a fazer parte de sua personalidade, transformando-se em uma representação mental da relação de vínculo que

persistiria ao longo da sua vida e definiria de certa forma as suas futuras relações afetivas. Os primeiros anos de vida da criança são portanto essenciais, e a reciprocidade recebida dos pais para responder as suas necessidades e a qualidade dessa interação favorecem o desenvolvimento do senso de segurança, bem-estar e confiança (Schmidt & Argimon, 2009). Ou seja, o modelo interno refletirá o sentimento que se construiu sobre amor e cuidado, ou negligência e incompreensão, consoante a vinculação recebida e apreendida.

Os cuidadores possuem um papel basilar diante da forma de como cada sujeito desenvolve os seus modelos internos, pois será através da qualidade do cuidado e das interpretações experienciadas (comunicação verbal e não verbal), que as representações de vinculação serão geradas e mantidas (Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva & Pinto, 2014). De acordo com Lopez, Melendez, Sauer, Berger & Wyssmann (1998), os modelos internos dinâmicos agrupam dois esquemas cognitivos: o modelo do *self*, que se caracteriza pela percepção de si e sobre a possibilidade de ser amado, e o modelo dos outros, que se refere as expectativas direcionadas aos outros. Um modelo dinâmico do *self* valorizado é constituído com base na forma de como os pais se mostram emocionalmente disponíveis e oferecem suporte as atividades exploratórias, enquanto o contrário, pais como figuras de rejeição provavelmente terão filhos que desenvolverão seu modelo interno como sendo desvalorizado e incompetente (Maia et al., 2014).

Em um estudo realizado com crianças em idade pré-escolar, foram avaliados seus modelos internos em situações de partilha afetiva, nomeadamente em momentos de perigo ou de dificuldade, tendo sido demonstrado que as crianças que percebem os seus pais como calorosos no momento em que lhes foi necessário, ou seja, quando a relação evidencia derivar de momentos de partilha de emoções positivas sem retribuição de emoções negativas, tendo os pais compreendido e reagido de acordo com as suas necessidades e emoções, estas apresentaram melhor competência emocional com seus pares (Denham, 1997).

A percepção em relação ao suporte oferecido será portanto, diretamente relacionada a segurança sentida em suas relações afetivas futuras. Sujeitos seguros demonstram possuir uma concepção mais positiva e crítica de si e mais capazes em aceitar as suas limitações, enquanto os inseguros tendem a possuir uma

concepção mais negativa acerca de si ou uma representação idealizada, caracterizada por frequente cobrança interna (Maia et al., 2014).

Pode-se afirmar então que a segurança que o adulto sentirá em suas relações afetivas diz respeito a como ele se sentiu seguro e confiante quando criança, logo, ele é parte ativa dessa construção de acordo com a forma de como percebe e interpreta o seu ambiente. Alguns estudos demonstram associações positivas entre segurança na vinculação durante a infância e diversos comportamentos que refletem no bom funcionamento social posterior.

Main, Kaplan e Cassidy (1985) foram os primeiros a aceder estudos sobre os modelos internos utilizando método de narrativas (Silva et al., 2008). Os resultados mostraram que crianças de seis anos de idade classificadas como seguras são capazes de permanecer organizadas mesmo quando confrontadas com temas de vinculação, tendo demonstrado capacidade para falar abertamente sobre as suas emoções com respostas coerentes e elaboradas. Enquanto as crianças classificadas como inseguras por vezes não respondem, ou dão respostas irracionais e desorganizadas, indicativo de que quando confrontadas apresentam dificuldades em permanecer organizadas. As crianças evitantes costumam desviar a atenção sobre temas relacionados a vinculação e a afetos negativos, e as crianças ambivalentes costumam criar histórias sem continuidade, distraíndo-se facilmente, refletindo a incapacidade que possuem em resolver problemas de vinculação de maneira construtiva, enquanto as crianças desorganizadas contam histórias com resoluções bizarras.

Os modelos dinâmicos internos, como o próprio nome refere, estão sujeitos a atualizações, portanto conforme o sujeito se desenvolve, o padrão de vinculação torna-se mais do sujeito e não mais tão dependente da relação primária. Ou seja, possuem a possibilidade de serem reformulados de acordo com vivências capazes de desconfirmarem experiências passadas e assim, articular novas concepções acerca dos vínculos. Nos primeiros anos de vida, os modelos internos são mais permeáveis a mudanças, enquanto na fase adulta tendem a se tornar mais sólidos e a funcionar de modo automatizado e inconsciente, logo mais resistentes à mudança. Uma vez estabelecidos estes modelos, eles passarão a funcionar como orientadores ao filtrar e organizar as experiências relacionais, que

de maneira geral, tendem a se manter estáveis (Hazan & Shaver, 1994; Maia et al., 2014).

Feeney (2004) descreve vários fatores que promovem a estabilidade dos modelos internos, como a tendência que os sujeitos possuem em selecionar ambientes que se ajustam às suas crenças sobre si e sobre os outros, como nos relacionamentos entre mulheres ambivalentes e homens evitantes, considerados bastante estáveis, apesar de não muito felizes. Estáveis no sentido de que homens evitantes confirmarão a crença das mulheres ambivalentes sobre os outros serem menos interessados nas relações amorosas que elas, e mulheres ambivalentes provavelmente irão confirmar com homens evitantes a crença na imprudência em deixar que outros se aproximem. Outro modo de impulsionar a manutenção dos modelos internos descrito pelo autor, seria o de ter atitudes que propiciariam respostas já aguardadas, como por exemplo, acreditar que ninguém pode ser confiável e abordar as pessoas de forma defensiva, o que provavelmente levará a rejeição.

Uma pessoa segura que se envolve em uma relação segura também pode vir a se tornar insegura como resultado de uma experiência ruim. O impacto negativo provavelmente dependerá de quanto tempo, assim como quão emocionalmente significativa foi a relação. Modelos internos podem mudar também quando os sujeitos percebem experiências passadas sob uma nova perspectiva (Feeney, 2004). Bowlby (1988) sugeriu várias possibilidades de mudança, incluindo a capacidade de pensar e refletir sobre o seu próprio modelo internalizado e experiências de relacionamento que pudessem ampliar o seu modo de percepção.

Modificações podem sobrevir em casos em que o meio exterior contradita de forma sistemática a imagem construída pelo sujeito (Figueiredo & Machado, 2010), sendo nomeadamente na adolescência, que novas interpretações poderão surgir devido a novas capacidades cognitivas suscitadas, possibilitando assim, reelaboraões que poderão pôr à prova a impreterível influência da vinculação aos pais nos modelos do *self* e das relações (Machado, 2007).

Espera-se que alterações nos modelos representacionais de si e dos outros ocorram sobre influência dos relacionamentos amorosos, ou seja, mais

propriamente na fase da adolescência, quando se inicia um contacto mais íntimo com um outro. Apesar dos adolescentes serem ainda muito influenciados pelos modelos construídos em consideração aos pais, pois é suposto que não tiveram tantos relacionamentos capazes de reverter substancialmente suas expectativas em relação ao outro, contudo, há o início no processo de revisão destes modelos que permitam atualizações comportamentais (Matos & Costa, 2006).

Durante esse processo de diferenciação dos pais, conhecido por individuação, observa-se o desenvolvimento de um sentido de autonomia, que permeia a fase da adolescência de forma progressiva. O desenvolvimento do jovem adulto perpassa por questões fulcrais como o estabelecimento de autonomia e intimidade, aliados a diferenciação do self e a construção de partilha e interdependência de afeto nas relações amorosas, sendo as ligações afetivas implicadas tanto na configuração do repertório desenvolvimental necessário a esta fase, quanto a continuidade/mudança na organização da representação da vinculação (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007).

Capítulo 3

Vinculação Parental

“The solution to adult problems tomorrow depends on large measure upon how our children grow up today.”
(Margaret Mead)

3. INTRODUÇÃO

Diante do que foi exposto, percebemos a importância que a vinculação parental possui no desenvolvimento psíquico de todos nós. Há muitos benefícios resultantes em ter uma representação de relação saudável com os nossos progenitores como: desenvolver uma interação social satisfatória, realizar uma boa exploração do ambiente, dentre o mais importante e necessário ganho: a proteção (Cassidy, 1999). Em termos evolutivos, aferimos quão adaptativo tem sido para o ser humano sentir-se seguro e assim, participar de jogos de exploração enquanto acredita ter um cuidador disponível para o responder frente a qualquer ameaça. Este capítulo é dedicado a explorar outros dados implicados nesta relação e nas possíveis consequências de cada tipo de vínculo, assim como nas diferenças do processo da vinculação com o decorrer dos anos.

3.1 Dos Pais aos Filhos: Percepções acerca si e dos outros

A teoria da vinculação compreende o desenvolvimento da competência social a partir das relações precoces, e especifica as razões pelas quais uma relação de vínculo seguro pode promover capacidades enquanto facilitada pela disponibilidade e responsividade por parte do cuidador como provedor de expectativas positivas. Verissimo et al. (2011) argumentam que possuir uma relação satisfatória com o cuidador, torna possível a apreensão acerca da reciprocidade e da empatia, e ainda observa o cuidado responsivo como gerador de sentido de autovalorização pelos filhos, que conseqüentemente será refletido nas relações futuras baseadas no protótipo desta relação.

Uma representação positiva de si e um *self* valorizado que se sente merecedor de cuidados, mais provavelmente se desenvolverá quando as necessidades de proximidade emocional, proteção e de segurança forem preenchidas, com suporte para exploração ativa e autônoma do meio. O contrário, quando interações precoces possuem falta de adequação entre as necessidades e aquilo que é oferecido pelos cuidadores, o modelo interno dinâmico poderá se

organizar com o *self* percebido como se não fosse desejado e a percepção dos outros como indisponíveis, rejeitantes ou abusivos (Maia et al., 2014). A ocorrência deste tipo de percepção torna as expectativas sobre os outros, relacionadas as faltas que teve na infância e torna dificultado o desenvolvimento de relações saudáveis.

Os comportamentos de cuidados físicos e afetivos que os pais prestam aos filhos foram nomeados de *caregiving* por Bowlby (1988) e possuem a função de proteção aos filhos, sendo ativados quando os cuidadores percebem sinais de perigo ou de ameaça com os mesmos. A receptividade quanto aos sinais de necessidade dos filhos, será diretamente relacionada ao nível de responsividade que os pais tiveram na infância com os seus cuidadores, sendo que quanto maior for esse nível, mais compreensíveis e abertos serão esses pais e terão maior facilidade em se colocarem na perspectiva dos filhos, contrário aos que receberam rejeição e ambivalência dos próprios pais (Bowlby, 1988).

van Ijzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996; 1997) também confirmaram este paralelismo, sendo os padrões de vinculação diferenciados de acordo com a sensibilidade à responsividade dos pais, ao passo que um adulto seguro perceberá com mais facilidade os sinais dos seus filhos, enquanto um progenitor inseguro tende a ignorar ou alterar indícios de necessidade dos seus filhos. Os autores discutem ainda sobre a ressignificação da representação da vinculação através de novas relações de vinculação, atuantes como moderadoras nos efeitos de vivências ruins com os progenitores.

A capacidade de compreensão emocional apresenta dimensões de competências que são apreendidas de acordo com as oportunidades de experiências que o sujeito vivencia. Em famílias que revelam níveis elevados e persistentes de emoção negativa, os filhos costumam demonstrar-se menos competentes na resolução de conflitos, na regulação de afeto negativo e na partilha de afeto positivo (Denham, 1997). Ou seja, apresentam certo comprometimento no desenvolvimento da compreensão emocional, tendo suas competências emocionais e sociais menos alargadas.

Bowlby (1988) considera o diálogo dos pais com a criança como um importante auxílio aos filhos como forma de construção e revisão dos modelos

dinâmicos. Pais que propiciam suporte emocional e empatia aos seus filhos quando estão a passar por algum problema, fazem com que estes sintam-se compreendidos e valorizados, além de capazes de construir um modelo dinâmico funcional do *self*. Figuras de vinculação quando extremamente desatentas a criança, podem gerar nesta um senso de si empobrecido e com dificuldades relacionadas a criação de vínculos seguros com outras pessoas. De acordo com Bowlby (1969), pais que geram a sensação de conforto e proteção, proporcionam bem-estar aos seus filhos e aumentam a probabilidade de que estes ativem melhores respostas de adaptação em situações adversas.

3.2 Diferenças entre Vinculação Materna e Paterna

A maioria das pesquisas apresenta-se centrada nas relações de vinculação entre mãe e filho e nas consequências subsequentes deste vínculo no desenvolvimento da criança. Embora Bowlby (1969) tenha reconhecido que os pais geralmente são figuras de vinculação e que podem se tornar as principais figuras na hierarquia, há poucos dados substanciais referentes a relação dos filhos com os pais em seus estudos, porém citou Ainsworth (1967) e o seu trabalho com crianças Ganda como um importante referencial sobre os comportamentos de preferência a uma figura de vinculação em especial, geralmente atribuída a mãe, porém conforme demonstrado na sua pesquisa, a preferência também pode ser dirigida ao pai.

Ainsworth (1989) também relatou sobre as diferenças individuais dos papéis masculinos e femininos, e que em algumas famílias, o pai poderia não dedicar tanto tempo aos filhos pequenos, não dando oportunidade aos filhos de se vincularem a ele, nem dele de se vincular aos filhos tanto quanto a mãe. Porém, atualmente as funções, e conseqüentemente a vinculação, tanto materna quanto paterna, não apresentam a mesma configuração, a atuação mais presente das mulheres no campo de trabalho e mudanças na estrutura familiar provocaram mudanças em seus papéis, havendo uma maior participação dos homens na criação dos filhos. Atualmente, o pai tanto quanto mãe tende a exercer a função de suporte emocional e de responsividade para com os filhos (Paquette, 2004).

Apesar do aumento no interesse das contribuições dos pais no desenvolvimento da criança, os dados não parecem bem elaborados, muitas vezes

as pesquisas trazem questões referentes a quantidade de tempo⁹ gasto pelos pais com os seus filhos, sendo os aspectos qualitativos da parentalidade deixados em segundo plano e raramente implicados como um preditor na vinculação. Tendo em vista o defasamento de investigações sobre vinculação paterna, o nosso estudo buscou além de analisar consequências da vinculação materna no desenvolvimento do sujeito, perceber diferenças entre esta e a vinculação paterna, e assim apreender melhor a importância do pai no desenvolvimento psicossocial e emocional dos filhos.

Cohen e Campos (1974) apresentaram várias críticas em relação à investigações que dedicam-se em compreender melhor a relação do bebê com os seus brinquedos do que para com o próprio pai, além da falta de pesquisas destinadas a avaliar a vinculação paterna, como se o pai também não fosse provedor de cuidado, atenção e sensibilidade, características tradicionalmente tratadas como “maternais”. O objeto do estudo dirigido pelos autores esteve em comparar comportamentos de vinculação - a ambos os pais e a pessoas estranhas - de 60 recém-nascidos com idades de 10, 13 e 16 meses. Observou-se que os comportamentos de vinculação foram dirigidos a mãe em primeiro lugar, e quando comparados os comportamentos da criança aos pais e à estranhos, os comportamentos aos pais foram inequivocamente superiores, sendo o pai claramente visto como uma figura de vinculação para a maioria dos bebês com dez meses de idade ou mais.

Os autores citam Schaffer e Emerson¹⁰ (1964) que também realizaram pesquisa com bebês que aos 18 meses de idade demonstraram sinais de protesto na separação a ambos os pais, ocorrendo um aumento substancial com o decorrer do crescimento do bebê na incidência da vinculação paterna. Outra pesquisa

⁹ Os autores Lamb e Tamis-LeMonda (2004) concluíram que a quantidade de tempo que os pais passam com os filhos provavelmente seja muito menos importante do que o que eles fazem durante esse tempo. Ainsworth (1967) já havia relacionado a capacidade de resposta do cuidador, ao invés do tempo gasto, como um guia para a escolha da principal figura de vinculação.

¹⁰ A pesquisa de Schaffer e Emerson (1964) é referenciada por Bowlby (1969) em relação a mãe ocupar o papel principal na hierarquia da vinculação, tendo Bowlby mantido o termo monotrofia, porém redefinido para indicar a procura por uma principal figura de vinculação. Bowlby apresentou reservas sobre o uso da intensa ansiedade de separação como critério para identificar a figura principal utilizada por Schaffer e Emerson, sendo mais tarde revista por Ainsworth como uma característica de insegurança do bebê.

importante com objetivos semelhantes citada pelos autores, foi a realizada por Kotelchuck (1973) tendo demonstrado que as crianças respondem a ambos os pais de forma semelhante em relação aos comportamentos de vinculação e de protesto.

Algumas pesquisas têm demonstrado que os pais geralmente tornam-se figuras de vinculação em torno do primeiro ano do bebê, seja pela menor proximidade dos pais em relação as mães ou a menor sensibilidade que demonstram possuir. Em contraposição, van IJzendoorn e Wolff (1997) ao utilizarem os procedimentos da Situação Estranha¹¹, relataram uma associação fraca entre a sensibilidade paterna e a qualidade desta relação durante o primeiro ano do filho. Apesar destes estudos apresentarem menos comportamentos de vinculação da criança aos pais durante os seus primeiros meses de vida, seja pela proximidade maior a mãe, devido a amamentação por exemplo, não exclui a importância que o pai possui em manter uma interação intensa com a criança e que este responda de maneira adequada quando solicitado, sendo assim possível estabelecer um vínculo seguro com o filho. Das 950 crianças analisadas, 428 (45%) apresentaram-se seguras com ambos os pais, 160 (17%) inseguras com ambos e 362 (38%) demonstraram segurança com um e insegurança com outro, tendo levantado questões sobre os processos distintos de vinculação.

Assim como há autores que defendem que a vinculação paterna constrói-se após alguns meses dos bebês já terem se vinculado as mães, Rabouam e Moralès-Huet (2004) contrários a essa ideia, acreditam que os bebês constroem com ambos os pais uma relação de vinculação simultânea, mesmo que haja diferença nos padrões dessa interação. Há diferenças entre os comportamentos de ambos os pais com os filhos, em que as mães apresentam comportamentos que envolvem atividades de cuidado, interação verbal e jogos mais convencionais, enquanto os pais demonstram-se mais vigorosos, com jogos mais estimulantes, sem mediação de brinquedos e com mais brincadeiras de envolvimento físico (Paquette, 2004).

Percebe-se nessas pesquisas o interesse em demonstrar os pais como figuras de vinculação, apesar da preferência dirigida a mãe. Lamb (1976) impulsionou os estudos sobre vinculação paterna com a intenção de resolver

¹¹ Grossmann et al. (2002) fazem uma crítica a utilização da Situação Estranha para avaliar a vinculação paterna, pois enfatiza respostas da criança frente a sua separação e não trata as qualidades específicas desta relação.

questões inerentes a hierarquia da vinculação, tendo descoberto níveis semelhantes de contacto e busca das mães e dos pais durante uma série de episódios realizados em laboratório com ambos os progenitores presentes, sendo os pais mais destinatários a comportamentos afiliativos (sorrir, vocalizar, proferir brincados) do que as mães, contudo quando um estranho se aproxima, as crianças prontamente deslocava seus comportamentos de afiliação para a mãe, demonstrando assim a sua preferência em situações de *stress*.

Outro tema de interesse na área da vinculação paterna retrata a importância da presença paterna durante a infância. De acordo com Belsky, Steinberg e Draper (1991), a ausência ou a presença intermitente da figura paterna provoca consequências na adaptação social dos filhos, pois um contexto em que não há a presença de uma figura paterna durante a infância, cria expectativas de que as relações são pouco duráveis/confiáveis, fomentando a formação de vínculos instáveis com os companheiros. Os autores também argumentam que vínculos parentais escassos ou débeis podem facilitar a puberdade/sexualidade precoce.

Furman e Simon (2004) examinaram questões em torno das habilidades cognitivas dos adolescentes e dos adultos pela capacidade de reflexão que desenvolvem sobre os seus relacionamentos devido a aquisição do pensamento formal, e assim integram as suas representações sobre a vinculação. Os autores trazem como exemplo o discurso dos sujeitos durante a AAI, não havendo diferenças de classificação para o pai ou para a mãe, mas uma única classificação, mesmo que as experiências com os progenitores sejam muito diferentes.

Os autores chamam a atenção sobre ser possível que o discurso sofra influência pela avaliação a cada um dos pais ser realizada numa mesma entrevista, sendo frequente a adoção de respostas para ambos os pais. Mesmo que o discurso não seja afetado desta forma, é provável que a percepção sobre um dos pais possa ser influenciado pelo discurso sobre o outro progenitor. Essa questão pode ser abrangida a outros estudos que buscam avaliar a vinculação a ambos os pais e que talvez possa escapar esse pormenor.

Bretherton (2010) trouxe novos assuntos a serem pensados em torno da vinculação, como a avaliação que os pais realizam uns dos outros, sugerindo que a colaboração ou o conflito parental não dependa somente da relação conjugal.

Perguntas relativas a semelhanças e diferenças na relação entre mãe-filho e pai-filho aos próprios pais trouxeram algumas questões importantes de serem refletidas, como o facto de que dois terços dos pais entrevistados apresentaram respostas tendo a mãe como preferência pelos filhos como figura de vinculação como algo natural, sendo atribuída a mãe um comportamento de maior compreensão de afeto.

Diante desta questão, alguns pais não demonstraram abrigar sentimentos negativos ou de ciúmes em relação a mãe, tendo até tentado modelar-se aos seus comportamentos, outros demonstraram-se frustrados e magoados por terem sido rejeitados pela criança enquanto a mãe estava presente, e outros disseram aguardar pelo momento que estivessem sozinhos com os filhos para serem aceites como figuras de vinculação. No que diz respeito ao jogo e exploração, alguns pais disseram ser melhores nesse quesito e se referiram às mães como excessivamente cautelosas. Várias mães apreciam o facto do pai encorajar a criança e observam esse papel como complementar. O autor traz uma questão de que é necessário não somente mapear o que cada pai faz separadamente, mas de compreender como a segurança da criança é afetada pelo grau em que os pais e as mães não valorizam as contribuições uns dos outros.

A teoria da vinculação relaciona as necessidades da criança, tanto de receber cuidado como o de ser estimulada, a construção de futuros laços afetivos. Percebe-se que a maioria dos trabalhos atribui a mãe o papel de suporte, enquanto ao pai é designado o papel de provedor de exploração e uma maior estimulação aos filhos. Após verificar várias perspectivas sobre um mesmo tema, percebemos muitas divergências e a necessidade de maior aprofundamento nos estudos sobre a vinculação paterna, como a importância que exerce para o desenvolvimento sócio emocional dos filhos.

3.3 *Adult Attachment Interview* e os padrões de vinculação

O estudo do processo da vinculação inicialmente apresentou-se limitado à infância, havendo uma ampliação na sua análise por volta da década de 80. Mary Main, aluna de Ainsworth, interessou-se em como as representações dos adultos e as experiências infantis causam impacto sobre as práticas na criação dos filhos, e

juntamente com George e Kaplan, construiu o instrumento *Adult Attachment Interview* - AAI, paralelo à uma entrevista clínica semiestruturada, destinado a avaliar: a segurança do modelo interno dinâmico da vinculação de modo global, relações de vinculação, memórias autobiográficas e relações atuais com os pais e outras figuras de vinculação. Essa entrevista foi desenvolvida para prever, pelo menos em parte, a relação de vinculação entre mãe-filho como observado pelo instrumento da Situação Estranha (Main, 1996; van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996).

Com base nesta entrevista, as mães foram classificadas em grupos de vinculação análogos aos três padrões de vinculação desenvolvido por Ainsworth (Seguro-Autônomo, Inseguro-Desligado e Inseguro-Preocupado), sendo o padrão desorganizado desenvolvido por Main e Solomon (1990 *apud* Bretherton, 2010) tendo como base as gravações de 200 casos durante a Situação Estranha, caracterizado por ausência de regularidade, coerência, comportamentos incompatíveis, atípicos e estereotipados diante da separação das figuras parentais, considerado o mais disfuncional padrão de vinculação. Esses comportamentos devem ser contextualizados ao meio de vivências para que possam ser compreendidos de forma mais ampla, pois foram formados como estratégias¹², não sendo processos conscientes, mas tomados como tentativa de adaptação a situações adversas, assim como os outros padrões.

A distribuição das classificações da AAI dos pais é notavelmente similar à distribuição das mães. Nos estudos sobre a vinculação de adultos em casais, encontra-se evidências para correspondências entre maridos e mulheres nas classificações do AAI. Homens e mulheres classificados como Seguro-Autônomo apresentam-se mais frequentemente casados entre si, e homens classificados como Seguro-Autônomo e mulheres classificados como Preocupada parecem ser menos propensos a se casar um com o outro (van IJzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996).

A hipótese dos autores van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (1996) de que os pais de *disturbed children* teriam representações mais inseguras, foi claramente confirmada por seus dados. No grupo de pais de crianças clínicas, os

¹² Nesse caso são as chamadas estratégias secundárias, *vide* página 15.

pais classificados como Seguro-Autónomo representaram minoria (14%), ao passo que 41% dos pais foram classificados como Desligado, sendo os pais classificados como Preocupado também foram fortemente representados (45%). A abordagem meta-analítica dos autores mostra que as distribuições AAI das amostras das mães, pais e adolescentes são bastante semelhantes e independem de variações culturais.

3.4 Transferência do Processo de Vinculação

No início dos estudos sobre vinculação, o foco esteve em analisar questões relativas à infância, porém, atualmente assiste-se a um alargamento das aplicações dos seus conceitos a diversas outras fases do desenvolvimento, apesar de Bowlby (1969) ter anteriormente reconhecido a vinculação como um processo contínuo e que acompanharia o sujeito ao longo do seu ciclo de vida. Mary Main, conforme abordamos, deu atenção a dimensão representacional da vinculação e Cindy Hazan e Philipp Shaver exploraram as relações amorosas sob a ótica da vinculação, dado que trataremos no próximo capítulo, assim como a contribuição de Kim Bartholomew e a sua abordagem prototípica.

Após essa mudança de perspectiva, deu-se atenção a configuração da vinculação e as alterações ocorridas da infância à fase adulta. Weiss (1982 *apud* Feeney, 2004) descreve a vinculação infantil como sendo tipicamente assimétrica e complementar, ou seja, as figuras de vinculação fornecem cuidados e segurança a criança, porém não recebem o mesmo dos filhos; já na adolescência e na idade adulta, as relações são tipicamente recíprocas e simétricas, ao passo que ambos os envolvidos providenciam e recebem apoio e segurança emocional (Hazan & Shaver, 1994).

As alterações da vinculação também ocorrem no campo físico. Na infância as crianças requerem contacto físico para sentirem-se seguras, já crianças mais velhas e adultos são capazes de obter conforto através das representações cognitivas que os auxiliam a lidar com as ameaças e continuar a perseguir seus objetivos sem ter que interromper as atividades para requerer a proximidade real de alguma figura de vinculação (Mikulincer, 2006; Mikulincer & Shaver, 2004). Nesta fase, pode-se falar em uma “conquista desenvolvimental”, essencial para

que a criança perceba a ausência dos pais não como algo ameaçador, mas como um processo constituinte da sua autonomia em que a mesma passa a não mais temer a separação dos pais (Machado, 2007).

Esse processo ocorre devido as transformações dos modelos internos, pois antes dos três anos de idade, eles operam principalmente a nível do sensório motor e após os três anos percebe-se uma reorganização do comportamento para o nível simbólico. Por volta dos 3-4 anos de idade, a criança precisará cada vez menos da proximidade física dos pais para se sentir protegida, pois as suas capacidades cognitivas e de linguagem estarão desenvolvendo-se para a capacidade de antecipar, representar mentalmente e descrever verbalmente as suas emoções quando sentir-se ameaçada (Lefèvre, 1991).

Outra diferença deve-se ao facto de que enquanto a figura de vinculação da criança se restringe geralmente a algum parente próximo, para o adulto, essa figura de vinculação usualmente será um companheiro amoroso, pois em alguns pontos a vinculação é transferida dos pais aos pares. Vale ressaltar que os pais nunca serão totalmente renunciados como figuras de vinculação, porém o lugar na hierarquia se alterará naturalmente durante a idade adulta, conforme o quadro abaixo desenvolvido por Hazan e Shaver (1994).

Figura 1 – Modelo de transferência do processo de vinculação

Fases do Desenvolvimento	Comportamentos de Vinculação	
	Pais	Pares
Infância	Procura de Proximidade Porto Seguro Base Segura	Procura de Proximidade
Adolescência	Porto Seguro Base Segura	Procura de Proximidade Porto Seguro
Adulthood	Base Segura	Procura de Proximidade Porto Seguro Base Segura

A transferência da vinculação passa por um processo sequencial, sendo a primeira componente a ser transferida a Procura de Proximidade, observada com

os pares no final da infância. Hazan e Zeifman (1999) verificaram que em torno dos seis anos de idade, a criança demonstra preferência em estar na companhia dos amigos, ao invés dos pais. A Procura de Proximidade na fase da adolescência, tornará possível o início da formação de comportamentos de Porto Seguro, seguido pela passagem dos pares à Base Segura. Percebe-se assim que em termos de hierarquia, os pais passam a ter menor importância à medida que as redes sociais e as fontes de apoio emocional dos filhos aumentam.

Os autores ao examinarem a transferência dos componentes de vinculação, buscaram demonstrar como os pares podem ascender na hierarquia da vinculação, passando a ocupar o lugar principal das figuras parentais. O estudo foi realizado com crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 6 aos 17 anos e contou com uma entrevista sobre a forma que cada um se comportava com as pessoas da sua rede de vinculação. Apesar de não terem sido analisados adultos nesse primeiro estudo, percebe-se que durante a adolescência há uma progressiva alteração entre as fontes de segurança, relacionada muitas vezes a relações de amizade ou a relações amorosas, dado que 41% dos adolescentes consideraram os pares como figuras primárias de vinculação, sendo que 83% nomearam os seus companheiros amorosos (Hazan & Zeifman, 1999).

Em relação as funções de vinculação, a Procura de Proximidade demonstrou crescer entre os pares e decrescer com os pais com o passar dos anos; em relação ao Porto Seguro, os pais foram mais requeridos até os dez anos e partir desta idade, verificou-se um decréscimo deste componente em relação aos pais e um aumento de procura dos pares; o Protesto de Separação manteve-se praticamente em todas as idades em relação aos pais, havendo crescimento entre os pares por volta dos 15 aos 17 anos, de forma que os pais tornavam-se praticamente equiparados aos pares nesse quesito; a Base Segura demonstrou maior equivalência aos pais em qualquer das idades, sendo que na adolescência os pares foram citados de forma muito próxima aos pais (Hazan & Zeifman, 1999).

Bowlby (1988) relaciona um sujeito quando adaptado a vida adulta do ponto de vista psicossocial, como alguém que se mostra flexível em relação a alternância de papéis enquanto cuidador e quando precisa de cuidados, de acordo com o contexto que se apresenta. Assim sendo, o sujeito seguro apresenta-se

confiante para enfrentar os desafios encontrados no dia-a-dia, e de colocar-se como base segura para um outro, sendo também capaz de demonstrar quando necessita de segurança e apoio.

Durante o desenvolvimento do jovem adulto são essenciais: o estabelecimento de autonomia¹³, permeado pela consolidação da identidade (conseqüentemente a diferenciação dos pais e dos outros), e a construção da intimidade (Faria et al., 2007). Erik Erikson (1959) refere essa fase como sendo constituída paralelamente ao desenvolvimento da verdadeira genitalidade, em que relações de confiança e intimidade com um companheiro amoroso apresentam-se pautadas na preparação de um sujeito disposto a envolver-se concretamente com um outro. Durante esta fase, também se observa um maior questionamento dos jovens em relação a qualidade da vinculação parental, tornando o ambiente propício a novas organizações na estrutura desta relação e alterações nos modelos internos dinâmicos.

¹³ A busca pela autonomia torna possível a transferência dos componentes da vinculação dos pais aos pares (Hazan & Zeifman, 1999) havendo uma reorientação dos comportamentos conforme referenciado. Nesta fase, torna-se mais difícil para os pais adaptarem-se aos comportamentos de autonomia do filho pelo sentimento que possuem em protegê-lo (Rabouam, Moralès-Huet, 2004).

Capítulo 4

Vinculação Amorosa

*“Sobre as emoções tenho curiosidade.
Sobre os fatos, quaisquer que venham a ser, não tenho curiosidade alguma.”*
(Fernando Pessoa)

4. INTRODUÇÃO

Como já dizia Harlow (1958), nós psicólogos temos falhado em nossa missão de compreender as emoções quando temas sobre amor/afeto são postos em causa, sendo este o sentimento que mobiliza as nossas vidas, e que conseqüentemente, deveria ser dada uma maior atenção em relação as suas origens e desenvolvimento. Na tentativa de compreender um pouco melhor sobre os enigmas que envolvem o amor, buscamos explorar o progresso de estudos nessa área e assim tentar contrapor a fala do autor que mesmo depois de mais de meio século, continua a fazer sentido.

4.1 Teorias sobre o amor

Bowlby (1969) levantou a hipótese de que as relações de vinculação estabelecidas durante a infância seriam similares à natureza das relações amorosas. Porém, somente após quase 20 anos, os primeiros trabalhos empíricos foram realizados, tendo como precursores os investigadores da Psicologia Social, Cindy Hazan e Phillip Shaver (1987), com a pesquisa intitulada *Romantic love conceptualized as an attachment process*. Nesses escritos, Hazan e Shaver argumentam que o amor romântico pode ser conceptualizado como um processo de vinculação, e também discutem sobre as variações nas experiências durante a infância como promotoras de diferentes estilos de relações futuras, sendo os três mais comuns estilos de vinculação descritos na literatura da infância (seguro, evitante e ambivalente) encontrados também nas relações amorosas.

Esses autores basearam-se na convicção de que novas articulações em torno da teoria do desenvolvimento seriam organizadas e interpretadas a partir de investigações da teoria da vinculação, e assim, incorporadas a uma ampla gama de averiguações sobre os relacionamentos adultos, conforme tem ocorrido. Os autores desenvolveram hipóteses pautadas na semelhança dos comportamentos de busca de proximidade à figura de vinculação de crianças e adultos, diferenciadas apenas em relação a direcção dos comportamentos, visto que as crianças dirigem esses comportamentos aos pais, e os adultos além de dirigi-los aos pais, também

os dirige aos companheiros amorosos. Desse modo, os autores dispuseram o amor romântico do adulto e o amor filial da criança como manifestações de um mesmo processo com dinâmicas semelhantes, destinados ao desenvolvimento da vinculação, cuja finalidade está em sentir-se seguro.

Hazan e Shaver (1987; 1994) descreveram o amor romântico como uma teoria emocional que abrange sistemas comportamentais complexos circundados pelas necessidades e capacidades que ambos os companheiros dispõem para os sistemas: de vinculação, de *caregiving* e sexuais, comportamentos estes inatos de acordo com Bowlby (1969). Esses processos biológicos possuem o propósito de facilitar a vinculação entre adultos e assim garantir o exercício da maternidade/paternidade e o desenvolvimento pleno da criança. O funcionamento ideal desses sistemas facilitam a formação de vínculos afetivos estáveis e satisfatórios, enquanto o mau funcionamento destes sistemas cria tensões relacionais, conflitos, insatisfação e instabilidade, levando muitas vezes a dissolução dos relacionamentos.

Em sua forma prototípica, na relação entre pai-filho, o objetivo do sistema de vinculação da criança – promover a proteção, reduzir a angústia, aumentar a segurança e estabelecer uma base segura – é também o objetivo do sistema *caregiving* dos pais. Estendendo essa conceituação para o campo dos relacionamentos amorosos, o sistema de *caregiving* é ativado pelos comportamentos de vinculação do companheiro, e o seu objetivo será de alterar essa condição frente as necessidades deste, promovendo assim o aumento de segurança e de bem-estar. O bom funcionamento do sistema de *caregiving* nos relacionamentos amorosos tem implicações importantes para a satisfação e a estabilidade do relacionamento, como veremos na sequência deste capítulo.

As fontes de segurança dos sujeitos advêm das relações afetivas significativas que possuem, e mesmo quando não se constituem como vinculação¹⁴, podem servir como funções de vinculação e se desenvolver de modo a transformarem-se em relações de vinculação, podendo os companheiros amorosos ocupar o lugar principal na hierarquia das figuras de vinculação (Hazan

¹⁴ As relações de intimidade não serão necessariamente relações de vinculação, tendo em vista que o envolvimento de intimidade, não implica na existência de uma relação de vinculação.

& Shaver, 1994). Vários autores referem que apesar do sujeito possuir figuras (não amorosas) que poderiam ocupar o lugar principal na hierarquia das figuras de vinculação, geralmente este lugar é assumido pelo companheiro amoroso (Hazan & Zeifman, 1999), logo a importância de verificar a influência das relações amorosas na vida dos sujeitos é fundamental. Hazan e Zeifman (1999) buscaram perceber após quanto tempo uma relação amorosa poderia ser comparada aos pais em relação as funções de vinculação, e concluíram que por volta de dois anos de relação os companheiros passariam a ter as mesmas funções de vinculação dos pais.

Mintz (2004) discrimina em fases a construção do companheiro amoroso como figura de vinculação: durante a fase denominada como pré-vinculação (começo do relacionamento), ainda não há o laço de vinculação, mas há uma relação que favorece o seu desenvolvimento, caso o *flirt* não tenha somente como objetivo a satisfação sexual. A segunda fase seria a paixão, denominada como a vinculação em vias de constituição, sendo a proximidade física buscada em razão do querer uma intimidade com o outro de maneira mais geral, em que começa-se a perceber o outro como fonte de segurança. A terceira fase, ou o laço da vinculação, é a fase em que já se está apaixonado, sendo as trocas emocionais mais importantes que a atração sexual. O companheiro nessa fase é tido como porto seguro, a quem o outro recorre em períodos de necessidade, e a quem dirige comportamentos de vinculação. A quarta fase trata-se do pós-romance, caracterizada pela parceria corrigida quanto ao objetivo, havendo aqui um equilíbrio entre o sistema de vinculação e o sistema exploratório, fase final da construção da vinculação.

Após essa fase da vinculação, os companheiros amorosos perdem aos poucos a necessidade de estarem sempre juntos uns dos outros como no início do relacionamento, e assim, a centralização anteriormente dada ao relacionamento diminui, permitindo uma exploração maior de outras atividades, tendo em vista a passagem do sujeito ao posto de base segura. A idealização criada a princípio também diminui e passa a dar espaço a visões mais realistas dos companheiros. Esta etapa apresenta similaridades a fase que a criança passa a não requerer tanto o contacto com os cuidadores, e as reações de protesto e de ansiedade de

separação tornam-se menos manifestas, oportunizando dessa forma a exploração do meio por parte da criança.

Como sustentáculo da pesquisa, Hazan e Shaver (1987) desenvolveram um questionário cuja avaliação se caracterizou de modo categorial/tipológico da vinculação, constituída por três parágrafos utilizados para capturar as características típicas dos três estilos de vinculação, levando os sujeitos a optarem pelo parágrafo que melhor descrevesse os seus sentimentos na relação. A pesquisa foi apresentada em um jornal de grande divulgação, referida como *Love Quiz* e contou com a colaboração de 620 sujeitos (205 homens e 415 mulheres), com idades compreendidas entre 14 e 82 anos. Devido as limitações iniciais da pesquisa, pelas medidas serem breves e simples e suscetíveis de enviesamento, além de ter ocorrido via correio, os autores optaram por reformular a metodologia. No segundo estudo, a amostra foi composta por 108 sujeitos (38 homens e 70 mulheres), tendo se assistido de maneira geral a replicação dos resultados obtidos no primeiro estudo.

Os resultados de Hazan e Shaver (1987) demonstram que as experiências amorosas dos sujeitos seguros são caracterizadas pela confiança, amizade e emoções positivas, e pela crença de que as relações amorosas geralmente são duradouras, facultada pela facilidade que possuem em estabelecer e manter as suas relações. Nos termos de Bowlby (1973), a sensação de segurança fornece ao indivíduo uma estrutura mantenedora de bem-estar, fomenta a formação de dispositivos que promovem a regulação da emoção de maneira eficaz e proporciona o desenvolvimento de modelos positivos de si e dos outros, de forma que o sujeito possa se engajar na exploração, afiliação e atividades de *caregiving* de modo satisfatório.

Em relação aos sujeitos evitantes, as relações amorosas apresentaram-se assinaladas pelo medo da proximidade, pela falta de confiança e pela dúvida da existência ou da durabilidade dos relacionamentos amorosos, além da crença de que não precisam de um companheiro amoroso para serem felizes, mantendo-se frequentemente distantes emocionalmente dos companheiros. Por fim, para os sujeitos ambivalentes, as vivências amorosas são experimentadas como algo preocupante, apesar de frequentemente e facilmente se apaixonarem, essas

relações apresentam-se implicadas numa luta quase que dolorosa emocionalmente, pela tentativa de fundirem-se a outra pessoa. Diferente dos sujeitos evitantes, os ambivalentes não reprimem ou tentam esconder os sentimentos de insegurança que possuem (Hazan & Shaver, 1987).

Muito tem-se questionado sobre o papel da vinculação amorosa no sentido de proporcionar uma (re)elaboração do padrão de vinculação estabelecido na primeira infância de acordo com os modelos internos dinâmicos internalizados. Busca-se então explorar até que ponto as relações amorosas podem constituir um cenário de quebra ou de reafirmação da vinculação instituída, e da influência na relação de acordo com a crença que o sujeito possui enquanto merecedor ou não de afeto e atenção. De acordo com Thompson (1999), estes modelos enviesam a maneira que cada um interpreta as memórias, relativo às vivências que tiveram com as suas figuras de vinculação, ou seja, essas servem como um filtro conduzido por regras implícitas sobre as outras relações, podendo assim confirmar, manter ou romper com as expectativas construídas.

Importante destacar que a formação de novas relações de vinculação não provoca o desaparecimento das relações de vinculação precoces, porém podem provocar alterações propícias a evoluir no sentido de simetria entre o sistema de *caregiving* e ainda uma assimetria na relação de vinculação, como exemplo, quando os filhos passam a adotar o papel de prestadores de cuidado aos seus pais, invertendo assim as suas funções (Ainsworth, 1989).

4.2 Escolha (?) do companheiro amoroso

Será que escolhemos os nossos companheiros amorosos ou já estamos dispostos a nos envolver com pessoas que, de certa forma, acreditamos responder as nossas necessidades de vinculação, similares àquelas desenvolvidas com os nossos pais? De acordo com Hazan e Shaver (1994), todos nós somos regulados por sistemas comportamentais de vinculação distintos, designados para responder de forma específica a situações sociais, sendo uma das necessidades mais básicas regulada por esse sistema – a segurança. Como referido anteriormente, a relação amorosa pode ser conceituada como uma função conjunta que reúne a vinculação, o *caregiving* e a relação sexual, ou seja, a atracção pode ser vista como resultado da

percepção de uma pessoa ao ponderar a possibilidade de um outro satisfazer algum desses elementos.

Relativo a perspectiva da vinculação, a atração apresenta características multiformes e redutíveis a um número pequeno de categorias conceptuais correspondente aos sistemas comportamentais. O sistema do *caregiving* pode ser exemplificado em casos de adultos que se demonstram vulneráveis ou angustiados e que provavelmente atrairão pessoas dispostas a cuidar; outro exemplo são de pessoas que buscam a satisfação das necessidades sexuais e sentem atração por quem demonstra disponibilidade sexual. Porém, para que o protótipo do amor romântico seja estabelecido, todos os três atributos necessariamente precisam ser preenchidos (Hazan & Shaver, 1994).

Como sabemos, a formação de uma relação ocorre tipicamente no contexto da proximidade física. Na infância, a proximidade é regulada pelo sistema de vinculação e devido a necessidade da criança em sentir-se segura, enquanto nos relacionamentos amorosos a busca pela proximidade é vista como o primeiro passo para a formação da vinculação. Apesar das motivações de busca serem diferentes para cada sujeito e um pouco mais complexas nas relações adultas, a primeira fase é bastante semelhante. O componente que se refere a base segura também se desenvolve no contexto da proximidade, e somente após um período relativamente prolongado, a relação passa a servir como uma base segura, próxima aquela fornecida pelos pais. O processo de vinculação envolve uma sequência que começa pela busca de proximidade seguida pelo comportamento de porto seguro e concluída pelo estabelecimento da base segura (Hazan & Shaver, 1994), conforme visto no capítulo anterior.

A atração física e o relacionamento sexual, são referidos em vários estudos como importantes no começo da relação, porém, ao passo que a relação torna-se mais sólida, o apoio emocional proporcionado pelo outro torna-se ainda mais valorizado. No domínio da sexualidade, Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan (2002) relatam que os sujeitos com uma vinculação segura ao cônjuge são os menos propensos a estabelecer encontros casuais e relações sexuais extraconjugais, sendo vistos como os mais capazes em manter relações amorosas de longa duração, enquanto os sujeitos com índices mais elevados de evitamento e

preocupação, apresentaram-se associados a uma maior insatisfação na relação, maiores índices de relações extraconjugais e com maior propensão ao rompimento.

4.3 Qualidade e Satisfação Conjugal

Vários autores buscaram traçar associações entre vinculação segura e qualidade nas relações conjugais ao avaliar níveis de satisfação, confiança e compromisso na relação (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer et al., 2002). Bowlby (1979) percebia o bom funcionamento do sistema de vinculação como necessário para a formação de relacionamentos íntimos satisfatórios, sendo a interação com o companheiro útil para aliviar a angústia e restaurar o sentimento de segurança, fortalecendo assim os laços afetivos na crença de que o companheiro estaria disponível nos momentos de necessidade.

De acordo com Mikulincer (2006), embora esse sentimento de segurança seja influenciado pelos modelos internos de cada pessoa, este também poder ser afetado pelos comportamentos de vinculação do companheiro e tornar-se assim, um regulador potente de cognições e comportamentos relacionais, como um dos principais contribuintes para a qualidade da relação. De acordo com uma perspectiva de emoção-regulação, o sistema de vinculação agiria como um mecanismo dinâmico e homeostático que pode contribuir ou interferir na equanimidade emocional. Dentro do contexto relacional, o bom funcionamento desse sistema é crucial para a resolução de tensões e conflitos, e para manter um tom afetivo positivo como incentivador da estabilidade do relacionamento.

Há várias consequências negativas provenientes de disfunções do sistema de vinculação, sendo que estas podem ocorrer durante interações em que os companheiros não possuem a capacidade de responder empaticamente as necessidades do companheiro, não proporcionando a estes uma sensação de proteção e segurança. Nesses casos, a angústia ativa o sistema de vinculação com uma série de dúvidas em torno da confiança em relação ao companheiro, preocupações estas que podem manter o sistema de vinculação em um estado constantemente ativado, levando a pessoa a estar sempre preocupada em relação

as suas necessidades de proteção e com dúvidas se o companheiro conseguirá ou não suprir essas necessidades (Mikulincer, 2006; Mikulincer & Shaver, 2003).

Interações de vinculação negativas indicam que as estratégias primárias de vinculação, proximidade e busca de apoio, não estão cumprindo o seu objetivo, tendo como resultado a adoção de estratégias secundárias de vinculação, destinadas a exigir ou a coagir amor e apoio da figura de vinculação, visto que ela não é percebida como confiável ou suficientemente disponível. A hiperativação do sistema de vinculação envolve exagero de avaliações de perigo, intensificação das exigências de atenção, carinho e assistência e excesso de dependência. Em contraste, as estratégias de desativação incluem a inibição da busca de proximidade e desapego, tendo como objetivo evitar a frustração frente a indisponibilidade do companheiro (Shaver & Mikulincer, 2002).

Pessoas com vinculação segura seriam mais propensas a prestação de cuidados a um companheiro, enquanto pessoas inseguras apresentariam maiores dificuldades em fornecer cuidado. Especificamente as pessoas com vinculação evitante, que cronicamente tentam distanciar-se dos companheiros, bem como de sinais emocionais de carência e sofrimento, são menos capazes ou dispostas a prestar cuidados, e portanto, apresentam menos compaixão para com o companheiro necessitado. Na pesquisa de Simpson (1990), sujeitos com alto grau de evitação reportaram estar em relações com baixa interdependência e a relacionarem-se com pessoas com alto grau de ansiedade. O estudo demonstra que pessoas evitantes tendem a ser muito preocupados em evitar a intimidade e o compromisso nos relacionamentos. As pessoas com vinculação ambivalente, que procuram maximizar a proximidade do companheiro, sofrem constantemente de frustração frente as suas necessidades de segurança e tendem a se angustiar facilmente, reagindo ao sofrimento dos outros como angústia pessoal, com comportamentos intrusivos e ineficazes (Mikulincer, 2006).

De acordo com Narciso e Costa (2001/2002), a qualidade conjugal pode ser compreendida segundo os processos conjugais vivenciados, conforme a forma como o casal percebe subjetivamente a sua vida em comum, vista sobre três perspectivas: Operativos/Comportamentais – diz respeito ao funcionamento da relação, ou como os autores fazem referência, ao *modus operandi* na e da relação,

representados pela comunicação, pelos conflitos, a sua resolução e o controlo relacional; *Afetivos* – representa a configuração dos sentimentos envolvidos pela intimidade e pelo compromisso; *Cognitivos* – envolvem padrões, percepções, atribuições e expectativas individuais que ao mesmo tempo que influenciam as relações, são também influenciados por elas.

A satisfação conjugal deve ser observada de forma que a satisfação e a insatisfação sejam percebidas envoltas por um processo dinâmico e não de maneira dual, sendo necessária uma avaliação da insatisfação para se perceber a satisfação, pois a satisfação nasce de várias experiências, tanto boas quanto ruins. Portanto, a avaliação da satisfação conjugal deve centrar-se na aceitação de mudanças, no processo de crescimento que ocorrem entre as satisfações/insatisfações e não em uma procura ideal ou perfeita, como se esta fosse uma síndrome de utopia (Narciso & Costa, 2001/2002).

Há casos de relações, que apesar de não satisfatórias, são mantidas pelos sujeitos. A teoria da vinculação sugere que um fator que pode contribuir para a manutenção de uma relação não satisfatória esteja no laço emocional da vinculação. Berscheid (1983, *apud* Hazan & Shaver, 1994) argumenta que muitas vezes os casais não estão conscientes quanto a vinculação entre eles, até que seja interrompida ou ameaçada de alguma forma. Weiss (1975, *apud* Hazan & Shaver, 1994) relaciona a manutenção de um relacionamento infeliz à ansiedade intensa que normalmente acompanha a separação. Um histórico de relações insatisfeitas também pode resultar em expectativas baixas em relação aos relacionamentos, podendo estas agir baseadas na crença de que os relacionamentos serão todos da mesma maneira (Hazan & Shaver, 1994).

A confiança uns nos outros também é uma dimensão que merece ser discutida, pois é central em uma relação saudável, sendo que quando não há confiança na relação, o resultado será de sujeitos que não comunicam claramente os seus sentimentos, não envolvem estratégias que possam atuar na resolução dos conflitos, sendo a probabilidade diminuída em relação a duração desse relacionamento. Bartholomew (1997) descreveu os aspectos da segurança vinculados a capacidade de avaliar de forma realista as próprias necessidades e comportamentos interpessoais, bem como as do companheiro. Espera-se que

assim, a segurança possa prever o acordo entre os companheiros sobre os seus problemas interpessoais, porém, somente em casos de segurança entre ambos os companheiros, é previsto esse acordo, independente do nível dos problemas.

A confiança está implicada na capacidade do outro acreditar que o companheiro esteja disponível e seja sensível as suas necessidades, logo os seus modelos internos serão centrais diante dessas crenças. Devido a expectativas estabelecidas pelos modelos internos, sujeitos com padrão de vinculação seguro tendem a estabelecer relações amorosas com sujeitos que possuem o mesmo padrão e conseqüentemente tenham relações mais satisfatórias, enquanto sujeitos com padrão de vinculação evitante, tendem a estabelecer relações amorosas com sujeitos de vinculação ambivalente, em vista da confirmação das suas crenças (Collins & Read, 1990; Feeney, 2004; Kirkpatrick & Davis, 1994).

De acordo com Assunção e Matos (2010), a relação parental pode proporcionar a aquisição de competências sócio emocionais, dentre as quais estão a capacidade de fornecer suporte emocional e a tomada de perspectiva (capacidade de se colocar no lugar do outro), fatores estes que contribuem para a qualidade da vinculação amorosa. Sujeitos de diferentes padrões de vinculação possuem crenças diversas em relação aos outros e a si mesmo, apresentando dessa forma implicações nas qualidades das suas relações, apesar do padrão de vinculação do outro também exercer influência na qualidade desta relação (Collins & Read, 1990).

Scharfe e Bartholomew (1995) realizaram uma pesquisa com 78 jovens casais com o objetivo de examinar como os padrões de vinculação podem implicar na qualidade das relações amorosas. Nesse estudo, as parceiras do sexo feminino que indicou alta vinculação ansiosa (amedrontada/preocupada), reportaram baixa satisfação na relação, tanto para ela, quanto para o companheiro, enquanto os companheiros masculinos com vinculação desinvestida associaram-se exclusivamente a baixa satisfação para ambos os companheiros.

4.4 Modelo de Kim Bartholomew

Devido as diferentes abordagens aplicadas a classificação da vinculação adulta, nomeadamente entre os autores – Hazan, Shaver e Main – Bartholomew

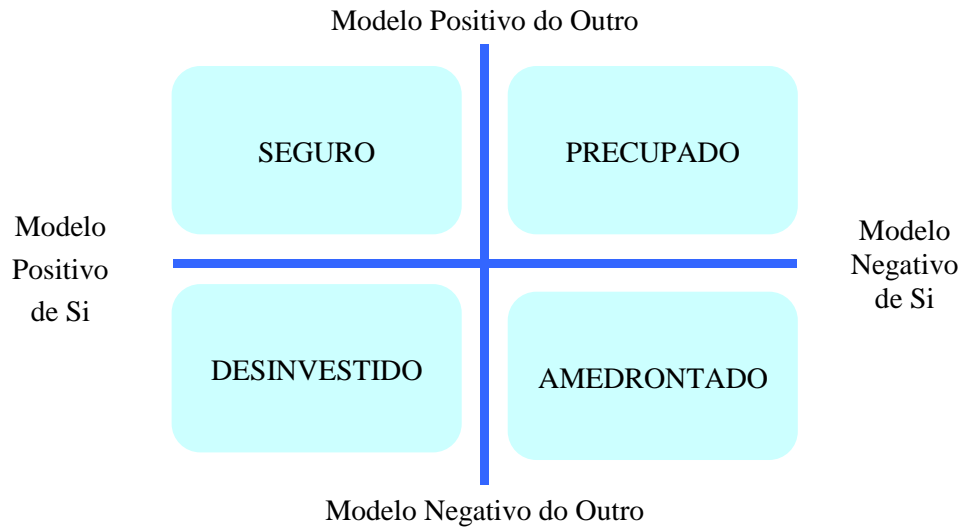
(1990) propôs expandir o modelo de vinculação adulta em relação as relações íntimas, tornando esses trabalhos mais substanciados. A autora argumenta que no trabalho de Hazan e Shaver as medidas tenderam a capturar adultos que evitavam as relações íntimas porque possuíam medo da rejeição, enquanto o instrumento AAI de Main buscou identificar adultos que recusavam ou tomavam uma postura imparcial relativamente as relações próximas. Contrário a linha de Main, que buscou identificar o padrão de vinculação de acordo com as relações infantis, Bartholomew centrou-se nas relações atuais para avaliar esse padrão.

Com a finalidade de obter padrões mais precisos, Bartholomew (1990) utilizou um modelo bidimensional, baseado nos modelos de si e dos outros, conforme conceituado por Bowlby e os dicotomizou entre modelos positivos e negativos, combinando-os posteriormente no intuito de descrever formas prototípicas¹⁵ de vinculação adulta. A elaboração desse modelo possui como conceito central os modelos internos dinâmicos, sendo o modelo de si associado a crença do sujeito enquanto merecedor de atenção e afeto, relacionado a dependência emocional e de ansiedade vivenciada nas relações, enquanto a percepção acerca da responsividade e da acessibilidade do outro, associa-se aos modelos dos outros.

Dessa forma, a autora desenvolveu uma descrição correspondente a cada estilo prototípico e o grau de paralelismo entre cada um deles, tendo os sujeitos sido avaliados através de duas entrevistas semiestruturadas - *Peer Attachment Interview* e *Family Attachment Interview*, que buscaram avaliar os relacionamentos atuais com os pares e de acordo com as relações familiares do sujeito, para assim avaliar as influências das relações familiares no modo de como as pessoas se relacionam ao longo do desenvolvimento, além de dois questionários de autorrelato - *Relationship Questionnaire* e *Relationship Scales Questionnaire*. A partir das combinações possíveis, derivaram-se quatro padrões de vinculação descritos como: Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado, de acordo com a figura apresentada abaixo (Bartholomew, 1997).

¹⁵ A abordagem prototípica busca conciliar questões categoriais e dimensionais resultante de investigações anteriores, sendo considerada a coexistência de vários elementos. Nessa abordagem, não há nomeação do sujeito como sendo seguro, mas predominantemente seguro com características de outros padrões, em maior ou menor grau.

Figura 2 – Modelo da vinculação no adulto



Os indivíduos *seguros* caracterizam-se pela imagem positiva que possuem de si e dos outros, pois tiveram na infância respostas consistentes de cuidado que facilitaram o desenvolvimento da internalização do sentido de autoestima e de confiança de que os outros geralmente estariam disponíveis e funcionariam como apoio. Os sujeitos *preocupados* se caracterizam como tendo um modelo de si negativo e um positivo modelo dos outros, com crenças de culpa frente a falta de amor dos cuidadores devido a parentalidade inconsistente que tiveram, costumam buscar ativamente satisfazer as suas necessidades de vinculação nas relações íntimas, ou seja, desenvolvem estilo de excessiva dependência ao outro, em que a sua validação pessoal é buscada na aprovação e aceitação dos outros. Os indivíduos *preocupados* enfatizam a realização e a autoconfiança, mantendo o senso de autoestima à custa da intimidade. Os indivíduos *amedrontados* possuem um modelo negativo de si e dos outros, desejam a intimidade, mas destroem os outros pois evitam se envolver, o que pode conduzi-los a perda ou a rejeição. Em relação aos problemas interpessoais, os indivíduos *amedrontados* envolvem problemas sociais e falta de assertividade. Os indivíduos *desinvestidos* possuem um modelo negativo dos outros e positivo de si, demonstram excessiva frieza e minimizam a importância das relações próximas (Bartholomew, 1990; Bartholomew, 1997; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Dois grupos configurados com modelos negativos de si (*preocupado* e o *amedrontado*), apresentaram respostas similares às medidas de insegurança

peçoal, porém divergem em relação a disponibilidade para se tornarem íntimos e confiarem em outras pessoas (Bartholomew & Horowitz, 1991). Os sujeitos seguros e preocupados são descritos como tendo uma orientação positiva sobre os outros, evidenciado pela valorização que dão as relações amorosas, a tendência que possuem em se apaixonar facilmente e em pedir apoio aos outros, além de demonstrarem preocupação com as relações próximas (Bartholomew, 1997).

Os indivíduos que mostram ambos os padrões de evitamento (desinvestido e amedrontado) evitam contacto próximo com os outros, especialmente em condição de *stress*, presumivelmente pelo histórico de rejeição ou irresponsabilidade das suas figuras de vinculação. A diferença entre eles é que enquanto o amedrontado acredita que os outros são indiferentes/indisponíveis e considera-se *unlovable*¹⁶, embora deseje ser aceito e seja consciente das suas necessidades de vinculação, possui medo de ser rejeitado; em contraste, o desinvestido mantém uma imagem positiva de si distanciando-se das figuras de vinculação e desenvolvendo um modelo de si autossuficiente e invulnerável ao potencial de rejeição dos outros. Assim, o desinvestido e o amedrontado são parecidos na dependência da aceitação que possuem dos outros, nas suas vinculações ansiosas, mas se diferenciam em buscar suporte nos outros.

¹⁶ Termo utilizado por Bartholomew (1997).

PARTE II



Análise Empírica

Capítulo 5

Objetivos e Hipóteses

5 Objetivos

O objetivo principal deste estudo esteve em compreender a relação entre a vinculação parental (avaliada pelo Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM, Matos & Costa, 2001) e a vinculação amorosa (avaliada pelo Questionário de Vinculação Amorosa – QVA, versão reduzida, Matos, Cabral & Costa, 2008) reportado por jovens adultos portugueses e brasileiros.

5.1 Hipóteses

H1: O Questionário de Vinculação Amorosa apresenta boa consistência interna e as suas subescalas (*Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência*) correlacionam-se de forma significativa entre si e na direcção esperada.

H1a: As raparigas apresentam *scores* mais elevados de *Dependência* e *scores* menos elevados de *Evitamento* em relação aos rapazes.

H2: O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe apresenta boa consistência interna e as suas subescalas (*Inibição da Exploração e Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência*) correlacionam-se de forma significativa entre si e na direcção esperada.

H2a: As raparigas apresentam médias superiores nas dimensões *Qualidade do Laço Emocional* e *Ansiedade de Separação e Dependência*.

H2b: Observam-se valores médios superiores em relação à mãe quando comparada ao pai nas dimensões *Qualidade do Laço Emocional* e *Ansiedade de Separação e Dependência*.

H3: As dimensões dos dois questionários supracitados apresentam as seguintes correlações entre si:

H3a: A dimensão *Confiança* correlaciona-se negativamente com a dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* e positivamente com a dimensão *Qualidade do Laço Emocional*.

H3b: A dimensão *Dependência* correlaciona-se positivamente com as dimensões *Inibição da Exploração e Individualidade* e *Ansiedade de Separação e Dependência*.

H3c: A dimensão *Evitamento* correlaciona-se positivamente com a dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* e negativamente com as dimensões *Qualidade do Laço Emocional*.

H3d: A dimensão *Ambivalência* correlaciona-se positivamente com a dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* e negativamente com a dimensão *Qualidade do Laço Emocional*.

H4: Verifica-se influência dos protótipos de vinculação desenvolvidos com os pais nas dimensões *Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência* experienciada nos relacionamentos amorosos.

Capítulo 6

Materiais/Instrumentos

6. Materiais/Instrumentos

Para a realização da presente investigação foram escolhidos instrumentos que atendiam à conceptualização teórica abordada, assim como os objetivos e as hipóteses delineadas para o trabalho. Sendo assim, foram selecionados os instrumentos: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001), e o Questionário de Vinculação Amorosa (Matos, Cabral & Costa, 2008). Também utilizámos um questionário de foro sociodemográfico no intuito de conjugar algumas questões que acreditamos serem pertinentes às dimensões dos instrumentos mencionados.

6.1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)

O QVPM é um questionário de autorrelato desenvolvido por Matos e Costa (2001, versão III) que avalia as representações de vinculação de adolescentes e jovens adultos em relação ao pai e à mãe, de acordo com a Teoria da Vinculação e o modelo bidimensional de Bartholomew (Gouveia & Matos, 2011). Em consideração à nossa investigação ter sido realizada com sujeitos com idade compreendidas entre os 18-39 anos, utilizámos a adaptação realizada por Duarte (2005), em que a forma verbal do instrumento foi alterada para uma visão retrospectiva, levando o sujeito a refletir sobre o tempo em que vivia com os pais durante o seu processo de desenvolvimento.

O questionário é composto por 30 itens, distribuídos por 3 fatores (cada um constituído por dez itens). Os itens foram concebidos de acordo com seis conceitos desenvolvidos pela teoria da vinculação: procura de proximidade, porto seguro, ansiedade de separação, medo da perda, admiração e base segura. Os itens deste questionário ainda podem ser visualizados de acordo com os protótipos de vinculação de Bartholomew (1990; 1997), ou seja, os itens foram pensados de modo que fosse possível realizar diferenciações dos padrões através da análise de *clusters* (Gouveia e Matos, 2011). Segue uma breve descrição dos fatores e os itens que os constitui.

Inibição da Exploração e Individualidade (IEI): avalia a percepção que o sujeito possui sobre as limitações da expressão da sua própria individualidade, bem como suas dificuldades de exploração do meio, típico de uma vinculação

insegura (Matos, Barbosa & Costa, 2001) (itens 1, 4, 7, 10,13, 16, 19, 22, 25 e 28).

Qualidade do Laço Emocional (QLE): avalia a importância que a figura parental possui enquanto figura de vinculação, ou seja, a quem este recorre em situações de dificuldade e com quem projeta uma relação duradoura (Matos et al., 2001) (itens 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27 e 30).

Ansiedade de Separação e Dependência (ASD): avalia o grau de ansiedade e medo da separação que o sujeito possui frente a figura parental de vinculação, podendo revelar o quão depende se está desta relação (Matos et al., 2001). (itens 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 26 e 29).

As respostas do questionário são realizadas através de uma escala tipo *Likert* de 6 pontos, organizadas da seguinte forma: (1) Discordo Totalmente, (2) Discordo Parcialmente, (3) Discordo Pouco, (4) Concordo Pouco, (5) Concordo Parcialmente e (6) Concordo Totalmente. O questionário conta com duas colunas de resposta, diferenciadas entre respostas de acordo com a mãe e com o pai.

6.2 Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)

O *Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)* é um instrumento de autorrelato validado para a versão portuguesa por Matos e Costa (2001), cuja versão original é constituída por 52 itens, e tem como objetivo avaliar a percepção sobre a qualidade do vínculo das relações amorosas de acordo com a Teoria da Vinculação e o modelo bidimensional de Bartholomew (1990; 1997). Para a presente investigação, utilizámos a versão reduzida de 25 itens (Matos, Cabral & Costa, 2008).

Para responder ao questionário é solicitado que o sujeito responda de acordo com o que sente a respeito da qualidade relacional que mantém com o seu atual companheiro amoroso. Caso o sujeito não esteja em uma relação amorosa, pede-se que se reporte à relação mais duradoura que teve e, no caso de não ter tido nenhuma relação amorosa, pede-se que responda de acordo com aquilo que ele acredita como será a sua relação futura. O questionário se apresenta composto por quatro fatores:

Confiança – avalia as percepções do sujeito sobre a responsividade e a

sensibilidade do companheiro amoroso em satisfazer as suas necessidades de conforto e apoio, ou seja, está no modo de como o sujeito percebe o seu companheiro como fonte de base segura (Itens 1, 3, 8, 10, (-)13 e 18); *Dependência* - avalia a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade da separação e o medo da perda do companheiro amoroso (Itens 4, 6, 11, 14, 22, 24); *Evitamento* - avalia o papel secundário do companheiro amoroso no preenchimento das necessidades de vinculação, bem como a centração do sujeito na sua própria capacidade de resolução de problemas (Itens 7, 9, 12, 16, 20, 23); *Ambivalência* - avalia a percepção de insegurança do sujeito expressa pela irritabilidade em situações inesperadas ou na dúvida frente à função que desempenha enquanto figura amorosa (Itens 2, 5, 15, 17, 19, 21, 25) (Matos & Costa, 2001).

As respostas ao questionário são realizadas através da escala tipo *Likert* de 6 pontos, organizadas da seguinte forma: (1) Discordo Totalmente, (2) Discordo Parcialmente, (3) Discordo Pouco, (4) Concordo Pouco, (5) Concordo Parcialmente e (6) Concordo Totalmente.

6.3 Procedimentos de Investigação Adotados

Para a recolha dos dados, esclarecemos os objetivos da pesquisa aos inquiridos, bem como a garantia do anonimato e confidencialidade dos dados, e pedimos que respondessem aos questionários de forma honesta e o mais sincera possível. Procurámos locais na Universidade onde os estudantes estivessem à vontade e se sentissem confortáveis para responder aos questionários. O preenchimento dos questionários durou em média 15-20 minutos.

6.4 Tratamento Estatístico dos Dados

Utilizámos o programa IBM SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*, versão 22) para a manipulação, tratamento e análise dos dados. A caracterização da amostra foi obtida através das estatísticas descritivas das dimensões, nomeadamente as médias, frequências, percentagens e desvios-padrão. Para a averiguação da fiabilidade dos instrumentos utilizámos a análise da consistência interna através do coeficiente *alpha de Cronbach*, pois nos confere a capacidade

explicativa de cada dimensão a partir dos itens que a compõem. Também foram analisadas a validade da estrutura das escalas através de Análise Fatorial Exploratória (AFE) e método de Análise de Componentes Principais (ACP).

Para a análise da relação entre duas dimensões utilizamos o coeficiente de correlação produto-momento de *Pearson* (r), onde o sinal algébrico indica a direcção em que as medidas variam em função uma da outra. Para analisar as diferenças dos resultados médios, utilizámos o teste t de *Student* para grupos independentes, e foi utilizado o teste de análise unifactorial da variância. Em relação à averiguação dos padrões de vinculação (seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado) no contexto parental e amoroso, utilizámos a análise de *clusters* não hierárquica.

Capítulo 7

Caracterização da Amostra

7. Amostra

7.1 Caracterização Sociodemográfica

Para a seleção da amostra, utilizámos o método não probabilístico por conveniência, tendo em vista o não comprometimento do rigor das informações prestadas. A amostra é composta por 391 sujeitos que voluntariamente concordaram em responder ao questionário sociodemográfico e aos instrumentos da pesquisa. Os dados de 18 sujeitos do valor total da amostra foram anulados, pois foram detetadas falhas que comprometiam a análise estatística, como o não preenchimento dos dados ou respostas visivelmente preenchidas de forma aleatória. Também anulámos as respostas de um sujeito luso-brasileiro, pela não possibilidade de enquadrá-lo em nosso estudo, devido o seu caso ter sido exclusivo.

Portanto, a dimensão final da amostra é de 372 sujeitos de ambos os sexos: 201 do sexo feminino (97 portuguesas e 104 brasileiras) e 171 do sexo masculino (78 portugueses e 93 brasileiros), cujas idades variam entre os 18 e os 39 anos ($A=21$). Entre os sujeitos portugueses, o valor médio de idade averiguado foi de 23.03 anos ($DP=3.85$), enquanto a amostra brasileira apresentou um valor um pouco mais elevado, com média de 26.83 anos ($DP=4.94$).

Tabela 1 – Idade em função do género

Sexo	Portugueses				Brasileiros			
	N	%	M	DP	N	%	M	DP
Masculino	78	44.6	22.65	3.21	93	47.2	26.39	5.04
Feminino	97	55.4	23.34	4.29	104	52.8	27.23	4.84
Total	175	100	23.03	3.85	197	100	26.83	4.94

Os sujeitos masculinos têm idades compreendidas entre os 18 e os 36 anos ($A=18$) que corresponde a um valor médio equivalente de 24.68 anos ($DP=4.68$). A distribuição dos valores revela forma tendencialmente assimétrica positiva ($Skewness=.59$) e platicúrtica ($Kurtosis=-.712$), explicando assim que a dimensão

não siga uma normal na subamostra masculina, facto que o respectivo teste confirma [$K-S_{(171)}=.186, p<.001$]. A média das idades para os sujeitos do sexo feminino corresponde aos 25.35 anos ($DP=4.97$) e, apesar do registo inferior coincidir com o da subamostra masculina ($x_{mínimo}=18$), o respectivo valor máximo é superior ($x_{máximo}=39$), razão pela qual a amplitude é maior ($A=21$). Em termos da forma, a distribuição das idades femininas continua a revelar-se tendencialmente assimétrica positiva ($Skewness=.721$) e platicúrtica ($Kurtosis=-.358$), explicando assim que também nesta subamostra a dimensão não siga uma normal, facto que o respectivo teste confirma [$K-S_{(201)}=.172, p<.001$].

Relativo ao nível de escolaridade, a amostra apresentou-se difusa, sendo constituída pela grande maioria de pessoas que se encontram em processo de conclusão da licenciatura ($N=162; 43.5\%$), seguido pelos que já concluíram a licenciatura ($N=100; 26.9\%$), mestrado em curso ($N=54; 14.5\%$), mestrado concluído ($N=20; 5.4\%$), secundário concluído ($N=19; 5.1\%$), doutoramento em curso ($N=11; 3\%$) e secundário em curso ($N=6; 1.6\%$). A Tabela 2 apresenta diferenças entre as amostras.

Tabela 2 – Distribuição de acordo com o Grau Académico

Grau Académico	Portugueses		Brasileiros	
	N	%	N	%
Secundário em Curso	5	2.9	1	.5
Secundário Concluído	12	6.9	7	3.6
Licenciatura em Curso	89	50.8	73	37.1
Licenciatura Concluída	22	12.6	78	39.6
Mestrado em Curso	33	18.9	21	10.7
Mestrado Concluído	12	6.9	8	4.1
Doutoramento em Curso	2	1.1	9	4.6
Total	175	100	197	100

Na distribuição relativa à ocupação profissional, a amostra contou com uma grande maioria de estudantes ($N=177; 47.6\%$), seguido por trabalhadores ($N=95; 25.5\%$), trabalhadores-estudantes ($N=79; 21\%$), e desempregados ($N=22; 5.9\%$). A maior diferença em relação à ocupação profissional entre as amostras, é

vista no que se refere aos trabalhadores-estudantes, sendo que os brasileiros pontuaram três vezes mais que os portugueses nesta questão.

Tabela 3 – Distribuição de acordo com a Ocupação Profissional

Ocupação Profissional	Portugueses		Brasileiros	
	N	%	N	%
Estudante	112	64	65	55
Trabalhador	37	21.1	58	29.4
Trabalhador-Estudante	17	9.7	61	31
Desempregado	9	5.1	13	6.6
Total	175	100	197	100

Um total de 229 sujeitos relataram estar em uma relação amorosa (61.6%), perfazendo uma média de duração da relação de 46 meses, com o mínimo de 1 mês de relação e com o máximo de 238 meses, tendo a moda situada nos 12 meses, logo a média de duração da relação não corresponde a média total da amostra; 133 sujeitos referiram não estar em uma relação amorosa (35.8%), tendo a relação mais duradoura apresentado uma média de 25 meses. Um grupo diminuto de sujeitos declarou nunca terem tido uma relação amorosa (N=10; 2.7%).

Tabela 4 – Distribuição de acordo com a Relação Amorosa

Relação Amorosa	Portugueses		Brasileiros	
	N	%	N	%
Sim	94	53.7	135	68.5
Não	76	43.4	57	29.8
Nunca	5	2.9	5	2.5

No que diz respeito à configuração familiar, a grande maioria relatou ter pais casados (N=262; 70.4%), sendo que 21.5% provem de famílias com pais divorciados (N=80), enquanto o restante relatou ter um dos pais viúvo (N=30; 8.1%). A amostra portuguesa apresentou um percentual bastante elevado de pais casados e relativamente baixo em relação aos pais divorciados, enquanto a

amostra brasileira apresentou-se constituída por um pouco mais da metade por pessoas com os pais casados, uma pontuação quase três vezes mais elevada que a portuguesa em relação aos pais divorciados e muito mais elevada em relação aos pais viúvos em comparação com a amostra portuguesa.

Tabela 5 – Distribuição de acordo com o Estado Civil dos Pais

Estado Civil dos Pais	Portugueses		Brasileiros	
	N	%	N	%
Casados	150	85.7	112	56.9
Divorciados	21	12	59	29.9
Viúvos	4	2.3	26	13.2

A grande maioria dos sujeitos relatou viver com os pais (N=219; 58.7%); o restante referiu viver com: namorado (N=36; 9.7%), sozinho (N=37; 9.9%), cônjuge (N=33; 8.9%), amigos (N=26; 7%) e familiares (N=21; 5.6%). Devido à amostra portuguesa apresentar média inferior à brasileira no que diz respeito à idade dos participantes que contribuíram com esta investigação, esperava-se que os mesmos apresentassem diferenças relativamente às pessoas com quem moram. Dito isto, verifica-se que muito mais portugueses relataram viver com os pais, em comparação a amostra brasileira, além dos brasileiros terem apresentado uma percentagem muito maior em relação a residirem com seus cônjuges.

Tabela 6 – Distribuição de acordo com quem moram

Com quem moram	Portugueses		Brasileiros	
	N	%	N	%
Pais	125	71.4	94	47.7
Namorado	18	10.3	18	9.1
Cônjuge	5	2.9	28	14.2
Sozinho	11	6.3	26	13.2
Amigos	9	5.1	17	8.6
Familiares	7	4	14	7.1

Relativamente a terem ou não realizado algum tipo de acompanhamento psicológico, a grande maioria referiu nunca o ter feito (N= 269; 72.3%), sendo

que 38.6% dos brasileiros reportaram ter tido acompanhamento psicológico, enquanto apenas 15.4% dos portugueses também relataram ter realizado, apresentando uma média de 14 meses de acompanhamento.

Tabela 7 – Distribuição de acordo com o Acompanhamento Psicológico

Acompanhamento Psicológico	Portugueses				Brasileiros			
	M		F		M		F	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	9	5.14	18	10.29	28	14.21	48	24.37
Não	69	39.43	79	45.14	65	32.99	56	28.43

Além da diferença entre as nacionalidades, percebe-se também uma diferença em relação ao sexo, sendo que os sujeitos que responderam já terem feito algum acompanhamento psicológico está representada pela grande maioria de mulheres, indicativo de que estas possuem mais facilidade em buscar auxílio quando necessitam.

Capítulo 8

Apresentação dos Resultados

8. Apresentação dos Resultados

Primeiramente apresentaremos os resultados relativos às estatísticas descritivas encontradas nos instrumentos utilizados (Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM, Questionário de Vinculação Amorosa – QVA), assim como as respectivas análises de itens (fidelidade), análises fatoriais (dimensionalidade) e intercorrelações das escalas entre si (validade), de acordo com cada nacionalidade.

8.1 Estatísticas Descritivas e Estudos de Fidelidade do QVPM

A Tabela 8 exhibe as estatísticas descritivas da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe e os seus respectivos coeficientes de fidelidade das amostras portuguesa e brasileira. Observam-se médias e desvios-padrão dentro dos limites aceitáveis. Os valores de *alpha de Cronbach* apresentam-se moderados, com tendência de desajuste em relação ao item 55 nas duas amostras (e.g. *Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim*), sendo que a sua retirada poderá acarretar aumento do valor do *alpha de Cronbach* das escalas totais. O valor de *alpha de Cronbach* da escala total apresenta-se moderado na amostra portuguesa ($\alpha=.79$), assim como na amostra brasileira ($\alpha=.80$).

Tabela 8 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
1	2.84	1.60	.49	.77	3.42	1.78	.50	.78
7	3.30	1.59	.41	.78	3.73	1.77	.47	.78
13	2.44	1.57	.39	.78	3.10	1.82	.49	.78
19	3.19	1.53	.48	.77	3.32	1.71	.48	.78
25	3.02	1.63	.55	.76	3.61	1.75	.47	.78
31	2.42	1.58	.46	.77	3.09	1.82	.56	.77
37	2.83	1.60	.58	.75	3.31	1.80	.51	.78
43	2.60	1.55	.44	.77	3.04	1.66	.47	.78
49	2.26	1.56	.50	.77	2.97	1.76	.54	.77
55	3.57	1.61	.28	.79	4.10	1.59	.22	.81
Total	28.48	9.28	—	.79	33.69	10.44	—	.80

Verifica-se uma grande diferença entre as médias, sendo que a amostra brasileira apresenta média maior (M=33.69; DP=10.44) quando comparada à amostra portuguesa (M=28.48; DP=9.28). O teste *t* de *Student*, confirmou que há diferenças estatisticamente significativas para a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe entre as duas amostras ($t_{(370)}=-5.06$; $p<.001$).

Tabela 9 – Estatísticas descritivas da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
1	2.94	1.61	2.76	1.60	3.26	1.74	3.56	1.82
7	3.32	1.66	3.28	1.55	3.72	1.80	3.73	1.75
13	2.42	1.55	2.45	1.59	3.01	1.79	3.17	1.86
19	3.35	1.54	3.07	1.51	3.09	1.75	3.53	1.65
25	3.28	1.62	2.81	1.62	3.65	1.74	3.59	1.78
31	2.33	1.59	2.49	1.58	2.94	1.90	3.23	1.74
37	2.90	1.67	2.78	1.56	3.28	1.89	3.35	1.73
43	2.60	1.53	2.60	1.57	3.03	1.63	3.05	1.71
49	2.41	1.65	2.13	1.48	2.94	1.83	3.01	1.70
55	3.78	1.67	3.40	1.55	4.03	1.67	4.15	1.52
Total	29.33	9.21	27.79	9.33	32.94	11.34	34.37	9.57

Na amostra portuguesa, os rapazes apresentam média superior à das raparigas no que corresponde à Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe, enquanto na amostra brasileira observa-se o contrário, sendo que as raparigas apresentam média superior à dos rapazes. Apesar das diferenças médias verificadas entre os sexos, não se confirma diferença estatisticamente significativa na amostra portuguesa ($t_{(173)}=1.09$; $p=.14$), nem na amostra brasileira ($t_{(195)}=-.96$; $p=.17$).

8.1.2 Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai

A Tabela 10 apresenta as principais estatísticas descritivas da dimensão

Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai relativa aos itens que a compõem e aos seus resultados totais, bem como os índices de homogeneidade obtidos. Ao analisar a distribuição das respostas em termos de medidas de tendência central, verifica-se que as mesmas encontram-se entre 2.33 (item 50) e 3.64 (item 56) na amostra portuguesa, sendo que a ausência de valores extremos configura a sua aceitabilidade psicométrica. Na amostra brasileira as médias situam-se entre 2.85 (item 2) e 3.79 (item 59), também com ausência de valores extremos. A análise das correlações item-total corrigidas, revela que todos os valores se encontram dentro dos limites aceitáveis em ambas as amostras. O valor de *alpha de Cronbach* em relação ao Pai também apresentou-se adequado na amostra portuguesa ($\alpha=.80$) e na amostra brasileira ($\alpha=.79$).

Tabela 10 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
2	2.52	1.55	.45	.78	2.85	1.73	.41	.77
8	3.31	1.64	.37	.79	3.58	1.82	.51	.76
14	2.47	1.56	.47	.78	3.09	1.83	.55	.76
20	3.44	1.66	.45	.78	3.37	1.75	.42	.77
26	2.74	1.65	.49	.78	3.12	1.72	.46	.77
32	2.52	1.72	.50	.78	2.90	1.76	.49	.76
38	3.04	1.71	.53	.77	3.32	1.81	.51	.76
44	2.93	1.68	.54	.77	3.23	1.77	.36	.78
50	2.33	1.60	.53	.77	2.91	1.82	.52	.76
56	3.64	1.62	.37	.79	3.79	1.72	.30	.79
Total	28.94	9.76	—	.80	32.15	10.38	—	.79

As médias entre as duas amostras apresentam-se diferenciadas, sendo que os brasileiros relataram uma maior pontuação referente a dimensão Inibição de

Exploração e Individualidade ao Pai (M=32.15, DP=10.38), em comparação a média apresentada pelos portugueses (M=28.94, DP=9.76). Esta diferença entre as duas amostras é estatisticamente significativa ($t_{(370)}=-3.06$; $p=.001$).

Tabela 11 – Estatísticas descritivas da dimensão Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
2	2.65	1.52	2.41	1.57	2.82	1.77	2.88	1.70
8	3.45	1.71	3.21	1.58	3.54	1.85	3.62	1.79
14	2.40	1.53	2.53	1.58	3.08	1.95	3.11	1.72
20	3.51	1.63	3.38	1.69	3.18	1.80	3.54	1.71
26	3.00	1.65	2.53	1.63	3.22	1.79	3.03	1.65
32	2.51	1.73	2.53	1.71	2.79	1.83	2.99	1.70
38	3.10	1.75	2.99	1.68	3.28	1.95	3.35	1.70
44	3.12	1.71	2.78	1.65	3.15	1.79	3.30	1.77
50	2.44	1.63	2.24	1.58	2.75	1.86	3.06	1.77
56	3.90	1.68	3.43	1.55	3.83	1.82	3.75	1.64
Total	30.08	10.13	28.02	9.41	31.64	11.50	32.61	9.30

Na amostra portuguesa, os rapazes apresentam média superior à das raparigas no que corresponde a Inibição da Exploração a Individualidade ao Pai, enquanto na amostra brasileira observa-se o contrário, sendo que as raparigas apresentam média superior a dos rapazes. Apesar das diferenças médias verificadas entre os sexos, não se verifica diferença estatisticamente significativa na amostra portuguesa ($t_{(173)}=1.38$; $p=.08$), nem na amostra brasileira ($t_{(195)}=-.65$; $p=.26$).

8.1.3 Qualidade do Laço Emocional à Mãe

A Tabela 12 apresenta, de forma sintética, as principais estatísticas

descritivas dos dez itens relacionados à dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe. A fim de verificar a sua adequação, a análise da distribuição das respostas demonstra que esta se apresenta em conformidade com o esperado. Porém, o item 3 apresenta a correlação item-total corrigida abaixo do valor que seria o adequado e o seu *alpha de Cronbach* também não se apresenta apropriado na amostra portuguesa. O valor do *alpha de Cronbach* total desta dimensão ($\alpha=.85$) apresenta-se elevado na amostra portuguesa e um pouco menor na amostra brasileira ($\alpha=.80$).

Tabela 12 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
3	4.53	1.69	.27	.87	4.42	1.74	.41	.79
9	5.27	1.32	.57	.84	4.93	1.48	.45	.78
15	4.67	1.53	.57	.84	4.09	1.67	.50	.78
21	4.85	1.49	.65	.83	4.61	1.68	.47	.78
27	4.97	1.35	.62	.83	4.54	1.51	.60	.77
33	5.16	1.31	.58	.84	4.95	1.47	.49	.78
39	4.97	1.60	.52	.84	4.78	1.56	.46	.78
45	5.20	1.38	.69	.83	4.92	1.47	.42	.79
53	4.33	1.54	.55	.84	3.96	1.56	.52	.77
59	4.77	1.44	.60	.84	4.24	1.67	.40	.79
Total	48.71	9.63	—	.85	45.45	9.42	—	.80

As amostras apresentam médias diferentes, sendo que a amostra portuguesa apresenta média mais elevada ($M=48.71$, $DP=9.63$) em comparação a amostra brasileira ($M=45.45$, $DP=9.42$), no que diz respeito a dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe. Quando comparadas, verifica-se que as amostras apresentam diferença estatisticamente significativa ($t_{(370)}=3.31$; $p=.001$).

Tabela 13 – Estatísticas descritivas da dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
3	4.51	1.65	4.55	1.73	4.24	1.84	4.58	1.65
9	5.38	1.28	5.19	1.35	4.99	1.45	4.88	1.51
15	4.82	1.56	4.55	1.50	4.24	1.58	3.95	1.74
21	4.65	1.50	5.00	1.47	4.53	1.74	4.69	1.63
27	4.88	1.34	5.04	1.37	4.44	1.46	4.63	1.55
33	5.05	1.24	5.25	1.37	4.97	1.44	4.93	1.49
39	4.67	1.79	5.21	1.41	4.80	1.54	4.77	1.58
45	4.88	1.57	5.45	1.16	5.00	1.38	4.86	1.54
53	4.31	1.56	4.35	1.53	4.06	1.49	3.87	1.62
59	4.79	1.44	4.74	1.45	4.42	1.62	4.09	1.71
Total	47.96	10.16	49.32	9.20	45.68	7.87	45.24	10.65

Na amostra portuguesa, os rapazes apresentam média superior à das raparigas no que corresponde a Qualidade do Laço Emocional à Mãe, enquanto na amostra brasileira observa-se o contrário, sendo que as raparigas apresentam média superior à dos rapazes. Apesar das diferenças médias verificadas entre os sexos, não se verifica diferença estatisticamente significativa na amostra portuguesa ($t_{(173)}=-.93$; $p=.18$), nem na amostra brasileira ($t_{(195)=.32}$; $p=.37$).

8.1.4 Qualidade do Laço Emocional ao Pai

As respostas aos itens que medem a dimensão da Qualidade do Laço Emocional ao Pai estão sumariadas na Tabela 14. Nela estão as principais estatísticas descritivas relativas aos itens e aos resultados totais desta dimensão, bem como os índices de homogeneidade obtidos. A não presença de resultados extremos referente a distribuição das respostas indicam adequação, assim como demonstra a sua dispersão. A fidelidade da escala, avaliada em termos de

consistência interna através do *alpha de Cronbach*, considera-se elevada em todos os itens e no seu valor total em ambas as amostras ($\alpha=.90$).

Tabela 14 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
4	4.41	1.73	.47	.90	4.12	1.82	.52	.89
10	4.93	1.59	.70	.88	4.45	1.76	.63	.89
16	4.26	1.66	.66	.89	3.47	1.85	.65	.88
22	4.44	1.66	.70	.88	4.15	1.89	.76	.89
28	4.68	1.60	.75	.88	4.39	1.66	.69	.89
34	4.99	1.42	.66	.89	4.56	1.68	.66	.88
40	4.49	1.81	.57	.89	4.31	1.83	.72	.89
46	4.95	1.51	.73	.88	4.60	1.73	.66	.89
54	4.10	1.59	.58	.89	3.67	1.74	.67	.89
60	4.47	1.55	.65	.89	3.77	1.85	.60	.89
Total	45.73	11.64	—	.90	41.49	12.99	—	.90

As amostras apresentam médias diferentes, sendo que a amostra portuguesa apresenta média mais elevada ($M=45.73$, $DP=11.64$) em comparação a amostra brasileira ($M=41.49$, $DP=12.99$), no que diz respeito a dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai. Esta diferença entre as duas amostras é estatisticamente significativa para a dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai ($t_{(370)}=3.29$; $p=.001$). Percebemos então que na dimensão Qualidade do Laço Emocional, tanto em relação à mãe, quanto em relação ao pai, as amostras apresentam diferenças estatisticamente significativas (sendo maior esta diferença quando referida ao pai), tendo os portugueses reportado maior média neste quesito, o que nos leva a refletir sobre a possibilidade de existirem diferenças relacionais com os pais nestas populações ou, em alternativa, se esta diferença se verifica apenas em nossa amostra.

Tabela 15 – Estatísticas descritivas da dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
4	4.41	1.59	4.41	1.84	4.15	1.82	4.09	1.83
10	5.10	1.52	4.79	1.64	4.32	1.79	4.57	1.73
16	4.45	1.67	4.10	1.64	3.41	1.89	3.53	1.82
22	4.45	1.61	4.43	1.70	4.00	1.95	4.28	1.83
28	4.82	1.48	4.57	1.68	4.39	1.76	4.39	1.59
34	5.04	1.28	4.96	1.53	4.73	1.64	4.41	1.70
40	4.22	1.93	4.71	1.70	4.34	1.89	4.29	1.78
46	4.77	1.53	5.10	1.49	4.51	1.79	4.68	1.67
54	4.06	1.59	4.12	1.60	3.67	1.87	3.66	1.63
60	4.46	1.57	4.48	1.54	3.91	1.98	3.64	1.74
Total	45.78	11.09	45.69	12.13	41.43	13.76	41.55	12.34

Na amostra portuguesa, os rapazes apresentam média um pouco superior à das raparigas no que corresponde à Qualidade do Laço Emocional ao Pai, enquanto na amostra brasileira observa-se o contrário, sendo que as raparigas apresentam média pouco superior à dos rapazes. As diferenças médias entre os sexos não são estatisticamente significativas na amostra portuguesa ($t_{(173)}=-.05$; $p=.47$), nem na amostra brasileira ($t_{(195)}=-.06$; $p=.46$).

8.1.5 Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe

A Tabela 16 sintetiza as principais estatísticas descritivas e os resultados totais da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, assim como, os seus respectivos coeficientes de fidelidade em relação a ambas as amostras. Os sujeitos utilizaram todos os intervalos da escala de avaliação para responder a qualquer um dos dez itens ($A=50$). Observam-se valores de *alpha de Cronbach* elevados em todos os itens, com uma pequena desadequação em relação ao item 5

na amostra brasileira, sendo que a sua retirada não alteraria a consistência interna desta dimensão. O valor total de *alpha de Cronbach* ($\alpha=.76$) apresenta-se moderado na amostra portuguesa, enquanto na amostra brasileira apresenta-se elevado ($\alpha=.83$).

Tabela 16 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			R	alpha			r	alpha
5	4.11	1.48	.21	.76	3.79	1.71	.35	.82
11	4.11	1.73	.47	.74	4.16	1.84	.58	.80
17	2.99	1.67	.44	.74	3.02	1.80	.56	.80
23	3.85	1.46	.40	.74	3.58	1.69	.57	.80
29	3.61	1.69	.51	.73	2.99	1.78	.54	.80
35	3.64	1.74	.53	.72	3.55	1.72	.58	.80
41	3.80	1.47	.39	.74	3.85	1.62	.40	.82
47	4.46	1.66	.56	.72	4.11	1.86	.57	.80
51	3.07	1.58	.46	.73	2.97	1.64	.47	.81
57	2.72	1.49	.37	.76	2.85	1.73	.49	.81
Total	36.34	9.05	—	.76	34.87	10.88	—	.83

As amostras apresentam médias diferentes, sendo que a amostra portuguesa apresenta média mais elevada ($M=36.34$, $DP=9.05$) em comparação a amostra brasileira ($M=34.87$, $DP=10.88$) no que diz respeito a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe. Esta diferença entre as amostras é estatisticamente significativa ($t_{(370)}=1.19$; $p=.008$). O item 5 nesta dimensão, no caso da amostra portuguesa, apresenta correlação, baseada no coeficiente produto-momento de Pearson, com o total dos itens da escala, bastante inferior ao valor desejado ($r=.21$), tendo também o seu valor de *alpha de Cronbach* apresentado irregularidade, pois a sua retirada não provocaria alteração no valor de consistência interna total da escala.

Tabela 17 – Estatísticas descritivas da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
5	4.01	1.60	4.19	1.37	3.71	1.71	3.86	1.70
11	3.88	1.70	4.29	1.74	4.01	1.85	4.30	1.83
17	2.60	1.57	3.30	1.68	2.83	1.85	3.18	1.75
23	3.82	1.53	3.87	1.41	3.61	1.68	3.55	1.69
29	3.59	1.67	3.62	1.70	3.13	1.77	2.88	1.78
35	3.69	1.81	3.60	1.68	3.62	1.79	3.49	1.66
41	3.94	1.44	3.69	1.48	3.71	1.69	3.98	1.54
47	4.06	1.78	4.77	1.49	3.85	1.75	4.34	1.92
51	3.04	1.67	3.09	1.51	2.76	1.61	3.16	1.64
57	2.40	1.45	2.98	1.47	2.72	1.61	2.96	1.83
Total	35.04	9.47	37.39	8.61	33.96	10.85	35.69	10.89

Em ambas as amostras, as raparigas apresentaram média superior à dos rapazes no que corresponde a Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe. A amostra portuguesa apresenta diferença estatisticamente significativa em relação aos sexos ($t_{(173)}=-1.61$; $p=.044$), enquanto o mesmo não é observado na amostra brasileira ($t_{(195)}=-1.21$; $p=.13$).

8.1.6 Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai

A Tabela 18 sintetiza as principais estatísticas descritivas e os resultados totais da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai, assim como, os seus respectivos coeficientes de fidelidade em relação a ambas as amostras. Em termos da dispersão das respostas dos sujeitos a estes itens, não são detectáveis valores que indiquem qualquer desempenho menos adequado. Observa-se valores de *alpha de Cronbach* elevados em todos os itens. O *alpha de Cronbach* total ($\alpha=.78$) da amostra portuguesa apresenta-se moderado, enquanto na amostra brasileira apresenta-se elevado ($\alpha=.86$).

Tabela 18 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
6	4.09	1.55	.31	.77	3.46	1.74	.46	.85
12	3.90	1.77	.54	.75	3.73	1.91	.58	.84
18	2.79	1.63	.48	.76	2.71	1.69	.61	.83
24	3.64	1.54	.40	.76	3.31	1.77	.62	.83
30	3.24	1.66	.46	.76	2.62	1.69	.53	.84
36	3.42	1.73	.58	.74	3.17	1.81	.63	.83
42	3.70	1.56	.48	.76	3.67	1.66	.46	.85
48	4.21	1.72	.58	.74	3.65	1.97	.65	.83
52	2.90	1.52	.36	.77	2.66	1.60	.53	.84
58	2.64	1.54	.27	.78	2.51	1.70	.53	.84
Total	34.54	9.44	—	.78	31.49	11.59	—	.86

As amostras apresentam médias diferentes, sendo que a amostra portuguesa apresenta média mais elevada ($M=34.54$, $DP=9.44$) em comparação à amostra brasileira ($M=31.49$, $DP=11.59$) no que diz respeito a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai. A diferença entre as médias revela que há diferenças estatisticamente significativas para esta dimensão entre as amostras ($t_{(370)}=2.39$; $p=.001$). Os itens 6 e 58 nesta dimensão, para a amostra portuguesa, apresentam correlação calculada com base no coeficiente produto-momento de Pearson, com o total dos itens da escala bastante inferior ao valor desejado ($r=.32$; $.27$, respectivamente). O item 58 apresenta o seu valor de *alpha* de *Cronbach* com irregularidades, pois a sua retirada não provocaria alteração no seu valor total. Também nos chama a atenção o facto de que nesta dimensão a diferença entre as amostras portuguesa e brasileira ser estatisticamente significativa em relação ao pai, enquanto em relação à mãe não se verifica esta diferença. Ou seja, em nossa amostra brasileira, os sujeitos apresentam mais ansiedade quando separados dos pais que quando separados de suas mães.

Tabela 19 – Estatísticas descritivas da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai e em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
6	3.90	1.65	4.24	1.46	3.43	1.74	3.49	1.76
12	3.73	1.73	4.03	1.81	3.49	1.94	3.94	1.87
18	2.49	1.53	3.04	1.67	2.50	1.70	2.90	1.68
24	3.71	1.56	3.59	1.53	3.25	1.84	3.37	1.70
30	3.41	1.65	3.10	1.67	2.72	1.78	2.53	1.61
36	3.54	1.79	3.33	1.68	3.00	1.96	3.33	1.66
42	3.88	1.52	3.56	1.59	3.54	1.71	3.78	1.61
48	3.91	1.79	4.45	1.62	3.16	1.91	4.08	1.92
52	2.83	1.57	2.96	1.49	2.39	1.56	2.89	1.61
58	2.33	1.46	2.89	1.57	2.38	1.67	2.62	1.73
Total	33.73	9.40	35.19	9.48	29.87	12.57	32.92	10.51

Em ambas as amostras, as raparigas apresentaram média superior à dos rapazes no que corresponde a Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai. A amostra portuguesa não apresenta diferença estatisticamente significativa em relação aos sexos ($t_{(173)}=-.87$; $p=.16$), enquanto o mesmo não é observado na amostra brasileira ($t_{(195)}=-2.06$; $p=.033$), pois as diferenças se apresentam estatisticamente significativas entre os sexos.

8.2 Análise Fatorial Exploratória

Após analisar o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e confirmar a fidelidade das suas dimensões, iremos testar a sua validade, a fim de que possamos perceber quais são as dimensões latentes neste instrumento. A estrutura fatorial do Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe foi avaliada através da Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método dos componentes principais, seguido por uma rotação ortogonal (*varimax*).

Com base na distribuição dos itens apresentado no manual desenvolvido por Gouveia e Matos (2011), o objetivo desta análise esteve em confirmar a estrutura fatorial obtida anteriormente em relação às três dimensões deste questionário: Inibição da Exploração e Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência, todas subdivididas em duas escalas referentes ao pai e à mãe. Discorreremos primeiramente sobre a análise fatorial da amostra portuguesa, e posteriormente será discutida a amostra brasileira, de forma a tornar facilitada a compreensão das observações.

Tabela 20 – Fatores do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

	Portugueses						Brasileiros					
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F1	F2	F3	F4	F5	F6
F1 – IEI (Mãe)												
1	.61						.64					
7	.59						.58					
13	.49						.62					
19	.62						.65					
25	.66						.57					
31	.54						.64					
37	.71						.61					
43	.53						.54					
49	.62						.66					
55	.36						—					
F2 – IEI (Pai)												
2		.55						.49				
8		.61						.55				
14		.56						.69				
20		.62						.57				
26		.60						.47				
32		.56						.59				
38		.60						.68				
44		.57						.57				
50		.61						.68				
56		.51						.32			.37	
F3 – QLE (Mãe)												
3			.41						.67			
9			.72						.64			
15			.60						.42			
21			.67						.48			
27			.72						.74			
33			.63						.65			
39			.60						.48			
45			.74						.42			
53			.56						.48			
59			.66				-.45		—			
F4 – QLE (Pai)												
4				.56						.67		
10				.78						.68		
16				.61						.50		
22				.69						.64		
28				.78						.74		
34				.72						.72		
40				.66						.68		
46				.76						.66		
54				.57						.53		
60				.68						.55		

F5 – ASD (Mãe)												
5	.32		.46						.37			.31
11			.46									.54
17												.60
23			.45									.64
29												.64
35												.71
41												.54
47												.63
51												.57
57												.67
F6 – ASD (Pai)												
6				.51								.38
12				.52						.49		.45
18												.72
24				.47								.63
30												.62
36												.64
42												.43
48												.64
52												.66
58												.70
Eigenvalue (λ)	3.79	3.85	5.37	6.47	3.09	2.85	4.22	3.83	3.99	5.55	4.18	4.86
Variância Explicada (%)	12.65	12.83	17.92	21.57	10.32	9.50	14.08	12.78	13.32	18.50	13.93	16.20
% Total de Variância Explicada					40.88	43.90					41.34	47.48

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD - Ansiedade de Separação e Dependência.

O teste de esfericidade de *Bartlett* revelou significância estatística ($p < .001$), o que nos permite confirmar que existe correlação não devida ao acaso entre os dados. O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) apresentou um valor de .82 para a mãe e de .86 para o pai, demonstrando que os dados são adequados para se proceder a análise fatorial. A estrutura do QVPM inclui três fatores que explicam 40.9% em relação à mãe, e 43.9% em relação ao pai, da variância total da amostra.

A qualidade psicométrica do QVPM possui indicadores adequados quanto a sua fidelidade e validade. Através da análise fatorial, foi demonstrado ajustamento adequado quanto aos três fatores representados por níveis elevados de consistência interna, tanto em relação à mãe - *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha = .81$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha = .83$) e *Ansiedade de Separação e Dependência* ($\alpha = .80$), quanto em relação ao pai - *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha = .80$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha = .90$) e *Ansiedade de Separação e Dependência* ($\alpha = .83$).

Na dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, percebemos três itens (5, 11 e 23) que saturam mais fortemente com a dimensão Qualidade do

Laço Emocional à Mãe (e.g. *Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu penso, Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais e Estava sempre ansioso para estar com os meus pais*). O item 5, diferente dos outros dois, não satura com a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, tornando ainda mais questionável o seu enquadramento nesta dimensão em relação a amostra portuguesa.

Na dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai, percebemos também três itens (6, 12 e 24) que saturam mais fortemente com a dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai (e.g. *Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu penso, Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais e Estava sempre ansioso para estar com os meus pais*). Percebe-se que são os mesmos itens vistos anteriormente, porém, em relação ao pai.

Após apresentar os dados relativos à amostra portuguesa, seguiremos com a análise da amostra brasileira em relação ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe. Na dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe, o item 55 (e.g. *Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim*) não apresentou saturação com nenhuma dimensão, talvez por não ser habitual a expressão “tinham a mania” no Brasil, o que pode ter causado confusão quanto à sua interpretação. Na mesma dimensão, porém em relação ao Pai, o item 56, apresentou uma saturação maior com a dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai.

Em relação à dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe, o item 59 (e.g. *Eu e os meus pais tínhamos uma relação de confiança*) não apresentou saturação com esta dimensão, e saturou negativamente com a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe. Pela frase ter sido escrita de forma que os sujeitos pensassem no período em que viviam com os pais, visto que a grande maioria ainda vive com os mesmos, pode ter causado confusão devido ao sentido dúbio da frase, pois dizer que “tínhamos uma relação de confiança”, pode ser indicativo de que já não se tem mais esta relação, e não era esta questão que o item tratava.

Na dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, o item 5 (e.g. *Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu penso*) apresentou maior saturação com a dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe. O mesmo item, porém em relação ao Pai, apresentou um valor bastante próximo de saturação com a dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai. O item 12 (e.g. *Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais*) relativo ao pai, apresentou maior saturação com a dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai.

Devido às irregularidades encontradas, propomos a retirada de quatro itens do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (itens 5/6, 11/12 55/56 e 59/60, ou de acordo com a numeração geral – itens 3, 6, 28 e 30, e.g. *Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu penso; Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais; Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim; Eu e os meus pais tínhamos uma relação de confiança*) para a utilização deste questionário em investigações realizadas com brasileiros. Assim, ao invés dos 30 itens do questionário, propomos que seja feita a sua redução 26 itens. Em anexo segue a nossa proposta.

O teste de esfericidade de *Bartlett* revelou significância estatística, o que nos permite assegurar que existe correlação entre os dados. O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) a igualar um valor de .82 para a mãe e .89 para o pai, demonstrou que os dados são adequados para se proceder à análise fatorial. A estrutura do QVPM inclui três fatores que explicam 41.3% da variância total da amostra em relação à mãe e 47.5% em relação ao pai.

A qualidade psicométrica do QVPM possui indicadores adequados quanto à sua fidelidade e validade. Através da análise fatorial, foi demonstrado ajustamento adequado quanto aos três fatores, representado por níveis elevados de consistência interna, tanto em relação à mãe - *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha = .81$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha = .79$) e *Ansiedade de Separação e Dependência* ($\alpha = .83$), quanto em relação ao pai - *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha = .79$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha = .90$) e *Ansiedade de Separação e Dependência* ($\alpha = .84$).

8.3 Estudos de Validade

A validade do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe foi também avaliada através do cálculo do coeficiente de correlação produto-momento de *Pearson* (r), sendo assim possível verificar as correlações entre as suas dimensões e o seu valor total (cf. Tabela 34).

Tabela 21 – Correlação entre as subescalas e o valor total do QVPM

Dimensões	Portugueses					Brasileiros				
	IEI (Pai)	QLE (Mãe)	QLE (Pai)	ASD (Mãe)	ASD (Pai)	IEI (Pai)	QLE (Mãe)	QLE (Pai)	ASD (Mãe)	ASD (Pai)
IEI (Mãe)	.745**	-.216**	-.126	.142	.206**	.674**	-.239**	-.129	.071	.138
IEI (Pai)		-.144	-.346**	.212**	.072		-.084	.015	.133	.238**
QLE (Mãe)			.664**	.347**	.200**			.669**	.413**	.358**
QLE (Pai)				.146	.451**				.261**	.636**
ASD (Mãe)					.751**					.729**

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD - Ansiedade de Separação e Dependência. ** $p \leq .001$; * $p \leq .05$

Começaremos por reportar as semelhanças entre as duas amostras - A correlação entre a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe correlaciona-se de modo positivo e forte com a Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai, conforme o esperado, assim como a Qualidade do Laço Emocional à Mãe e a Qualidade do Laço Emocional ao pai e a Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe e a Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai. A Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe correlacionou de modo negativo de forte a Qualidade do Laço Emocional à Mãe, enquanto em relação a Qualidade do Laço Emocional ao Pai também correlacionou-se de modo negativo, porém de fracamente. Fracas também foram as correlações entre a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe e a Qualidade do Laço Emocional ao Pai (negativamente) e a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe e a Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe (positivamente). Apresentaram correlação positiva forte as dimensões Qualidade do Laço Emocional à Mãe e a Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, Qualidade do Laço Emocional à Mãe e a Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai.

Discorreremos sobre as disparidades encontradas entre as amostras, referindo primeiramente as correlações encontradas na amostra portuguesa. A Qualidade do Laço Emocional ao Pai correlaciona-se de modo negativo e forte entre a Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai, enquanto na amostra brasileira essa correlação é positiva e fraca. A Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe correlaciona-se de modo positivo e forte entre a Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai na amostra portuguesa, enquanto na brasileira essa correlação é fraca. A correlação entre a Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe e a Qualidade do Laço Emocional ao Pai na amostra portuguesa apresenta-se positiva e fraca, enquanto na amostra brasileira essa correlação é forte. A Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai correlaciona-se de modo positivo forte entre a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe na amostra portuguesa, já na amostra brasileira essa correlação é fraca. E por fim, a Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai correlaciona-se positivamente e de modo fraco a Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai na amostra portuguesa, enquanto na amostra brasileira, essa correlação apresenta-se forte.

Não encontramos nenhum estudo constituído por uma amostra de jovens adultos que apresentasse as correlações dos pais de modo separado, portanto, apresentaremos os dados dispostos por Gouveia e Matos (2011) que apresentam as correlações conjuntamente. Santos (2005) e Oliveira (2005), apresentam amostras com jovens adultos bastante similares, portanto, abordaremos os dois estudos de forma conjunta. A *Inibição da Exploração e Individualidade* apresentou correlação negativa forte entre a *Qualidade do Laço Emocional* e não correlacionou-se com a *Ansiedade de Separação e Dependência*. A *Qualidade do Laço Emocional* apresentou correlação positiva forte entre a *Ansiedade de Separação e Dependência* e correlação negativa forte entre a *Inibição da Exploração e Individualidade*.

8.4 Estatísticas Descritivas e Estudos de Fidelidade do QVA

A Tabela 22 apresenta as estatísticas descritivas da dimensão Confiança,

assim como, os seus respectivos coeficientes de fidelidade em relação à amostra portuguesa e brasileira. Observam-se médias e desvios-padrão dentro dos limites aceitáveis nas duas amostras, sendo que nenhum dos itens apresenta extremos. Relativamente aos intervalos da escala, todos os itens apresentam os mesmos intervalos de avaliação, razão pela qual a amplitude total dos itens é igual a 30 pontos (min=6/máx=36). Observam-se valores de *alpha de Cronbach* elevados, com um pequeno desajuste em relação ao item 13. Na amostra portuguesa, ao retirar este item, o valor do *alpha de Cronbach* da dimensão seria elevado, enquanto na amostra brasileira, este valor não se alteraria. Na amostra portuguesa, o valor de *alpha de Cronbach* da dimensão Confiança ($\alpha=.90$) indica um valor de consistência interna elevado, enquanto na amostra brasileira este valor é considerado elevado ($\alpha=.89$).

Tabela 22 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Confiança

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			R	alpha			r	alpha
1	5.00	1.18	.78	.87	4.48	1.27	.74	.86
3	4.81	1.12	.81	.87	4.24	1.33	.75	.86
8	5.09	1.20	.83	.86	4.63	1.46	.77	.86
10	4.70	1.15	.71	.88	4.54	1.25	.72	.87
13	5.16	1.32	.47	.92	4.89	1.40	.55	.89
18	5.01	1.17	.79	.87	4.69	1.41	.71	.87
Total	29.76	5.84	—	.90	27.48	6.52	—	.89

Vale ressaltar as diferentes médias apresentadas entre as amostras, sendo que a amostra portuguesa apresenta média mais elevada (M=29.76; DP=5.84) em comparação a amostra brasileira (M=27.48; DP=6.52) no que diz respeito à dimensão *Confiança*. Verifica-se que há diferenças estatisticamente significativas para a dimensão Confiança entre as duas amostras ($t_{(370)}=3.53$; $p<.001$). Desta

forma podemos afirmar que em nossa amostra os portugueses apresentam maior confiança com os seus companheiros amorosos.

Tabela 23 – Estatísticas descritivas da dimensão Confiança em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
1	5.12	1.17	4.91	1.19	4.66	1.20	4.33	1.32
3	4.77	1.15	4.84	1.11	4.35	1.33	4.13	1.33
8	5.05	1.22	5.12	1.19	4.68	1.36	4.60	1.56
10	4.56	1.22	4.80	1.09	4.45	1.25	4.63	1.26
13	5.00	1.49	5.29	1.16	4.91	1.39	4.88	1.41
18	4.77	1.27	5.20	1.07	4.66	1.41	4.72	1.42
Total	29.27	6.06	30.15	5.66	27.71	6.26	27.28	6.78

Verificam-se na tabela 23 pouca diferença relativa ao sexo em relação à dimensão Confiança, tanto na amostra portuguesa ($t_{(173)}=-.99$; $p=.16$), quanto na amostra brasileira ($t_{(195)}=.46$; $p=.32$). Ou seja, no contexto da relação amorosa, tanto o sexo masculino, quanto o sexo feminino apresentam confiança em seus companheiros de forma semelhante, sendo verificada diferença somente quando comparadas as nacionalidades.

8.4.2 Dependência

A Tabela 24 apresenta um sumário das principais estatísticas descritivas dos seis itens da dimensão Dependência, assim como, os seus respectivos coeficientes de fidelidade. As médias da amostra portuguesa situam-se entre 2.87 (itens 6 e 24) e 4.05 (item 22), ou seja, dentro dos limites aceitáveis, sendo que nenhum dos itens apresenta extremos. A amostra brasileira apresenta médias situadas entre 2.52 (item 1) e 3.82 (item 13), sem apresentar também indicativo de médios extremos. Em qualquer dos itens foram utilizados todos os intervalos da escala de avaliação ($A=5$) nas duas amostras. A fidelidade da escala, avaliada em termos de consistência interna através do *alpha de Cronbach*, considera-se

elevada em todos os itens e em relação a dimensão Dependência em ambas as amostras ($\alpha=.87$).

Tabela 24 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Dependência

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
1	2.60	1.34	.70	.84	2.52	1.57	.73	.83
3	2.87	1.58	.66	.85	2.89	1.63	.72	.83
8	3.59	1.51	.73	.84	3.05	1.55	.63	.85
10	3.33	1.33	.67	.85	3.13	1.40	.61	.85
13	4.05	1.38	.68	.85	3.82	1.55	.70	.84
18	2.87	1.49	.59	.86	2.89	1.57	.59	.86
Total	19.31	6.74	—	.87	18.29	7.20	—	.87

As amostras apresentam médias diferentes, sendo que a amostra portuguesa apresenta média mais elevada ($M=19.31$; $DP=6.74$) em comparação à amostra brasileira ($M=18.29$; $DP=7.2$), no que diz respeito à dimensão Dependência. Apesar da diferença entre as médias, verifica-se que esta não é estatisticamente significativa para a dimensão Dependência entre as amostras ($t_{(370)}=1.39$; $p=.08$).

Tabela 25 – Estatísticas descritivas da dimensão Dependência em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
4	2.33	1.23	2.81	1.39	2.46	1.51	2.57	1.62
6	2.71	1.64	3.00	1.53	2.75	1.63	3.01	1.64
11	3.59	1.48	3.59	1.55	3.19	1.61	2.92	1.49
14	3.51	1.31	3.19	1.33	3.26	1.44	3.01	1.36
22	3.95	1.39	4.13	1.37	3.69	1.49	3.93	1.59
24	2.79	1.56	2.93	1.44	2.75	1.56	3.02	1.58
Total	18.88	6.78	19.65	6.73	18.10	7.12	18.46	7.30

Na amostra portuguesa e brasileira verifica-se a média da dimensão Dependência maior entre as raparigas (M=19.65, DP=6.73; M=18.46; DP=7.3, respectivamente) em relação aos rapazes (M=18.88, DP=6.78; M=18.1; DP=7.12, respectivamente). Apesar das diferenças referidas, não se observa diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, tanto na amostra portuguesa ($t_{(173)}=-.74$; $p=.23$), quanto na amostra brasileira ($t_{(195)}=-.34$ $p=.37$). Observam-se valores médios relativamente próximos entre as amostras portuguesas e brasileiras no que se refere a dimensão Dependência.

8.4.3 Evitamento

A Tabela 26 sintetiza as principais estatísticas descritivas e os resultados totais da dimensão Evitamento, assim como os seus respectivos coeficientes de fidelidade. Em termos da dispersão das respostas dos sujeitos a estes itens, não são detectáveis valores que indiquem qualquer desempenho menos adequado em ambas as amostras. Observam-se valores de *alpha de Cronbach* elevados em todos os itens, em relação a dimensão Evitamento, na amostra portuguesa ($\alpha=.89$) e na amostra brasileira ($\alpha=.83$).

Tabela 26 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Evitamento

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	alpha
7	2.36	1.33	.71	.87	2.87	1.46	.64	.79
9	2.11	1.26	.69	.88	2.64	1.42	.60	.80
12	2.58	1.35	.72	.87	2.97	1.42	.65	.79
16	1.89	1.22	.80	.86	2.33	1.36	.64	.79
20	2.17	1.24	.70	.87	2.38	1.33	.57	.80
23	2.56	1.42	.66	.88	2.99	1.37	.48	.82
Total	13.66	6.31	—	.89	16.19	6.13	—	.83

As amostras apresentam médias diferentes, sendo que a amostra brasileira apresenta média mais elevada (M=16.19, DP=6.13) em comparação à amostra portuguesa (M=13.66, DP=6.31) no que diz respeito à dimensão Evitamento. Esta diferença revela-se estatisticamente significativa entre as amostras portuguesa e brasileira ($t_{(370)}=-3.92$; $p<.001$).

Tabela 27 – Estatísticas descritivas da dimensão Evitamento em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
7	2.64	1.46	2.13	1.18	2.98	1.46	2.78	1.47
9	2.45	1.46	1.84	.99	2.87	1.49	2.43	1.32
12	2.87	1.39	2.34	1.28	3.03	1.52	2.91	1.33
16	2.22	1.35	1.62	1.03	2.44	1.34	2.23	1.37
20	2.41	1.30	1.97	1.15	2.53	1.34	2.25	1.32
23	2.92	1.53	2.27	1.25	2.99	1.42	3.00	1.33
Total	15.51	6.77	12.16	5.51	16.84	6.38	15.60	5.87

Nas amostras portuguesa e brasileira verifica-se ser a média da dimensão Evitamento maior entre os rapazes (M=15.51, DP=6.77; M=16.84; DP=6.38, respectivamente) em relação as raparigas (M=12.16, DP=5.51; M=15.6, DP=5.87, respectivamente). A amostra portuguesa apresenta médias estatisticamente significativas em relação a esta dimensão para os sexos ($t_{(173)}=3.61$; $p<.001$), enquanto na amostra brasileira não se verifica diferença estatisticamente significativa entre os sexos ($t_{(195)}=1.41$; $p=.08$).

8.4.4 Ambivalência

A Tabela 28 apresenta as estatísticas descritivas da dimensão Ambivalência, assim como, os seus respectivos coeficientes de fidelidade. Observam-se médias e desvios-padrão dentro dos limites aceitáveis, sendo que nenhum dos itens apresenta médios extremos. Observa-se valores de *alpha de Cronbach* elevados em todos os itens, sendo esta a maior consistência interna

observada entre as dimensões do QVA ($\alpha=.91$) em relação à amostra portuguesa. A amostra brasileira também apresenta um elevado valor de consistência interna ($\alpha=.88$).

Tabela 28 – Estatísticas descritivas e coeficientes de fidelidade dos itens e totais da dimensão Ambivalência

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item		Média	Desvio Padrão	Excluído o próprio item	
			r	alpha			r	Alpha
2	2.78	1.50	.67	.90	3.40	1.56	.60	.87
5	2.99	1.39	.65	.90	3.60	1.39	.57	.87
15	2.37	1.54	.82	.88	2.89	1.71	.75	.85
17	2.61	1.35	.74	.89	3.23	1.43	.63	.87
19	2.42	1.40	.75	.89	2.99	1.63	.74	.85
21	2.57	1.45	.72	.89	2.91	1.63	.69	.86
25	2.08	1.39	.72	.89	2.43	1.45	.68	.86
Total	17.81	8.05	—	.91	21.46	8.27	—	.88

As amostras apresentam médias bastante diferentes, sendo que a amostra brasileira apresenta média mais elevada ($M=21.46$, $DP=8.27$) em comparação a amostra portuguesa ($M=17.81$, $DP=8.05$), no que diz respeito a dimensão Ambivalência. Esta diferença apresenta-se estatisticamente significativa para a dimensão Ambivalência entre as amostras ($t_{(370)}=-4.30$; $p<.001$).

Tabela 29 – Estatísticas descritivas da dimensão Ambivalência em função do sexo

Item	Portugueses				Brasileiros			
	Rapazes		Raparigas		Rapazes		Raparigas	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
2	2.96	1.583	2.63	1.424	3.41	1.48	3.39	1.63
5	3.05	1.458	2.94	1.345	3.58	1.42	3.62	1.37
15	2.45	1.509	2.30	1.569	2.82	1.71	2.95	1.71
17	2.74	1.294	2.51	1.400	3.15	1.50	3.31	1.37
19	2.47	1.384	2.38	1.425	3.00	1.65	2.99	1.62
21	2.44	1.354	2.67	1.519	2.85	1.70	2.97	1.57
25	2.18	1.448	2.00	1.339	2.52	1.53	2.36	1.39
Total	18.29	7.71	17.42	8.34	21.32	8.32	21.59	8.27

Na amostra portuguesa e brasileira verificam-se médias bastante próximas entre ambos os sexos, em relação a dimensão Ambivalência, sendo maior entre os rapazes (M=18.29, DP=7.71; M=21.32, DP=8.32, respectivamente) se comparada às raparigas (M=17.42, DP=8.34; M=21.59, DP=8.27, respectivamente). Verificou-se que tanto a amostra portuguesa ($t_{(173)}=.27$; $p=.24$), quanto a amostra brasileira ($t_{(195)}=.83$; $p=.41$) não apresentam diferenças estatisticamente significativas à dimensão Ambivalência, em função do sexo.

A tabela abaixo (cf Tabela 16) apresenta as dimensões do Questionário de Vinculação Amorosa de acordo com as médias apresentadas em função da quantidade de tempo de namoro, sendo aqui considerado o tempo de namoro igual ou superior a dois anos como correspondente àquele em que a vinculação se apresenta estabelecida.

Tabela 30 – teste *t* de *Student* das dimensões do QVA em função do tempo de relacionamento

Dimensões	Portugueses				Brasileiros			
	Antes 2 anos		Após 2 anos		Antes 2 anos		Após 2 anos	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Confiança	31.37	5.39	32.44	4.33	30.05	5.11	29.70	4.66
Dependência	19.87	8.04	21.58	6.10	18.05	6.09	20.85	7.11
Evitamento	11.91	6.24	10.19	3.10	15.58	5.72	14.79	5.59
Ambivalência	15.15	8.02	13.42	5.42	19.56	7.80	19.06	7.59

Na amostra portuguesa, a dimensão Evitamento apresentou diferença estatisticamente significativa ($t_{(173)}=1.71$; $p=.046$) em relação ao tempo de relacionamento, sendo o Evitamento maior antes da completude dos dois anos de relação; já na amostra brasileira, a dimensão Dependência apresentou significância ($t_{(195)}=-2.38$; $p=.009$), sendo esta dimensão maior após dois anos de relacionamento, contrariamente ao resultado esperado.

8.5 Análise Fatorial Exploratória

Tendo em vista a adequação apresentada pelo Questionário de Vinculação Amorosa, torna-se legítimo testarmos a sua validade a fim de firmar a sua

equivalência conceptual, e assim, tornar a utilização do presente instrumento viável também ao Brasil, tendo em vista que o aplicamos também à população brasileira. O objetivo desta análise consiste em fazer emergir as dimensões latentes utilizadas para verificação da vinculação amorosa, correspondentes às dimensões *Confiança*, *Dependência*, *Evitamento* e *Ambivalência*.

Tabela 31 – Fatores do Questionário de Vinculação Amorosa

Dimensões	Portugueses				Brasileiros			
	F1	F2	F3	F4	F1	F2	F3	F4
F1 – Confiança								
1	.79				.79			
3	.80				.82			
8	.84				.76			
10	.67				.77			
13	.44			-.52	.69			
18	.82				.70			
F2 – Dependência								
4		.80				.80		
6		.76				.81		
11		.77				.66		
14		.73				.69		
22		.74				.74		
24		.71				.75		
F3 – Evitamento								
7			.74				.72	
9			.81				.73	
12			.79				.80	
16			.86				.72	
20			.73				.65	
23			.73				.54	
F4 – Ambivalência								
2				.69				.72
5				.77				.72
15				.80				.69
17				.81				.76
19				.73				.77
21				.75				.66
25				.71				.63
Eigenvalue (λ)	8.49	3.85	3.34	1.18	7.76	3.82	2.53	1.51
Variância Explicada (%)	33.95	15.39	13.37	4.73	31.03	15.27	10.15	6.05
% Total de Variância Explicada				67.44				62.50

A qualidade psicométrica do QVA possui indicadores adequados em relação à sua consistência interna, assim como a sua estrutura fatorial, avaliada através da Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método dos componentes principais, seguido por

uma rotação ortogonal (*varimax*). Com base na distribuição dos itens apresentado no trabalho de Matos, Barbosa e Costa (2001), o objetivo desta análise esteve em confirmar a estrutura fatorial obtida anteriormente em relação as dimensões deste questionário, porém, em nossa investigação algumas diferenças foram verificadas (item 13 – amostra portuguesa), contudo, sem comprometer o instrumento em si.

O teste de esfericidade de *Bartlett* confirmou a existência de intercorrelações em número suficiente na matriz de intercorrelações ($p < .001$) entre os dados. O teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) apresentou um valor de .91 para a amostra portuguesa, e um valor de .88 para a amostra brasileira, demonstrando que os dados são adequados para se proceder a análise fatorial.

A dimensão *Confiança* apresenta pesos fatoriais relativamente elevados na amostra portuguesa (entre .44 e .84) e explica 33.95% da variância total; na amostra brasileira, os pesos fatoriais apresentados também são relativamente elevados (entre .69 e .82) e explica 31.03% da variância total da amostra. A dimensão *Dependência* apresenta pesos fatoriais elevados na amostra portuguesa (entre .71 e .80) e explica 15.39% da variância total; na amostra brasileira os pesos fatoriais apresentados são relativamente elevados (entre .66 e .81) e explica 15.27% da variância total. A dimensão *Evitamento* apresenta pesos fatoriais elevados na amostra portuguesa (entre .74 e .86) e explica 13.37% da variância total; na amostra brasileira, os pesos fatoriais apresentados são relativamente elevados (entre .54 e .80) e explica 10.15% da variância total da amostra. A dimensão *Ambivalência* apresenta pesos fatoriais relativamente elevados na amostra portuguesa (entre .69 e .81) e explica 4.73% da variância total; na amostra brasileira, os pesos fatoriais apresentados também são relativamente elevados (entre .63 e .77) e explica 6.05% da variância total da amostra. A estrutura do QVA inclui quatro fatores que explicam 67.44% da variância total da amostra para a amostra portuguesa, e 62.5% da variância total da amostra para a amostra brasileira. Tendo em vista as análises apresentadas, torna-se plausível o uso deste instrumento também no Brasil devido a sua adequação.

8.6 Estudos de Validade

A validade do Questionário de Vinculação Amorosa, foi também avaliada através do cálculo do coeficiente de correlação produto-momento de *Pearson* (r), sendo assim possível verificar as correlações entre as suas dimensões e o seu valor total.

Tabela 32 – Correlação entre as subescalas e o valor total do QVA

Dimensões	Portugueses			Brasileiros		
	DE	EV	AM	DE	EV	AM
Confiança	.481**	-.156*	-.505**	.338**	-.295**	-.548**
Dependência		-.271**	-.119		-.403**	-.085
Evitamento			.439**			.353**

Nota: DE – Dependência, EV – Evitamento e AM – Ambivalência.

** A correlação é significativa no nível .001.

* A correlação é significativa no nível .05.

As amostras apresentam similaridade em quase todas correlações, sendo diferente apenas na correlação entre a Confiança e o Evitamento, pois na amostra portuguesa a correlação apresenta-se moderada, enquanto na amostra brasileira a correlação entre estas dimensões apresenta-se forte. Apresentaremos os valores das correlações brasileiras, seguidamente dos valores encontrados na amostra portuguesa. O coeficiente de correlação para a Confiança é de $r=.481/.338$ com a Dependência, de $r=-.156/-.295$ com o Evitamento, e de $r=-.505/-.548$ com a Ambivalência. O coeficiente de correlação para a Dependência é de $r=-.271/-.403$, e com o Evitamento é de $r=-.119/-.085$. O Evitamento e a Ambivalência apresentam $r=.439/.353$.

8.7 Correlações entre os Questionários

Na amostra portuguesa a Confiança apresentou correlação negativa forte entre a Qualidade do Laço Emocional à Mãe ($r=.272$; $p<.001$) e ao Pai ($r=.266$; $p<.001$); a Dependência apresentou correlação positiva moderada entre a Inibição de Exploração e Individualidade à Mãe ($r=.146$; $p=.027$) e a Ansiedade de

Separação e dependência ao Pai ($r=.131$; $p=.042$); o Evitamento apresentou correlação positiva moderada entre a Inibição da Exploração de Individualidade ao Pai ($r=.151$; $p=.023$); a Ambivalência apresentou correlação positiva moderada com a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe ($r=.151$; $p=.023$) e ao Pai ($r=.130$; $p=.043$), e correlação negativa forte entre a Qualidade do Laço Emocional à Mãe ($r=-.199$; $p=.004$) e ao Pai ($r=-.235$; $p=.001$).

Tabela 33 – Correlações entre o QVA e o QVPM (Portugueses)

Dimensões	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
IEI (Mãe)	-.046	.146*	.071	.151*
IEI (Pai)	-.036	.099	.151*	.130*
QLE (Mãe)	.272**	-.080	-.001	-.199**
QLE (Pai)	.266**	-.023	-.069	-.235**
ASD (Mãe)	.001	.102	.094	.070
ASD (Pai)	.058	.131*	.044	.019

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD - Ansiedade de Separação e Dependência.

** A correlação é significativa no nível .001

* A correlação é significativa no nível .05

Na amostra brasileira a Confiança apresentou correlação negativa forte entre a Inibição Exploração e Individualidade à Mãe ($r=-.225$; $p=.001$) e negativa moderada entre a Inibição Exploração e Individualidade ao Pai ($r=-.146$; $p=.021$), correlação positiva forte entre a Qualidade ao Laço Emocional à Mãe ($r=.272$; $p<.001$) e positiva moderada entre a Qualidade ao Laço Emocional ao Pai ($r=.126$; $p=.039$) e a Ansiedade de Separação à Mãe ($r=.149$; $p=.019$). A Dependência correlacionou-se de forma positiva moderada com a Qualidade do Laço Emocional à Mãe ($r=.146$; $p=.02$) e positiva forte com a Ansiedade de Separação à Mãe ($r=.278$; $p<.001$) e ao Pai ($r=.168$; $p=.009$). O Evitamento apresentou correlação positiva moderada com a Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai ($r=.153$; $p=.016$). A Ambivalência correlacionou-se positiva e fortemente a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe ($r=.209$; $p=.002$) e ao Pai

($r=.204$; $p=.002$), e de modo negativo forte com a Qualidade do Laço Emocional à Mãe ($r=-.176$; $p=.007$).

Tabela 34 – Correlações entre o QVA e o QVPM (Brasileiros)

Dimensões	Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
IEI (Mãe)	-.225**	.062	.110	.209**
IEI (Pai)	-.146*	.116	.153*	.204**
QLE (Mãe)	.272**	.146*	-.014	-.176**
QLE (Pai)	.126*	.051	-.030	-.103
ASD (Mãe)	.149*	.278**	.003	-.032
ASD (Pai)	.071	.168**	.016	-.003

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD - Ansiedade de Separação e Dependência.

** A correlação é significativa no nível .001

* A correlação é significativa no nível .05

8.8 Análise de Clusters

Realizámos procedimentos estatísticos de análise de *clusters* não-hierárquico com o objetivo de investigar os quatro protótipos de vinculação desenvolvidos por Bartholomew (1997). Nossa análise para estabelecer os *clusters* no Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe baseou-se no manual desenvolvido por Gouveia e Matos (2011), e para o Questionário de Vinculação Amorosa utilizámos os trabalhos de Matos, Barbosa e Costa (2001) e de Feeney (2004), que de acordo com o modelo de Bartholomew, traçaram pormenores acerca destes protótipos de vinculação. Apresentaremos primeiramente as análises realizadas com o QVPM.

Em relação a vinculação materna, verifica-se na amostra portuguesa um número maior de sujeitos com o protótipo de vinculação Preocupado (36.57%), seguido pelo protótipo Amedrontado (36%) (com praticamente a mesma quantidade de sujeitos), o protótipo Seguro representado por 24.57% da amostra, e por fim, o protótipo Desinvestido (2.86%).

Tabela 35 – Análise de clusters do QVPM (Mãe/Portugueses)

Dimensões	Cluster 1 Seguro n=43	Cluster 2 Preocupado n=64	Cluster 3 Amedrontado n=63	Cluster 4 Desinvestido n=5
IEI (Mãe)	21.63	25.95	36.08	24.00
QLE (Mãe)	51.69	55.39	42.27	18.80
ASD (Mãe)	17.14	30.28	24.26	10.40
Total (%)	24.57%	36.57%	36.00%	2.86%

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD - Ansiedade de Separação e Dependência.

Na vinculação paterna, observa-se uma maior média de sujeitos Amedrontados (35.43%), seguido por sujeitos Preocupados (31.43%), Seguros (24%) e, em menor quantidade, verifica-se os sujeitos Desinvestidos (9.14%). Observam-se valores relativamente próximos aos protótipos encontrados na vinculação materna, sugerindo que na amostra portuguesa há uma semelhança no tipo de vinculação desenvolvida com ambos os pais.

Tabela 36 – Análise de clusters do QVPM (Pai/Portugueses)

Dimensões	Cluster 1 Seguro n=42	Cluster 2 Preocupado n=55	Cluster 3 Amedrontado n=62	Cluster 4 Desinvestido n=16
IEI (Pai)	20.98	25.45	36.21	33.63
QLE (Pai)	51.50	54.05	40.66	21.63
ASD (Pai)	17.09	29.44	24.02	11.50
Total (%)	24.00%	31.43%	35.43%	9.14%

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD - Ansiedade de Separação e Dependência.

Na amostra brasileira, em relação a vinculação materna, observa-se uma média maior de sujeitos Preocupados (35,03%), seguido por sujeitos Amedrontados (27.41%), Seguros (21.82%) e Desinvestidos (15.74%). Em comparação a amostra portuguesa, verifica-se uma percentagem muito maior em relação ao protótipo Desinvestido.

Tabela 37 – Análise de clusters do QVPM (Mãe/Brasileiros)

Dimensões	Cluster 1 Seguro n=43	Cluster 2 Preocupado n=69	Cluster 3 Amedrontado n=54	Cluster 4 Desinvestido n=31
IEI (Mãe)	19.84	29.75	32.19	38.26
QLE (Mãe)	43.53	48.86	35.76	30.42
ASD (Mãe)	19.07	34.51	29.94	15.68
Total (%)	21.82%	35.03%	27.41%	15.74%

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD – Ansiedade de Separação e Dependência.

Na vinculação paterna observa-se um maior número de sujeitos Amedrontados (39.59%), seguido por sujeitos Preocupados (28.44%), Desinvestidos (18.78%) e por fim, os sujeitos Seguros (12.69%). A média encontrada em relação ao protótipo Seguro apresenta-se muito inferior, se comparada a média apresentada na vinculação materna, demonstrando assim que a vinculação paterna, na amostra brasileira, apresenta-se bem diferente da vinculação materna e com indicativos de uma vinculação mais “precária” com a figura paterna.

Tabela 38 – Análise de clusters do QVPM (Pai/Brasileiros)

Dimensões	Cluster 1 Seguro n=25	Cluster 2 Preocupado n=56	Cluster 3 Amedrontado n=78	Cluster 4 Desinvestido n=37
IEI (Pai)	15.36	35.50	23.13	37.41
QLE (Pai)	30.52	40.80	34.33	27.84
ASD (Pai)	11.20	32.91	26.47	15.51
Total (%)	12.69%	28.44%	39.59%	18.78%

Nota: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade, QLE - Qualidade do Laço Emocional e ASD – Ansiedade de Separação e Dependência.

Em relação ao Questionário de Vinculação Amorosa (QVA), a amostra portuguesa apresentou uma média maior de sujeitos Preocupados (40%), seguido por sujeitos Seguros (27.43%), Amedrontados (15.43%) e Desinvestidos (17.14%).

Tabela 39 – Análise de clusters do QVA (Portugueses)

Dimensões	Cluster 1 Seguro n=48	Cluster 2 Preocupado n=70	Cluster 3 Amedrontado n=27	Cluster 4 Desinvestido n=30
Confiança	25.56	27.73	24.22	16.10
Dependência	14.00	24.51	21.56	13.63
Evitamento	15.46	09.46	17.85	18.53
Ambivalência	12.71	12.57	28.22	25.70
Total (%)	27.43%	40.00%	15.43%	17.14%

A amostra brasileira também apresentou uma média maior de sujeitos Preocupados (34.52%), seguido pelos sujeitos Seguros (29.44%), Amedrontados (20.30%) e em menor número, os sujeitos Desinvestidos (15.74%). Percebe-se assim que em relação aos protótipos de vinculação amorosa, a amostra portuguesa apresenta-se bastante semelhante à amostra brasileira.

Tabela 40 – Análise de clusters do QVA (Brasileiros)

Dimensões	Cluster 1 Seguro n=58	Cluster 2 Preocupado n=68	Cluster 3 Amedrontado n=40	Cluster 4 Desinvestido n=31
Confiança	29.99	31.59	25.63	16.71
Dependência	14.03	26.60	16.30	15.87
Evitamento	15.57	11.87	19.52	21.00
Ambivalência	16.68	17.71	28.60	29.77
Total (%)	29.44%	34.52%	20.30%	15.74%

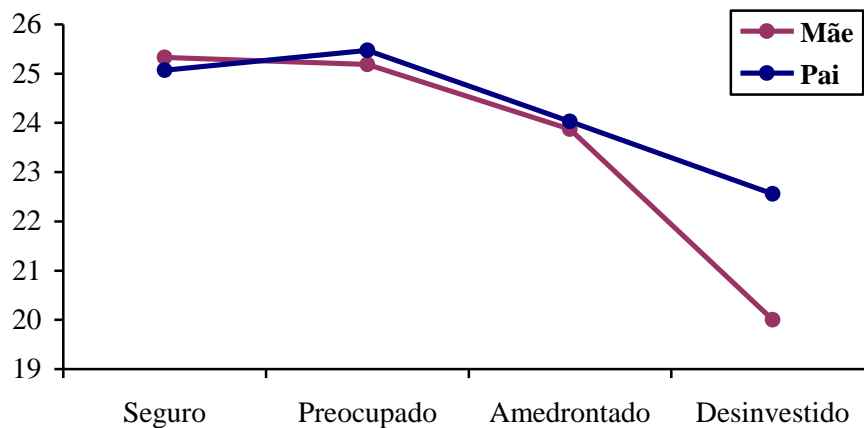
Com o objetivo de verificarmos de que forma a vinculação parental interfere na vinculação amorosa, dispomos as dimensões do Questionário de Vinculação Amorosa de forma comparativa aos protótipos parentais. Começaremos por apresentar os dados relativos à amostra portuguesa no que confere a estas correlações.

Tabela 41 – Análise de clusters do QVPM em relação as dimensões do QVA (Portugueses)

Dimensões	Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Confiança	25.33	25.07	25.19	25.47	23.87	24.03	20.00	22.56
Dependência	17.47	17.93	19.09	19.96	20.51	19.57	22.80	19.50
Evitamento	13.16	12.71	14.48	14.18	13.69	14.16	17.20	15.63
Ambivalência	14.51	14.95	17.88	17.67	18.00	17.77	24.20	20.06

Verifica-se uma menor média na dimensão Confiança no companheiro amoroso entre os sujeitos Desinvestidos com ambos os pais; por seu lado percebe-se uma maior média nesta dimensão entre os sujeitos de vinculação Segura com as mães e de vinculação Preocupada com os pais, porém esta diferença não é estatisticamente significativa em relação à mãe ($F_{(3,171)}=2.42$, $p=.068$), nem em relação ao pai ($F_{(3,171)}=1.79$, $p=.15$) na dimensão Confiança.

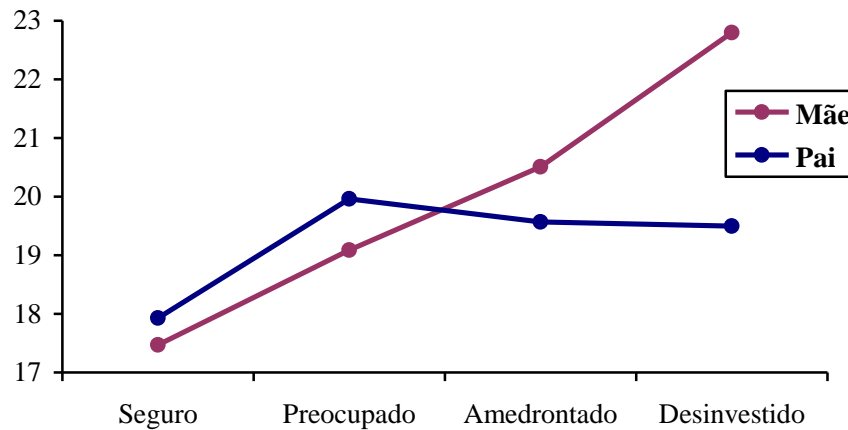
Figura 3 – Confiança em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)



Em relação à dimensão Dependência ao companheiro amoroso, verifica-se uma menor média entre os sujeitos de vinculação Segura com ambos os pais, e uma maior média entre os sujeitos de vinculação Desinvestida com a mãe e de vinculação Preocupada com o pai. A diferença média verificada entre os protótipos de vinculação em relação à Dependência não apresenta diferença

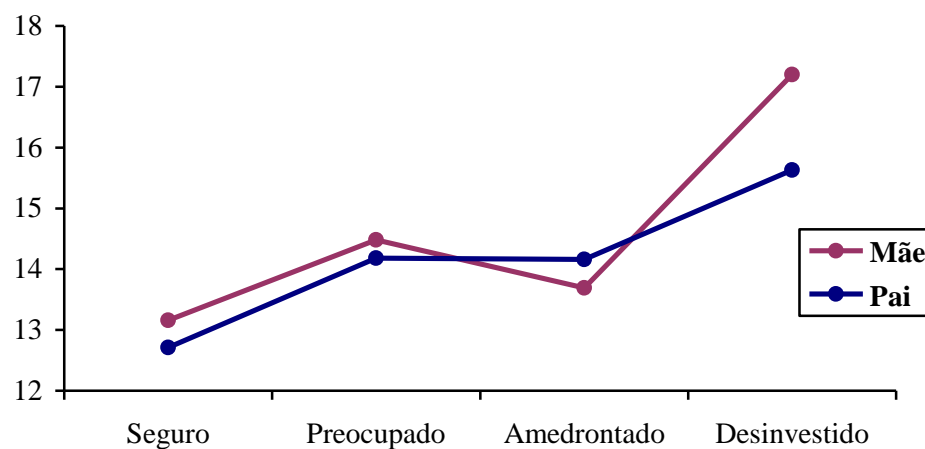
estatisticamente significativa em relação à mãe ($F_{(3,171)}=2.25$, $p=.084$), nem em relação ao pai ($F_{(3,171)}=.811$, $p=.489$).

Figura 4 – Dependência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)



A dimensão Evitamento em relação ao companheiro amoroso apresentou média maior entre os sujeitos de vinculação Desinvestida com ambos os pais e menor média entre os sujeitos Seguros, porém não diferem significativamente entre si em relação a ambos os pais – mãe ($F_{(3,171)}=1.02$, $p=.387$) e pai ($F_{(3,171)}=1.15$, $p=.331$). Nesta dimensão verificam-se também valores próximos entre o padrão de vinculação Preocupado e Amedrontado.

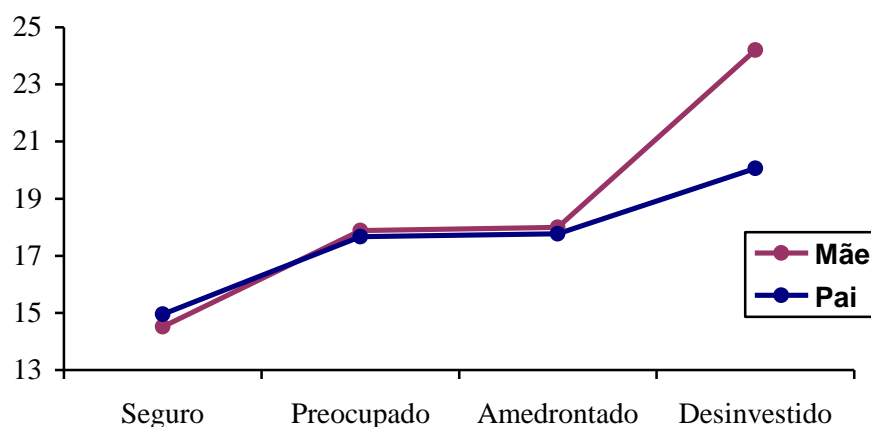
Figura 5 – Evitamento em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)



A dimensão Ambivalência ao companheiro amoroso apresentou maior

média entre os sujeitos Desinvestidos com ambos os pais; porém a média é menor entre os sujeitos de vinculação Segura, sendo estas diferenças não estatisticamente significativas em relação à mãe ($F_{(3,171)}=3.25$, $p=.023$), nem em relação ao pai ($F_{(3,171)}=1.91$, $p=.130$). Verificam-se valores muito próximos entre os padrões de vinculação Preocupado e o Amedrontado em relação a ambos os pais.

Figura 6 – Ambivalência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Portugueses)



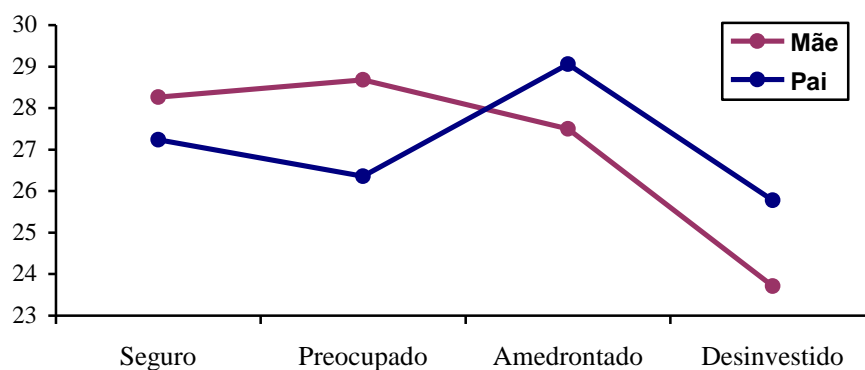
Passaremos à apresentação dos resultados encontrados na amostra brasileira em relação à análise dos *clusters* do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) e do Questionário de Vinculação Amorosa (QVA).

Tabela 42 – Análise de clusters do QVPM em relação as dimensões do QVA (Brasileiros)

Dimensões	Seguro		Preocupado		Amedrontado		Desinvestido	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Confiança	28.26	27.24	28.68	26.36	27.50	29.06	23.71	25.78
Dependência	17.60	17.08	20.30	20.16	18.74	18.06	15.19	17.65
Evitamento	16.81	16.24	15.09	15.69	15.72	15.63	18.29	17.89
Ambivalência	20.63	20.36	20.75	24.19	21.89	19.28	23.45	22.97

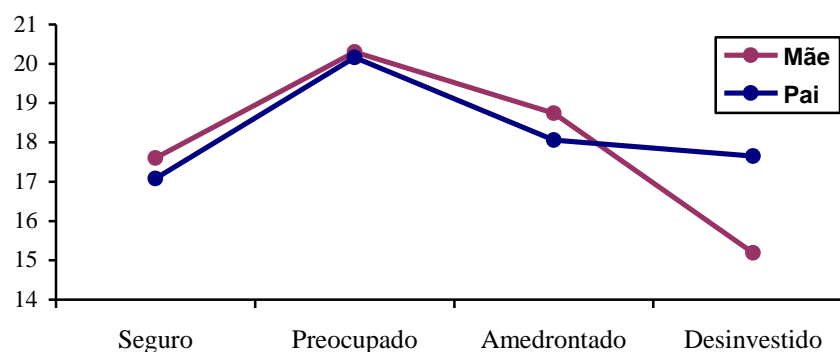
Observa-se uma menor Confiança no companheiro amoroso entre os sujeitos Desinvestidos com ambos os pais; no entanto, verifica-se uma média maior entre os sujeitos de vinculação Segura com as mães e de vinculação Amedrontada com os pais, sendo esta diferença não estatisticamente significativa em relação à mãe ($F_{(3,193)}=4.68$, $p=.004$), nem em relação ao pai ($F_{(3,193)}=3.03$, $p=.031$).

Figura 7 – Confiança em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)



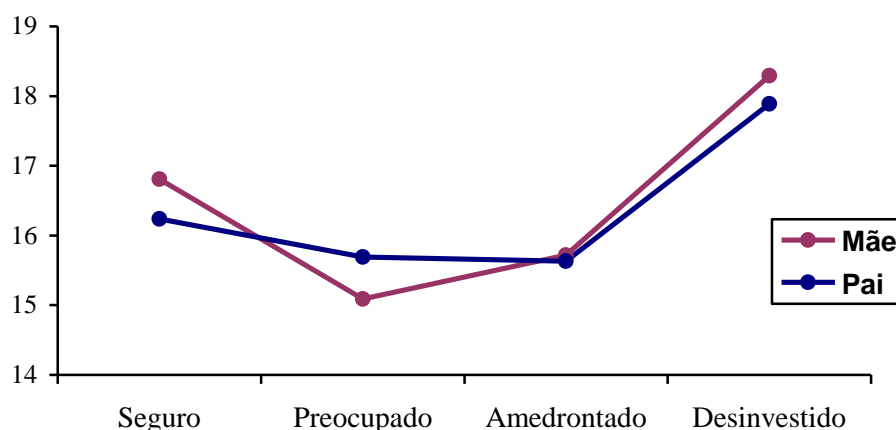
Em relação à dimensão Dependência ao companheiro amoroso, verifica-se uma menor média entre os sujeitos de vinculação Desinvestida com a mãe e Segura com o pai, e uma maior média entre os sujeitos de Vinculação Preocupada. A diferença média verificada entre os protótipos de vinculação em relação à Dependência, não apresenta diferença estatisticamente significativa em relação à mãe ($F_{(3,193)}=4.27$, $p=.006$), nem em relação ao pai ($F_{(3,193)}=1.68$, $p=.173$).

Figura 8 – Dependência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)



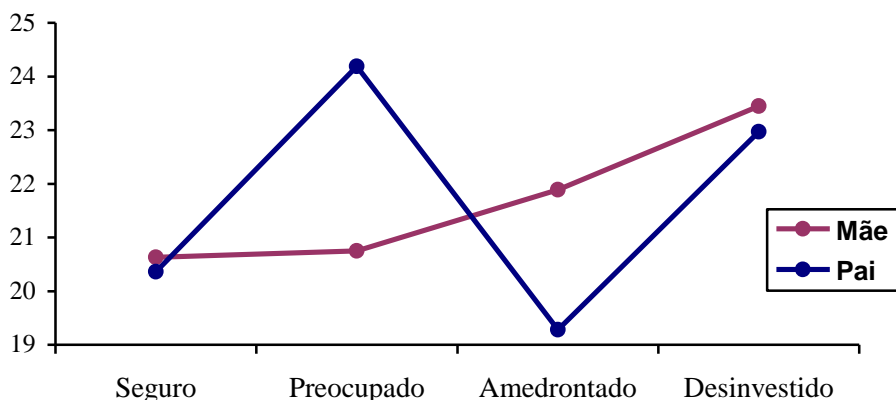
A dimensão Evitamento em relação ao companheiro amoroso apresentou média maior entre os sujeitos de vinculação Desinvestida, com ambos os pais, e menor média entre os sujeitos de vinculação Preocupada com a mãe e Amedrontada com o pai, não diferindo significativamente entre si em relação à mãe ($F_{(3,193)}=2.79, p=.042$), nem em relação ao pai ($F_{(3,193)}=1.59, p=.193$).

Figura 9 – Evitamento em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)



A dimensão Ambivalência ao companheiro amoroso apresentou maior média entre os sujeitos Desinvestidos com a mãe e Preocupados com o pai, e menor média entre os sujeitos de vinculação Segura com a mãe e Amedrontada com o pai, sendo estas diferenças não estatisticamente significativas em relação à mãe ($F_{(3,193)}=.96, p=.413$), nem em relação ao pai ($F_{(3,193)}=4.67, p=.004$).

Figura 10 – Ambivalência em relação aos Protótipos de Vinculação aos Pais (Brasileiros)



Capítulo 9

Discussão dos Resultados

9. Discussão dos Resultados

Neste capítulo discutiremos mais detalhadamente os resultados encontrados em nossa investigação que teve como objetivo buscar compreender as relações entre a Vinculação Parental e a Vinculação Amorosa em jovens adultos. Também nos propomos a analisar diferenças de vínculo entre portugueses e brasileiros, que apesar da similaridade linguística, observa-se diferenças culturais bastante distintas, tendo estas refletido nos resultados por nós encontrados. Analisaremos as duas amostras conjuntamente de forma a tornar facilitada a compreensão dos dados.

Em nossa investigação prezamos pela garantia de que os instrumentos utilizados estivessem de acordo com as exigências referentes as suas qualidades psicométricas, e assim recorreremos a várias análises a fim de que o trabalho estivesse consistente, a nível da sua validade e fidelidade. Em relação ao Questionário de Vinculação Parental, as três dimensões apresentaram valores de *alpha de Cronbach* adequados nas duas amostras: Portuguesa – Versão Pai *Inibição da Exploração e Individualidade* $\alpha=.80$, *Qualidade do Laço Emocional* $\alpha=.90$ e *Ansiedade de Separação e Dependência* $\alpha=.78$; Versão Mãe *Inibição da Exploração e Individualidade* $\alpha=.79$, *Qualidade do Laço Emocional* $\alpha=.85$ e *Ansiedade de Separação e Dependência* $\alpha=.76$ / Brasileira – Versão Pai *Inibição da Exploração e Individualidade* $\alpha=.79$, *Qualidade do Laço Emocional* $\alpha=.80$ e *Ansiedade de Separação e Dependência* $\alpha=.83$; Versão Mãe *Inibição da Exploração e Individualidade* $\alpha=.80$, *Qualidade do Laço Emocional* $\alpha=.80$ e *Ansiedade de Separação e Dependência* $\alpha=.83$. Encontramos valores de *alpha de Cronbach* elevados para ambos os pais, e em ambas as amostras, valores estes próximos aos apresentados nos trabalhos de Rocha (2008) - *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha=.78$ e $\alpha=.79$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha=.94$ e $\alpha=.89$) e *Ansiedade de Separação e Dependência* ($\alpha=.86$ e $\alpha=.89$), e de Assunção (2009) - *Inibição da Exploração e Individualidade* ($\alpha=.84$ e $\alpha=.85$), *Qualidade do Laço Emocional* ($\alpha=.94$ e $\alpha=.91$) e *Ansiedade de Separação e Dependência* ($\alpha=.86$ e $\alpha=.82$).

Em relação as diferenças médias verificadas nas dimensões do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, começaremos por abordar a dimensão

da *Inibição da Exploração e Individualidade*. Observa-se que a amostra brasileira reporta maior valor médio (com significância estatística) nesta dimensão, indicativo de que nesta amostra os brasileiros relatam uma vinculação mais insegura com os pais, podendo estes ser descritos como mais limitantes em relação à individualidade dos filhos, acarretando nestes mais dificuldade de exploração do meio. Em relação ao sexo, verifica-se que na amostra portuguesa os rapazes percebem-se mais inibidos por ambos os pais, enquanto na amostra brasileira foram as raparigas que apresentaram-se mais inibidas, sendo que em nenhuma das amostras essa diferença foi estatisticamente significativa entre os sexos. Na amostra portuguesa, esta dimensão apresenta média maior quando relacionada ao pai, ou seja, a imagem do pai como uma figura mais protetora é verificada nesta amostra, enquanto na amostra brasileira, o contrário é verificado, sendo que em ambas as amostras os valores relacionados a ambos os pais são bastante próximos.

De acordo com a dimensão *Qualidade do Laço Emocional à Mãe e ao Pai*, verifica-se que a amostra portuguesa apresenta maior média (estatisticamente significativa) em comparação a amostra brasileira, ou seja, nesta amostra verifica-se que os portugueses costumam recorrer mais aos pais em situações de dificuldade, sendo os pais vistos de forma mais atuante enquanto figuras de vinculação. A Qualidade do Laço Emocional à Mãe apresenta média maior entre as raparigas portuguesas e brasileiras, enquanto em relação ao Pai, a média maior está entre os rapazes portugueses e brasileiros, porém a diferença entre as médias é bem pequena e não significativa. Em ambas as amostras, esta dimensão apresenta maior média entre a mãe, sugerindo que a relação com as mães se faz de maneira mais próxima, correspondente assim a várias investigações nesta área (Ainsworth, 1989; Matos, 2002; Paquette, 2004).

A dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe* apresenta diferença estatisticamente significativa entre as amostras. As raparigas portuguesas apresentaram média superior (estatisticamente significativa) em relação aos rapazes, o mesmo visto na amostra brasileira, porém sem diferença estatisticamente significativa entre os sexos. A dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai* apresentou diferença estatisticamente significativa entre as

amostras, sendo esta maior na amostra portuguesa, ou seja, os portugueses apresentam-se mais dependentes ao pai em comparação a amostra brasileira. As raparigas portuguesas apresentaram média maior, porém, não de forma estatisticamente significativa, sendo o mesmo visto entre as raparigas brasileiras, porém a diferença entre os sexos se faz de modo significativo. Conforme visto na dimensão anterior (qualidade de relação melhor com as mães), é refletido nesta dimensão conforme o esperado, sendo entre as mães também uma maior ansiedade de separação e dependência sentida pelos filhos. Ao analisar a Ansiedade de Separação e Dependência, verifica-se que esta apresenta diferenças relativo ao sexo dos participantes, sendo visto entre as raparigas uma média maior em comparação aos homens em ambas as amostras. Podemos refletir sobre o facto das raparigas serem mais protegidas por seus pais, e essa questão ser traduzida em uma maior ansiedade diante de uma possível separação destes.

Em relação ao Questionário de Vinculação Amorosa foram encontrados índices de consistência interna adequados nas duas amostras: Portuguesa – *Confiança* $\alpha=.90$, *Dependência* $\alpha=.87$, *Evitamento* $\alpha=.89$ e *Ambivalência* $\alpha=.91$ / Brasileira – *Confiança* $\alpha=.89$, *Dependência* $\alpha=.87$, *Evitamento* $\alpha=.83$ e *Ambivalência* $\alpha=.88$. Ao comparar a consistência interna referente ao Questionário de Vinculação Amorosa, encontramos valores bastante similares aos valores apresentados em outras pesquisas, o valor de *alpha de Cronbach* da dimensão *Confiança* indica um valor de consistência interna elevado em ambas as amostras, outros estudos que referem valores entre .86 e .89 (Assunção, 2009; Freitas & Mota, 2015, respectivamente). A dimensão *Dependência* apresentou o mesmo valor nas duas amostras, valor elevado se comparado a outros estudos com valores como .78 e .79 de consistência interna (Melo & Mota, 2014; Correia & Mota, 2016, respectivamente). Observa-se o valor de *alpha de Cronbach* elevado em relação a dimensão *Evitamento*, valor também mais elevado se comparado à outros estudos que referem valores entre .81 e .83 (Correia & Mota, 2016; Melo & Mota, 2014, respectivamente), valores estes mais próximos ao encontrado na amostra brasileira. A dimensão *Ambivalência* apresentou um valor elevado quando comparado ao encontrado na investigação de Melo e Mota (2014), tendo este estudo apresentado o valor de .84, valor mais próximo ao encontrado em

nossa amostra brasileira.

A maioria das dimensões do Questionário de Vinculação Amorosa apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre as amostras portuguesa e brasileira. A dimensão *Confiança* apresentou média maior na amostra portuguesa, e as dimensões *Evitamento* e *Ambivalência* apresentaram média maior na amostra brasileira. A partir destes dados, podemos afirmar que em nossa amostra os portugueses tendem a apresentar valores superiores na dimensão *Confiança* em seus companheiros amorosos, enquanto os brasileiros apresentam valores mais elevados de *Evitamento* e de *Ambivalência* em suas relações. Relativamente à dimensão *Dependência*, não se verificaram diferenças significativas entre portugueses e brasileiros.

Na amostra portuguesa, apenas a dimensão *Evitamento* apresentou diferença estatisticamente significativa entre os sexos, tendo os rapazes apresentado média superior quando comparada a das raparigas. Melo e Mota (2014) discutem o facto dos rapazes apresentarem-se mais comumente enquadrados no protótipo desinvestido, podendo ser considerado o facto de que eles costumam manifestar um comportamento afetivo mais racional, tendendo a manter um maior distanciamento nos relacionamentos, diferente das raparigas, que geralmente doam-se mais as relações e apresentam-se mais dependentes dos seus companheiros amorosos. Deste modo, os dados parecem confirmar esta ideia que, por vezes, pode ser encarada como um preconceito ou cliché.

Importante destacar que evidenciar maior *Dependência* (quando não excessiva), além da dependência em si, significa também ter a capacidade de expressar desconforto e requerer apoio quando necessário, sendo estes papéis flexíveis e centrais no âmbito das relações íntimas (Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001), em que a procura pela figura que confere protecção/segurança é vista como um movimento saudável e não como um indício de imaturidade ou fragilidade (Collins & Feeney, 2013; Machado, 2009).

Cordeiro (2012) também verificou esta diferença correspondente aos sexos em sua investigação, e pontuou sobre a questão dos papéis sociais diferenciados entre as raparigas e os rapazes, pois enquanto para a mulher é designada a função do cuidado, aos homens a protecção física é mais preponderante, ou seja, a carga

emocional da relação acaba por apresentar-se geralmente direcionada as mulheres. Atualmente verifica-se mudanças nesta estrutura relacional, devido a vários questionamentos suscitados em torno de questões relativas ao género, principalmente em relação ao modo de como se deram suas construções sociais e consequente hierarquização.

Ao traçar um contraponto com os estudos de Feeney e Noller (1990) sobre dependência e evitamento, os autores discutem que os sujeitos seguros evidenciam alto índice de autoconfiança, baixo escore de amor neurótico e de evitação da intimidade, enquanto os sujeitos inseguros apresentam justamente o contrário. Bartholomew e Horowitz (1991) descreveram o protótipo de vinculação segura associados a maior autoestima e competências pessoais para expressar sentimentos, enquanto os de vinculação evitante, sobretudo os desinvestidos, demonstram confiança somente em si, dão ênfase a sua autonomia e costumam negar o *stress*. Nesse sentido, poderíamos falar que as mulheres se utilizam de comportamentos mais “saudáveis” em suas relações amorosas ao apresentarem-se menos evitantes em comparação aos homens.

Outro facto que nos chama a atenção em nossos dados, é a ausência de diferença nas outras dimensões entre os sexos em ambas as amostras, fazendo-nos refletir sobre a proximidade dos comportamentos entre os rapazes e as raparigas no que diz respeito ao relacionamento amoroso. Conforme referimos, atualmente verificam-se mudanças relacionadas aos estereótipos masculino e feminino, sendo imperativa a diminuição de discriminantes/padrões que os diferencia e que consequentemente também abarca o contexto do relacionamento amoroso. Tendo em vista que a nossa investigação compreendeu uma maioria de estudantes universitários, ou seja, pessoas mais instruídas, pode-se pensar em seu reflexo desta verificação em torno do sexo, pois subentende-se que são pessoas mais conscientes, principalmente sobre o seu papel social; seria porém necessário confirmar esta ideia com novas investigações.

Em nossa investigação, também buscamos perceber as variâncias manifestas durante o relacionamento amoroso, e para isso traçamos um paralelo a fala de Hazan e Zeifman (1999), pois de acordo com estes autores, o laço de vinculação começa a construir-se geralmente durante os dois primeiros anos de

relacionamento, de modo que o companheiro se constitui como figura de vinculação durante este período. Após esta fase de vinculação, a necessidade de proximidade geralmente torna-se diminuída se comparada ao início do relacionamento, devido a passagem do companheiro ao posto de base segura. Tendo em vista essa alteração, procedemos com a análise referente ao tempo de namoro relativa as dimensões do Questionário de Vinculação Amorosa, e assim verificámos que na amostra portuguesa o Evitamento diminui significativamente após dois anos de relacionamento, enquanto na amostra brasileira, a Dependência aumenta de maneira estatisticamente significativa. Esperávamos que o vínculo se tornaria mais seguro após esse período, porém a amostra brasileira não correspondeu a essa expectativa.

Em relação as correlações encontradas entre o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e o Questionário de Vinculação Amorosa, na amostra portuguesa verifica-se que a Qualidade do Laço Emocional aos Pais é um determinante importante para o desenvolvimento da Confiança no relacionamento amoroso. A Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe apresenta correspondência a Dependência na relação amorosa, sugerindo que quanto maior for a percepção dos filhos diante da inibição da exploração da mãe, mais difícil será para estes manterem-se não tão dependentes dos seus companheiros, sendo demonstrada a mesma similaridade com a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai. O Evitamento no relacionamento apresentou correlação com a Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai, ou seja, quanto maior esta inibição por parte do pai, mais se verifica indícios de evitamento com o companheiro amoroso. A Ambivalência correlacionou-se positivamente com a Inibição da Exploração e Individualidade à Mãe, e negativamente com Qualidade do Laço Emocional a ambos os pais.

Em relação a amostra brasileira, encontrámos similaridades entre os dados apresentados pela amostra portuguesa, porém com algumas diferenças, como era esperado, devido a distinção entre as nacionalidades e conseqüentemente a cultura de ambas. Percebemos na amostra brasileira que quanto maior a Inibição da Exploração e Individualidade dos pais (correlação mais forte entre a mãe), menor é a Confiança estabelecida nos relacionamentos, enquanto um maior índice de

Confiança no relacionamento amoroso, apresenta-se relacionada a uma maior Qualidade do Laço Emocional com os pais (correlação mais forte entre a mãe), também relacionada a Ansiedade de Separação à Mãe. A Dependência nos relacionamentos correlacionou-se positivamente com a Qualidade do Laço Emocional à Mãe e a Ansiedade de Separação e Dependência a ambos os pais. O Evitamento apresentou-se mais evidente quanto maior o índice de Inibição da Exploração e Individualidade ao Pai. A Ambivalência apresentou-se maior em sujeitos que apresentaram maiores índices de Inibição da Exploração e Individualidade aos pais e uma menor Qualidade no Laço Emocional à Mãe.

Ao verificar as correlações do QVPM e do QVA de ambas as amostras, percebemos a influência que a relação construída com os pais exerce no relacionamento amoroso, independente da nacionalidade em questão. Uma das diferenças que nos chama a atenção entre as amostras é que enquanto na amostra portuguesa ambos os pais são reportados de forma semelhante, a amostra brasileira apresenta-se mais destoante entre os pais, sendo a mãe direcionada uma maior influência em relação aos relacionamentos amorosos. Podemos refletir se o facto da amostra brasileira ter comportado uma média muito superior a amostra portuguesa em relação a pais divorciados/viúvos, possa ter influenciado na diferença de relação entre os pais, sendo que geralmente após separações, os filhos tendem a residir com as mães, tornando o vínculo mais próximo a elas.

Confirmámos as hipóteses em ambas as amostras em relação as correlações que havíamos delineado: A dimensão Confiança correlacionou-se negativamente com a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade e positivamente com a dimensão Qualidade do Laço Emocional; A dimensão Dependência correlacionou-se positivamente com as dimensões Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de Separação e Dependência; A dimensão Evitamento correlacionou-se positivamente com a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade e negativamente com as dimensões Qualidade do Laço Emocional; A dimensão Ambivalência correlacionou-se positivamente com a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade e negativamente com a dimensão Qualidade do Laço Emocional.

Em relação a análise que fizemos dos clusters, torna-se importante

destacar a discussão realizada por Matos, Barbosa e Costa (2001), sobre o facto da não possibilidade de obtenção de médias específicas para cada protótipo, porém, a análise da variância multivariada torna possível identificar os padrões de vinculação através da interpretação das médias apresentadas. Para efetuarmos as análises dos padrões de vinculação parental, utilizámos o manual desenvolvido por Gouveia e Matos (2011). Os sujeitos enquadrados no padrão *seguro* caracterizaram-se por apresentar valores médios nas dimensões Inibição da Exploração e Individualidade e Ansiedade de Separação e Dependência e valores médios elevados na dimensão Qualidade do Laço Emocional. O padrão *preocupado* correspondeu aos *clusters* que apresentaram valores médios visivelmente superiores em relação a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência, e valores médios superiores de Qualidade do Laço Emocional, sendo os valores da Inibição da Exploração e Individualidade menos elevados. O padrão *amedrontado* caracterizou-se por apresentar valores elevados nas dimensões Inibição da Exploração e Individualidade e na Ansiedade de Separação e Dependência. O padrão *desinvestido* comportou sujeitos que apresentaram valores médios baixos nas dimensões Ansiedade de Separação e Dependência e Qualidade do Laço Emocional, e valores mais elevados na dimensão Inibição da Exploração e Individualidade.

Conforme mencionamos anteriormente sobre as diferenças entre as relações parentais dos portugueses e dos brasileiros, o mesmo verifica-se na análise dos *clusters*, pois enquanto os portugueses apresentaram percentagens de padrão parecidas em relação a ambos os pais, os brasileiros apresentaram bastante diferenças neste aspecto, como exemplo, o padrão de vinculação seguro em relação à mãe ter apresentado um decréscimo quase que pela metade em relação ao pai, ou seja, poucos foram os sujeitos que se enquadraram no padrão de vinculação seguro com o pai na amostra brasileira.

Para estabelecermos os *clusters* do Questionário de Vinculação Amorosa, baseamo-nos nos trabalhos de Matos, Barbosa e Costa (2001) e de Feeney (2004), que de acordo com o modelo de Bartholomew, traçaram pormenores acerca dos protótipos de vinculação. Assim, o protótipo *seguro* foi enquadrado de acordo com os sujeitos que apresentaram alta confiança, graus moderados de dependência

e evitamento, sendo os menos ambivalentes em comparação aos outros estilos de vinculação. Os sujeitos *preocupados* corresponderam aqueles que demonstraram valores de confiança, dependência e ambivalência mais elevados e de evitamento mais baixos, sendo que a ambivalência com valores relativamente altos releva a insatisfação destes sujeitos frente ao relacionamento amoroso. Os sujeitos *amedrontados* foram classificadas entre os que apresentam valores elevados de dependência, evitamento e ambivalência e baixa confiança. São sujeitos que desejam a intimidade, relativo aos valores de dependência, mas desconfiam dos outros, e por isso, evitam se envolver pelo receio da perda ou da rejeição. São envolvidos por insegurança, necessidade de aprovação e falta de assertividade. Os sujeitos *desinvestidos* foram assim classificados pois apresentam valores bastante elevados de evitamento, e valores baixos de confiança, pois geralmente enfatizam a autossuficiência, tendo a sua autoestima dependente das experiências de intimidade, envoltas por excessiva frieza e desvalorização das relações, representada pelos valores baixos de dependência.

Em comparação as amostras, os portugueses apresentaram maior média de sujeitos Preocupados e Desinvestidos, enquanto os brasileiros apresentaram mais sujeitos com padrões Seguros e Amedrontados. Independente do padrão em que os sujeitos foram enquadrados, os brasileiros apresentaram maiores índices de Confiança, Ambivalência e de Evitamento, o que torna interessante se pensarmos nos modos diferentes que estes sujeitos costumam se relacionar em comparação aos portugueses, que apesar de demonstrarem menor Confiança, apresentam menos Ambivalência e Evitamento em suas relações.

Em relação a Confiança no relacionamento, na amostra portuguesa vimos que o protótipo de vinculação Seguro e Preocupado com ambos os pais apresentam maiores médias, conforme o esperado tendo em vista que são os dois protótipos que possuem um modelo positivo dos outros segundo Bartholomew (1990; 1997); enquanto na amostra brasileira, foram os sujeitos de vinculação Preocupada com a mãe e Amedrontada com o pai que apresentam maiores médias. Quando analisámos as médias destes padrões apresentadas na amostra brasileira na dimensão Qualidade do Laço Emocional, percebemos que estes apresentam médias mais elevadas em comparação a vinculação Segura, o que nos leva a

questionar se a Qualidade do Laço Emocional influenciará, de certa forma, mais na Confiança com o companheiro amoroso, que o protótipo de vinculação desenvolvido com os pais. Quando verificámos que os sujeitos Desinvestidos com os pais apresentam menores médias na Qualidade do Laço Emocional, e também em relação à Confiança com o companheiro amoroso, remete-nos ao facto que abordamos acima, sendo este dado já expectável, tendo em vista que são sujeitos que geralmente minimizam a importância dos seus companheiros em suas vidas e demonstram excessiva frieza, principalmente pelo histórico de rejeição que tiveram com os pais. Esta questão verificada na dimensão da Qualidade do Laço Emocional se mostrar superior nos outros protótipos (Preocupado com a mãe e Preocupado/Amedrontado com o Pai) na amostra brasileira, e não no protótipo Seguro como seria o esperado, seria algo interessante de ser melhor explorado, porém, como não possuímos dados suficientes que nos permitam aprofundar este dado, deixaremos esta questão em aberto.

Em relação à dimensão da Dependência ao companheiro amoroso, esperávamos que os sujeitos de vinculação Preocupada com os pais apresentassem média mais elevada, tendo em vista a elevada dependência que possuem com os pais e que poderia também ser correspondente na relação amorosa. Confirmamos esta hipótese na amostra brasileira, porém na amostra portuguesa esta relação se apresentou somente com a figura paterna, tendo sido vista uma maior Dependência ao companheiro amoroso nos padrões Desinvestidos em relação à mãe. Dado bastante curioso, tendo em vista que o padrão desinvestido é enquadrado entre os sujeitos que referem menos dependência devido o modelo que possuem de si como autossuficientes, questão esta que poderia ser melhor explorada em outras investigações.

A dimensão Evitamento com o companheiro amoroso apresentou médias elevadas no protótipo Desinvestido desenvolvido com os pais em ambas as amostras, resultado este já aguardado, pois são os sujeitos que costumam não buscar suporte de outras pessoas, devido à falta de confiança que possuem em outras pessoas. Na amostra portuguesa, os sujeitos que referiram menos Evitamento foram os enquadrados no protótipo seguro, enquanto na amostra brasileira foram os sujeitos de padrão preocupado, sendo estes dois os protótipos

que possuem um modelo positivo do outro, logo eram os quais esperávamos menor evitamento em suas relações.

Na amostra portuguesa, a Ambivalência no relacionamento amoroso apresentou-se menos elevada no protótipo de vinculação segura e mais elevada no padrão de vinculação desinvestida com ambos os pais. Na amostra brasileira verificou-se o mesmo em relação à mãe, porém em relação ao pai, os sujeitos Preocupados apresentaram maior média, enquanto os sujeitos Amedrontados apresentaram média menor, sendo estes dados bastante divergentes quando comparados à amostra portuguesa em relação ao pai. Tendo em vista as observações que referimos anteriormente sobre a relação paterna na amostra brasileira, este também seja um dado que deva ser melhor analisado posteriormente.

Capítulo 10

Conclusão

10. Conclusão

Conforme mencionámos no decorrer do trabalho, a teoria da vinculação iniciou seus estudos sobre vinculação adulta com base nos relacionamentos amorosos somente por volta de 1980, ou seja, são investigações ainda recentes e que merecem ser melhor exploradas. Ao compreender o apontamento de vários autores aos pares sexuais como exemplos de vinculação adulta, sendo a relação parental o sustentáculo utilizado na construção de expectativas sobre disponibilidade e obtenção de cuidados, buscamos investigar formas de como os modelos comportamentais funcionam, sendo estes guias em analogia também frente aos relacionamentos amorosos.

De acordo com esta perspectiva, em nossa investigação percebemos que o sujeito inseguro (que recebe respostas desfavoráveis por parte dos pais), acabam por encaminhar-se em novas relações também desajustadas, instalando-se assim um ciclo vicioso, tornando perceptível certa continuidade dos padrões de vinculação, conforme verificámos também no padrão seguro, porém de forma contrária. Desta forma, percebemos a importância que os pais possuem no desenvolvimento emocional dos filhos, pois desta relação serão criadas expectativas e crenças que guiarão as percepções sobre as relações e os companheiros que se “espera” ter posteriormente.

Essas expectativas influenciam algumas facetas das relações interpessoais, incluindo em como os indivíduos percebem os seus companheiros, em como são feitas as inferências sobre as suas ações e em como cada um se comportará no contexto das relações românticas. Sendo assim, a vinculação amorosa se relaciona com a qualidade das relações parentais, dependentes também de experiências posteriores de segurança/insegurança que serão vivenciadas na relação com o companheiro amoroso, pois as relações amorosas além de confirmar expectativas, podem também ser contrárias a estas e funcionar como rompedoras dos padrões de vinculação apreendidos com os pais.

Em nosso trabalho percebemos que dificuldades relativas à intimidade estão implicadas nas relações com os pais, sendo o comportamento da pessoa de quem derivou a percepção de conforto e segurança visto de certa forma também no companheiro amoroso, em que os sujeitos mais seguros são aqueles que

referem querer estar próximo ao companheiro, especialmente em tempos de *stress* e que geralmente protestam quando o companheiro ameaça tornar-se indisponível. Perceber o outro como disponível e responsivo em situações problemáticas, conferindo a este o estatuto de base segura, consolida o estabelecimento e o desenvolvimento da intimidade, mais dificultado nos casos de vinculação insegura, conforme verificámos em nosso estudo.

Assim, concluímos que diferenças nos modelos internos dinâmicos indicam que dependendo do tipo de vinculação desenvolvida com os pais, as crenças serão distintas sobre o curso do amor romântico. Sujeitos que percebem as relações com os familiares de maneira mais calorosa e próxima, exibem melhor capacidade para expressar seus sentimentos, menos ansiedade em ser amado ou abandonado e aceitam melhor a dependência a um outro, dado este mais representativo entre as raparigas. Como vimos, sujeitos que não apresentam um vínculo seguro terão maior dificuldade de apresentar adequação em suas respostas emocionais quando o ambiente lhe for desconfortável, ou seja, pressupõe-se possuírem uma baixa competência emocional nesse sentido. A regulação das emoções negativas e a maneira como o indivíduo busca proximidade, diz respeito a como a figura parental respondeu aos seus sinais de necessidade em ser ajudado e em como se organiza de forma específica o seu sistema comportamental de vinculação.

Em nossa investigação percebemos várias diferenças em relação a vinculação desenvolvida com os pais e com os companheiros amorosos entre a amostra portuguesa e brasileira, tendo em vista a influência das diferenças culturais. Outras investigações poderiam explorar melhor algumas questões entre as relações parentais e românticas que por nós não foram tratadas devido as limitações presentes em nosso estudo, principalmente pelo facto de termos escolhido uma abordagem quantitativa, que não nos permitiu explorar algumas questões tendo em vista que não foram tratadas nos instrumentos que utilizámos. Nosso estudo apresentou limitação também no que diz respeito a amostra, tendo em vista a sua maior representatividade ter sido enquadrada entre estudantes.

Os resultados deste estudo ressaltam a importância dos pais como figuras de vinculação essenciais, visto a importância destes papéis no fornecimento de um

sentido básico de segurança e disponibilidade mantido por jovens adultos, e que apesar da transferência realizada aos companheiros amorosos, a vinculação estabelecida com os pais faz-se presente mesmo que de maneira indireta e muito provavelmente por toda a vida.

O interesse nesta questão se deu devido a percepção de que muitos adultos buscam por acompanhamento psicológico como forma de resolução de problemas decorrentes de seus relacionamentos amorosos. Porém, conforme pudemos constatar, há uma relação muito estreita entre a vinculação apreendida com os pais e a vinculação desenvolvida com o companheiro amoroso, logo, em terapia é necessário que questões anteriores aos relacionamentos precisem ser melhor exploradas como forma de perceber e relacioná-los a problemas atuais. As formas primárias de vinculação devem sempre ser questionadas, pois nelas estão as respostas que muitas vezes ignoramos.

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American psychologist*, 46(4), 333-341.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716.
- Assunção, R. (2009). *Associação entre vinculação parental e amorosa: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva* (dissertação de mestrado). Universidade do Porto, Porto.
- Assunção, R., & Matos, P. M. (2010). A vinculação parental e amorosa em adolescentes: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva. *Actas do VII simpósio nacional de investigação em psicologia*. 1574-1588.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal relationships*, 7(2), 147-178.
- Bartholomew, K. (1997). Adult attachment processes: Individual and couple perspectives. *British Journal of Medical Psychology*, 70, 249-263.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61(2), 226-244.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child development*, 62, 647-670.
- Benz, U., & Axelrod, T. (2004). Traumatization through separation: Loss of
-

-
- family and home as childhood catastrophes. *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies*, 23(1), 85-99.
- Berscheid, E. (1983). Emotion. In H. H. Kelley, E. Berscheid, A. Christensen, J. H. Harvey, T. L. Huston, G. Levinger, E. McClintock, L. A. Peplau, & D. R. Peterson (Eds.), *Close relationships* (pp. 110-168). New York: Freeman.
- Bowlby, J., Miller, E., & Winnicott, D. W. (1939). Evacuation of small children. *British Medical Journal*, 2(4119), 1202-1203.
- Bowlby, J. (1952). *Maternal care and mental health*. Geneva: OMS.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss. Vol. 1. Attachment* (2^a ed). New York: Basic Books. Disponível em: abebe.org.br
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books. Disponível em: abebe.org.br
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock Publications Limited. Disponível em: books.google.pt
- Bowlby, J. (1958). *The nature of the child's tie to his mother*. *International Journal of Psychoanalysis*, 29, 1-23.
- Bowlby, J. (1988/1992). *A secure base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge. Disponível em: books.google.pt
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology*, 28(5), 759-775.
- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: A review. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 9-23.
- Campos, J. J., Barrett, K. C., Lamb, M. E., Goldsmith, H. H., & Stenberg, C. (1983). Socioemotional Development. In M. M. Haith & J. J. Campos (Eds.), *Handbook of Child Psychology. Vol. 2: Infancy and Psychobiology* (pp. 783-915). New York: Wiley.
- Carvalho, M., Martins, E. C., Neves, L., & Soares, I. (2009). Vinculação e emoções. *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e*
-

- avaliação*. (2ª ed). 159-191.
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.
- Cohen, L. J., & Campos, J. J. (1974). Father, mother, and stranger as elicitors of attachment behaviors in infancy. *Developmental Psychology*, *10*(1), 146-154.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of personality and social psychology*, *58*(4), 644-663.
- Correia, F., & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa: Papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica*, *34*(1), 15-29.
- Denham, S. A. (1997). When I have a bad dream mommy holds me: Preschoolers' conceptions of emotions, parental socialisation, and emotional competence. *International Journal of Behavioral Development*, *20* (2), 301-319.
- Duarte, C. M. N. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal*. (Tese de doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Erikson, E. (1959/1980). *Identity and the life cycle*. New York: W. W. Norton & Company.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). 2ª ed. Vinculação na idade adulta. *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*, 121-158.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of personality and Social Psychology*, *58*(2), 281-291.
- Feeney, J. (2004). Adult romantic attachment and couple relationships. (2ª ed). In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical application* (pp. 456-481). New York: The Guilford Press.

- Figueiredo, B. (2003). Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebé. *Revista Internacional de Psicología Clínica y de la Salud*, 3(3), 521-539.
- Figueiredo, T., & Machado, T. S. (2010). *Representação da vinculação a pais, pares e professores-estudos preliminares do IPPA-R para crianças do ensino básico*. I Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”. Braga: Universidade do Minho, Portugal.
- Freitas, V., & Mota, C. P. (2015). Implicações da vinculação amorosa e suporte social na autoestima em jovens universitários. *Análise Psicológica*, 33(3), 303-315.
- Freud, A., & Burlingham, D. (1943). *Infants without Families: The case for and against residential nurseries*. New York: International University Press.
- Furman, W., & Simon, V. A. (2004). Concordance in attachment states of mind and styles with respect to fathers and mothers. *Developmental Psychology*, 40(6), 1239-1247.
- Gouveia e Matos (2011). Manual QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe. Disponível em: <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>
- Guedeney, A. (2004a). A teoria da vinculação: A história e as personagens. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Eds). *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 25-31). Lisboa: Climepsi Editores.
- Guedeney, N. (2004b). Conceitos-chave da teoria da vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Eds). *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 33-43). Lisboa: Climepsi Editores.
- Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *The American Psychologist*, 13(12), 673-685.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
-

- Hazan, C. & Zeifman, D. (1999). Pair Bonds as Attachments. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 336-354). New York: The Guilford Press.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1989). Research on love: Does it measure up? *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(5), 784-794.
- Kirkpatrick, L.A., & Davis, K.E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(3), 502-512.
- Kobak, R. (1999). The emotional dynamics of disruptions in attachment relationships. Implications for theory, research, and clinical intervention. In J. Cassidy, e P. R. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 21- 43). New York: Guilford Press.
- Kotelchuck, M. (1973). *The nature of the infant's tie to his father*. Ph.D. dissertation, Department of Social Relations, Harvard University.
- Lamb, M. E. (1976). Twelve-month-olds and their parents: Interaction in a laboratory playroom. *Developmental Psychology*, 12(3), 237-244.
- Lefèvre, F. (1991). A criança pré-escolar: o nascimento do ser simbólico. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano São Paulo*. 1(1), 64-70.
- Levy, D. M. (1937). Primary affect hunger. *The American Journal of Psychiatry*, 94(3), 643-652. [Abstract]
- Lopez, F. G., Melendez, M. C., Sauer, E. M., Berger, E., & Wyssmann, J. (1998). Internal working models, self-reported problems and help-seeking attitudes among college students. *Journal of Counselling Psychology*, 45(1), 79-83.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(2), 5-28.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII (1), 139-156.

- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., & Pinto, A. (2014). Modelos internos dinâmicos de vinculação: Uma metáfora conceptual?. *Análise Psicológica*, 32(3), 279-288.
- Main, M., & Solomon, J. (1988). Discovery of an insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. W. Yogman (Eds.), *Affective Development in Infancy*, pp. 95-124.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security of infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research* (pp. 66-106). Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized-disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M.T. Greenbert, D. Cicchetti, & E.M. Cummings (1990), *Attachment in the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M. (1996). Introduction to the special section on attachment and psychopathology: 2. Overview of the field of attachment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(2), 237-243.
- Matos, P. M. (2002). *(Des) continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. (Tese de doutoramento). Universidade do Porto: Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126.
- Matos, P. M., Cabral, J., & Costa, M. E. (2008). Questionário de Vinculação Amorosa - versão breve (QVA). Universidade do Porto: Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Melo, O. S., & Mota, C. P. (2014). Protótipos de vinculação amorosa: Bem-estar
-

-
- psicológico e psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas. *Análise Psicológica*, 32(3), 307-322.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2003). The attachment behavioral system in adulthood: Activation, psychodynamics, and interpersonal processes. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 3, pp. 53-152). Amsterdam: Academic Press.
- Mikulincer, M. (2006). Attachment, caregiving, and sex within romantic relationships. In M. Mikulincer & G. S. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 23-44). New York: The Guilford Press. Disponível em: books.google.pt
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family process*, 41(3), 405-434.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations in adulthood: Contents and processes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 159-195). New York: Guilford Press.
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Eds). *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 45-53). Lisboa: Climepsi Editores.
- Mintz, A. S. (2004). Vinculação, casal e família. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Eds), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 183-191). Lisboa: Climepsi Editores.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações Criança/Mãe e Criança/pai. *Psicologia*, 22(1), 104-125.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (2001/2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal: Fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 181-195.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and
-

- developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219.
- Piaget, J. (1947). *La représentation du monde chez l'enfant*. Paris : PUF.
- Piaget, J. (1948). *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Rabouam, C., & Moralès-Huet, M. (2004). Cuidados parentais e vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney (Eds). *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 71-85). Lisboa: Climepsi Editores.
- Rocha, M. (2008). O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso. (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto, Porto.
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1995). Accommodation and attachment representations in young couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 389-401.
- Schaffer, H. R., & Emerson, P. E. (1964). The development of social attachments in infancy. *Monographs of the society for research in child development*, 29 (Serial No. 94).
- Schmidt, E. B., & Argimon, I. I. L. (2009). Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(43), 211-220.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment and Human Development*, 4, 133-161.
- Silva, F., Fernandes, M., Veríssimo, M., Shin, N., Vaughn, B. E., & Bost, K. K. (2008). A concordância entre o comportamento de base segura com a mãe nos primeiros anos de vida e os modelos internos dinâmicos no pré-escolar. *Análise Psicológica*, 26(3), 411-422.
- Silva, M. D. G., & Costa, M. E. (2014). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, 18(2), 9-32.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal of personality and social psychology*, 59(5), 971-
-

980.

Suomi, S.J., Harlow, H.F. (1972). Social rehabilitation of isolate-reared monkeys. *Developmental Psychology*, 6(3), 487-496.

Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment, Theory Research and Clinical Applications* (pp. 265-284). New York: The Guilford Press.

van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: a meta-analytic search for normative data. *Journal of consulting and clinical psychology*, 64, 8-21.

van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1997). Intergenerational transmission of attachment: A move to the contextual level. *Attachment and psychopathology*, 135-170.

van IJzendoorn, M. H. V., & Wolff, M. S. D. (1997). In Search of the absent father-meta-analyses of infant-father attachment: A rejoinder to our discussants. *Child Development*, 68, 604-609.

Verissimo, M., Fernandes, C., Santos, A., Peceguina, I., Vaughn, B., & Bost, K. (2011). A relação entre a qualidade da vinculação à mãe e o desenvolvimento da competência social em crianças de idade pré-escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(2), 292-299.

Weiss, R. S. (1975). *Marital Separation*. New York: Basic.

Weiss, R. S. (1982). Attachment in adults. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York: Basic.

ANEXOS

Questionário Sociodemográfico

É muito importante que leias atentamente e respondas a TODAS as questões. Deixar alguma questão em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as tuas respostas sejam incluídas na investigação.

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Escolaridade:

Bacharelato Em curso Concluído

Licenciatura Em curso Concluído

Mestrado Em curso Concluído

Doutoramento Em curso Concluído

Nacionalidade:

Portuguesa

Brasileira

Outra _____

Ocupação:

Estudante

Trabalhador-estudante

Outra _____

Neste momento estás numa relação amorosa?

Sim

Não

Nunca tive uma relação amorosa

Caso a tua resposta seja afirmativa, há quanto tempo manténs uma relação amorosa?

Caso a tua resposta não seja afirmativa, de quanto tempo foi a tua relação amorosa mais duradoura? _____

Estado civil dos pais:

Casados

Divorciados

Viúvos

Com quem vives?

Pais

Avós

Amigos

Outro _____

Fazes ou fizeste acompanhamento psicológico? _____

Caso a tua resposta seja afirmativa, por quanto tempo? _____

QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

(Matos, P. M., Cabral, J. & Costa, M. E., 2008; Versão Breve).

Este questionário procura descrever as diferentes maneiras de como as pessoas se relacionam com o/a seu/sua companheiro(a). Leia atentamente cada uma das frases e assinale a resposta que melhor exprime o modo como te sentes na relação com o(a) teu(tua) companheiro(a). Se actualmente não tens um(a) companheiro(a), mas já tiveste no passado, responde ao questionário reportando-se à relação mais duradoura. Se nunca tiveste um(a) companheiro(a), responde ao questionário imaginando como seria esta relação.

1 Discordo Totalmente	2 Discordo Parcialmente	3 Discordo Pouco	4 Concordo Pouco	5 Concordo Parcialmente	6 Concordo Totalmente
--	--	---	---	--	--

1. O(A) meu(minha) companheiro(a) respeita os meus sentimentos.	1	2	3	4	5	6
2. Gostava de ser a pessoa mais importante para ele(a), mas não estou certa(o) de que assim seja.	1	2	3	4	5	6
3. O(A) meu(minha) companheiro(a) compreende-me.	1	2	3	4	5	6
4. Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo.	1	2	3	4	5	6
5. Às vezes sinto admiração por ele(a); outras vezes não.	1	2	3	4	5	6
6. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.	1	2	3	4	5	6
7. Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.	1	2	3	4	5	6
8. Sei que posso contar com o(a) meu(minha) companheiro(a) sempre que precisar dele(a).	1	2	3	4	5	6
9. Sei que se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito.	1	2	3	4	5	6
10. Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas.	1	2	3	4	5	6
11. Eu e o(a) meu(minha) companheiro(a) somos como se fôssemos um só.	1	2	3	4	5	6
12. Prefiro que ele(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.	1	2	3	4	5	6
13. Não gosto de lhe pedir apoio porque sei que nunca me compreenderia.	1	2	3	4	5	6
14. Ele(a) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser.	1	2	3	4	5	6
15. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.	1	2	3	4	5	6
16. Sempre achei que apesar de gostar do(a) meu(minha)companheiro(a), não vou sentir muito a falta dele(a) se a relação terminar.	1	2	3	4	5	6
17. Às vezes acho que ele(a) é fundamental na minha vida; outras vezes não.	1	2	3	4	5	6

18. Confio nele(a) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.	1	2	3	4	5	6
19. Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele(a).	1	2	3	4	5	6
20. Não preciso dos cuidados do(a) meu(minha) companheiro(a).	1	2	3	4	5	6
21. Ele(a) desilude-me muitas vezes.	1	2	3	4	5	6
22. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele(a) estiver comigo.	1	2	3	4	5	6
23. Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinha(o) ao invés de procurar o(a) meu(minha) companheiro(a).	1	2	3	4	5	6
24. Tenho medo de ficar sozinha(o) se perder o(a) meu(minha) companheiro(a).	1	2	3	4	5	6
25. As relações terminam sempre; mais vale eu não me envolver.	1	2	3	4	5	6

QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

(Matos, P. M. & Costa, M. E, 2001).

Neste questionário vais encontrar um conjunto de afirmações sobre relações familiares. Leia atentamente e assinale a numeração correspondente a resposta que melhor exprime o modo como te sentes com cada um dos teus pais. Caso não resida com os teus pais, pedimos-lhe que te reportes sobretudo ao tempo em que vivias com eles. Primeiramente irás responder em relação a tua mãe, logo depois, em relação ao teu pai.

1	2	3	4	5	6
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Discordo Pouco	Concordo Pouco	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente

	Mãe	Pai
1. Os meus pais estavam sempre a interferir em assuntos que só tinham a ver comigo.		
2. Tinha confiança que a minha relação com os meus pais se mantivesse no tempo.		
3. Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu pensava.		
4. Os meus pais impunham a maneira deles de ver as coisas.		
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles eram únicos para mim.		
6. Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais.		
7. Os meus pais desencorajavam-me quando queria experimentar uma coisa nova.		
8. Os meus pais conheciam-me bem.		
9. Só conseguia enfrentar coisas novas se os meus pais estivessem comigo.		
10. Não valia muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais dávamos o braço a torcer.		
11. Confiava nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.		
12. Estava sempre ansioso para estar com os meus pais.		
13. Os meus pais preocupavam-se demasiado comigo e intrometiam-se onde não eram chamados.		
14. Em muitas coisas eu admirava os meus pais.		
15. Eu e os meus pais éramos como se fôssemos um só.		
16. Em minha casa era problema eu ter gostos diferentes dos dos meus pais.		
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tinha orgulho neles.		

	Mãe	Pai
18. Os meus pais eram as únicas pessoas importantes na minha vida.		
19. Discutir assuntos com os meus pais era uma perda de tempo e não levava a lado nenhum.		
20. Sei que podia contar com os meus pais sempre que precisasse deles.		
21. Fazia tudo para agradar aos meus pais.		
22. Os meus pais dificilmente me davam ouvidos.		
23. Os meus pais tiveram um papel importante no meu desenvolvimento.		
24. Tinha medo de ficar sozinho se um dia perdesse os meus pais.		
25. Os meus pais abafavam a minha verdadeira forma de ser.		
26. Não era capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.		
27. Os meus pais faziam-me sentir bem comigo próprio.		
28. Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim.		
29. Pensava que se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido.		
30. Eu e os meus pais tínhamos uma relação de confiança.		

AUTORIZAÇÃO

Declaro que autorizo Flávia Veppo a utilizar os instrumentos Questionário de Vinculação Amorosa (versão de 25 itens) e Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, no âmbito do seu projeto de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, cujo objetivo é verificar a relação entre o processo de vinculação parental e as suas repercussões nas relações amorosas dos jovens adultos, orientado pelo Prof. Dr. José Pacheco Miguel e coorientado pela Prof. Dra Teresa Sousa Machado e a decorrer na Universidade de Coimbra.

Porto, 14 de Abril de 2016



Prof. Dra Paula Mena Matos

Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação

Universidade do Porto

Rua Alfredo Allen

P-4200-135 Porto-Portugal

Telef. 351 22 6079778/05

Fax 351 22 6079727

email: pmmatos@fpce.up.pt

